

**ALZIRA CONCEIÇÃO DE LIMA ARAUJO**

**O VERBO QUE POPULARIZA O MAL  
ARETÓRICA DA GUERRA NO RAP DE MVBILL**

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Professor Doutor Luiz Antônio Ferreira.

**FRANCA  
2009**

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALZIRA CONCEIÇÃO DE LIMA ARAUJO

**O VERBO QUE POPULARIZA O MAL**

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM  
LINGÜÍSTICA

PRESIDENTE: Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira  
Universidade de Franca

TITULAR 1: Prof.Dr.Luiz Fernando Fonseca Silveira

TITULAR 2: Prof.Dr.Juscelino Pernambuco

FRANCA, 27/03/2009

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

**Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca**

--

***Araujo, Alzira Conceição de Lima***

A687v	O verbo que populariza o mal / Alzira Conceição de Lima Araujo ; orientador: Luiz Antônio Ferreira. – 2009 125 f. : 30 cm.
-------	---

Dissertação de Mestrado – Universidade de Franca

**Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestre em Linguística**

1. Linguística – Retórica. 2. Retórica – Estudo e ensino. 3. Nova retórica – Análise I. Universidade de Franca. II. Título.
CDU – 801:808(07)

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

*DEDICO à Maria-flor, João, minha música das manhãs, José das histórias mais belas e Benedito, meu grande amor. Dedico também à sagrada memória de meus pais, mestres na vida e na morte...*

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me ajudaram a percorrer esta estrada. Tenho muita sorte! Nunca tive, nesta vida, uma companhia ruim. Os “ruins” sempre se foram sem que eu tivesse que mandar que se fossem. Os bons sempre ficaram sem que eu nada tivesse que pedir-lhes. A bondade de meus semelhantes está constantemente de janelas e de portas abertas para minhas necessidades. Acho que nasci com a estrela da sorte na testa, como dizia minha mãe. Por isso, tenho muito a agradecer.

Agradeço muito ao professor Dr. Luiz Antônio, meu orientador, pela generosidade e profissionalismo e por ter me trazido à tona sempre que eu estava me afogando em dúvidas.

Também sou grata aos ao professor Dr. Juscelino Pernambuco e à professora Dra. Edna Maria Fernandes pelas grandes contribuições e pela lição de ética e de respeito com que me brindaram no Exame de Qualificação.

Agradeço a amiga Rosângela Mourão, mulher de grande conhecimento. Com ela aprendi e aprendo sempre, que a educação é uma Ciência muito séria, que exige olhar atento, sensibilidade, muito estudo e muita dedicação.

Desejo agradecer a Dona Márcia Aparecida Barbosa, grande e leal amiga, a professora Maria de Lourdes Coelho, minha diretora, a companheira Zélia Londe, conselheira sensata e bondosa, ao professor Virley e a competente professora Andréa que contribuiu com sua valiosa interlocução.

Finalmente, expresso meus agradecimentos aos colegas da Diretoria de Ensino de Franca: professora Mestre Ivani de Lourdes Marchesi, dirigente de ensino, a gentilíssima supervisora Shirley e a atenta e cuidadosa professora Iolanda.

A todos os que me ajudaram ofereço meus mais sinceros agradecimentos.

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

**Além dos limites do certo e do errado há um campo: nos encontraremos lá.**

Rumi (poeta islâmico do século XV)

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

## RESUMO

ARAÚJO, Alzira Conceição de Lima. **O VERBO QUE POPULARIZA O MAL**, 2009 ,125f. Dissertação mestrado em Lingüística – Universidade de Franca.

Esta dissertação situa-se na área dos estudos da Retórica e da Nova Retórica e tem o propósito de analisar como a guerra se constitui retoricamente, no *rap* de MVBill. O rap constitui-se num dos poemas mais populares, sobretudo entre jovens e adolescentes. Temos por hipótese que as paixões possuem poder para a construção da retórica da guerra neste discurso. O *corpus* é constituído por seis poemas. Eles nos permitem verificar como a guerra se apresenta nos textos. A questão norteadora desta pesquisa é : como se constrói a retórica da guerra nos textos de MVBill? Os resultados comprovam que a guerra é retoricamente construída com paixão e memória. A guerra retórica é constituída de forma tradicional e deseja a conquista, a dominação e o poder.

## ABSTRACT

ARAUJO, Alzira Conceição de Lima. **O VERBO QUE POPULARIZA O MAL**, 2009, 125f. Dissertação mestrado em Lingüística – Universidade de Franca.

This dissertation is in the Rhetoric and New Rhetoric fields and aims to analyse how the war is formed rhetorically in the MVBill's *rap*. The *rap* constitute one of most popular poems above all among yongs and teenagers. We have the hypothesis that the passions own power to construte the rhetoric war in this speech. The *corpus* is formed by sis poems that permit us to verify how the war is present. The mainly question of this research inquires is: How the rhetoric war is constructed in the MVBILL'S *rap* ? The results show that the war is constructed with passion and memory. The rhetoric war is constituted the tradicional mode, follow the costumary rituais and wish conquest, domination and power.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1 RETÓRICA</b> .....	15
<b>1.1 De volta para o passado</b> .....	18
<b>1.1.2 Retórica Antiga</b> .....	22
<b>1.1.3 Retórica Clássica: Retórica das paixões</b> .....	25
<b>2 A NOVA RETÓRICA</b> .....	29
<b>2.1 Os auditórios</b> .....	33
<b>2.2 Argumentação, violência e os acordos</b> .....	34
<b>2.3 Os valores</b> .....	37
<b>2.4 As hierarquias</b> .....	38
<b>3 RUAS DE FOGO</b> .....	40
<b>4 O IMPÉRIO CONTRA - ATACA</b> .....	45
<b>5 AS PAIXÕES: AS EMOÇÕES EVOCADAS NA RETÓRICA DA GUERRA</b> .....	75
<b>6 A METÁFORA DA GUERRA</b> .....	100
<b>CONCLUSÃO</b> .....	102
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	106
<b>ANEXOS</b> .....	109

## INTRODUÇÃO

### GUERRA E PAZ

*No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (João 01:01)*

Talvez a guerra e a paz tenham vindo morar dentro dos homens trazidas pelo primeiro alento de vida que Deus soprou-lhes nas narinas para torná-los almas viventes. O Deus bíblico é paz<sup>1</sup> mas também entra nas contendas e nunca perde uma guerra<sup>2</sup>. Feito à imagem e semelhança de tal Criador, o homem deve ter herdado Dele essas duas faces: a da paz e a da guerra.

Dentre as muitas explicações sobre a origem humana na Terra, a Bíblia, considerada sagrada pelos cristãos, traz a versão mais conhecida pelo mundo ocidental: o homem foi feito do pó da terra e colocado no jardim do Éden para viver eternamente feliz. Mas ele desobedeceu ao seu Senhor.

A desobediência está registrada, no livro de Gênesis, como a primeira característica verdadeiramente humana.

É provável que nesta desobediência já residisse o germe da infelicidade, da insatisfação, do desejo de procurar o desconhecido, o escondido.

De acordo com o primeiro livro da Bíblia, havia uma árvore no jardim cujo fruto era proibido para o paladar do homem, mas as palavras convincentes de uma serpente os levaram a contrariar as ordens de Deus e provar do fruto.

A serpente também morava no paraíso. Ela era a mais astuta das alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito (Gênesis 3:01) e foi ela quem convenceu a mulher de que não havia pecado algum em comer do fruto da árvore da vida.

A mulher, “enganada” pela serpente, tratou de persuadir e convencer seu companheiro e ambos provaram do fruto proibido. Depois disso, tiveram, pela primeira vez, a consciência de que estavam nus e de que haviam transgredido as ordens de seu Senhor.

---

<sup>1</sup> Salmo 04:04

Como “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 2002, p.113) a serpente a utilizou retoricamente para fazer contato com o espírito humano e, enredado pela retórica, o homem andou em direção à serpente. Optou, sem saber, pelo caminho que o faria perder seu direito à tranquilidade e à paz.

Encolerizado com a traição do homem, que fora criado a sua imagem e semelhança, o Senhor decretou que a terra seria maldita e disse: “com dor comerás dela todos os dias” (GÊNESIS 3:17). A mulher foi condenada e recebeu o terrível destino de ter seus filhos com dores e de ser dominada por seu marido.

O Criador também puniu a serpente, responsável por semear a contenda: “maldita serás mais do que toda besta e mais do que todos os animais do campo”. (GÊNESIS 3:14).

Dar crédito às palavras da serpente trouxe sérias consequências para Adão e Eva que, proscritos e humilhados, iniciaram sua caminhada sobre a terra porque o paraíso estava para sempre perdido...

Deus colocou seus querubins de guarda para as bandas do Oriente e uma espada inflamada de fogo para andar ao redor do jardim vigiando-o, a fim de que o homem nunca mais entrasse nele (GÊNESIS 3:24).

A árvore da vida seria eternamente guardada e a paz do jardim nunca mais seria devolvida ao homem. O pecado da desobediência acordou a consciência de que, um dia, ele haveria de retornar ao pó da terra da qual fora feito.

A certeza da morte foi o preço pago pela desobediência. As palavras da serpente semearam a guerra entre Criador e criatura. A guerra e a morte são, portanto, as marcas da serpente.

A partir de então, a guerra e a paz sempre encontram desculpas para habitar entre os homens. Fez-se a guerra por Helena, fez-se a paz por Hiroshima, fez-se a guerra nas cruzadas, fez-se a paz por holocaustos.

Através dos tempos, os homens travaram suas batalhas: irmãos contra irmãos por causa da primogenitura, generais e suas tropas em busca de territórios para seus imperadores, súditos foram para a morte em defesa da honra e dos tesouros do reino.

Em nome da pátria ou em nome de Deus, cavaleiros ergueram suas espadas, soldados fizeram rugir canhões, empunharam armas e derramaram sangue. A paz é constante desculpa para a guerra e a guerra é constante desculpa para a paz. Nascidas no mesmo jardim, a paz e a guerra parecem fazer parte da alma dos homens e se materializam sempre por meio

da palavra, já que ela pode ser paz e acordo, mas pode, igualmente, ser usada para proclamar a discórdia e dar vida à guerra.

A arma mais poderosa dos homens é, inegavelmente, a palavra. Na verdade, sua força vem do fato de que não pronunciamos ou ouvimos palavras, mas as verdades ou mentiras que elas representam. Ouvimos as coisas boas ou más, que nos agradam ou não. Bakhtin (2002, p.95) esclarece que “toda palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

O discurso pode se reverter em vida e a vida pode se reverter em discurso num ciclo vicioso, pois o que o homem pensa, escreve ou fala, carrega seus modos de ver e sentir o mundo. Revela sua cultura, suas relações sociais, sua história e suas buscas. Interessamo-nos pela sedução e pelo calor das palavras.

Causam-nos especial interesse as palavras do *corpus* selecionado que, organizadas numa estrutura de texto poético, mostram dor, força e fúria. Encantamo-nos com o discurso poético contemporâneo do *rap* do “Mensageiro da Verdade” e com a leitura que ele faz sobre os males e as esperanças dos homens marginalizados de nosso tempo, que se vêem, muitas vezes involuntariamente, envolvidos na impiedosa guerra urbana.

Da preocupação com a guerra, criada nos textos de *rap* de MVBill, nasce esta pesquisa. Percebemos que a referência constante às armas, morte, sangue, generais, trevas, ódio, rebelião, dentre outras palavras relativas ao universo das batalhas, sugerem que este discurso procura persuadir para o confronto e para a construção do que Halliday (1998, p.49) chama de “metáfora bélica”.

Acreditamos que o *rap* de MVBill pode, em um primeiro momento, causar impacto negativo por seu aparente chamado para a luta armada, mas acreditamos, também, que a retórica possibilita-nos fazer uma leitura que nos aproxime, teoricamente, das intenções do retor e dos “atos retóricos”<sup>3</sup> que pretendemos mostrar neste trabalho.

Isso só é possível pelo fato de que a leitura retórica não quer provar se o texto está certo ou errado em suas afirmações e nem se ele tem ou não razão. A retórica quer o diálogo. A leitura retórica não é uma leitura neutra (pois nenhuma leitura o é). Ela não se abstém de mostrar forças e fraquezas do texto nem em estabelecer juízos de valor. Reboul (2004, p.139) explica que “a leitura na retórica é um diálogo”.

<sup>3</sup> “entende-se por ato retórico o texto ou a fala que, introduzida numa determinada situação problemática

Porém, em retórica, a palavra diálogo só pode ser entendida num sentido amplo como a define Bakhtin (2002, p.123), “não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”.

Ancorados neste conceito da leitura dialógica, procuramos investigar o *corpus* para desvendar seus pontos fortes e fracos, suas paixões, “valores” e as histórias que, possivelmente, pode nos contar sobre a guerra declarada.

Em termos teóricos e metodológicos, fizemos opção pela retórica porque, além da teoria e do método, fundamentais a qualquer trabalho acadêmico, ela nos oferece, ainda, a oportunidade do aprendizado com o texto. Possibilita-nos mostrar que os argumentos são frutos dos contextos. “Um argumento nunca está isolado de seu contexto e não é forte ou fraco, senão no contexto. Fora do contexto, ele não é argumento” (VANNIER, 2001, p. 60).

O poema, sedutora criação humana, serve para dar vida e voz ao discurso de MVBill. O “marginal” menestrel fala, apaixonadamente, sobre a realidade triste das favelas e senzalas da atualidade. Isso o faz clamar por uma justiça que não se atém ao momento do ato retórico, mas que se estende pelos tempos do passado.

“Importante ressaltar-se que a configuração do texto poético se afeiçoa mais à forma da linguagem do que aos possíveis dotes conceituais (...). A poesia tem liberdade, poder e autonomia suficientes para chegar a todos os assuntos, ainda que dolorosos e incomodantes, tratando de guerras ou catástrofes. A especificidade da linguagem utilizada em cada contexto é que lhe agrega elementos de literariedade propiciadores de distinções em relação a outras linguagens: jornalística, prosa de ficção, técnico científica e burocrática, por exemplo”<sup>4</sup>.

É importante lembrar que

A poesia tem um caráter duplamente “revolucionário”; primeiro porque vai contra o mundo-mercadoria que cada vez mais domina a face do planeta, e seu caráter lúdico torna-se transgressor: ela não pertence à lógica e ao mundo da compra-e-venda. A poesia é gratuita, “não tem finalidades”, sua utilidade é sua inutilidade; mostrar ao mundo da produção e do consumo sua contra-face, oculta, sufocada o mundo da imaginação e da sensibilidade, “incontrolável” mundo dos sentimentos do qual a razão nunca vai tomar posse (HAESBAERT, 2006, p. 147).

Como a poesia nos descortina a outra face do mundo, podemos entender o discurso poético de MVBill como uma espécie de provocação aos pesquisadores de diferentes áreas das ciências ligadas às técnicas da comunicação humana que queiram aceitar o convite à reflexão sobre o que está escondido a respeito de nossa cultura e nossa identidade nos “diamantes brutos” da poesia *rap*.

Justificamos a relevância desta pesquisa no fato de que a leitura retórica possibilita que o discurso poético do *rap*, este gênero sincrético que alia palavra e canção, ganhe maior reconhecimento como construção literária e objeto digno de estudo. Acreditamos que a retórica como ferramenta teórica, pode corroborar para que o *rap* alcance, cada vez mais, o *status* de criação artística digna de apreciação e de estudos acadêmicos.

O rap de Bill faz parte da cultura hip-hop, que possui quatro vertentes, ou quatro “elementos” (que serão tratados mais detalhadamente no capítulo II), segundo seus praticantes: *o rap, o stretch, o break e o grafite*. De acordo com Geremias

cada uma dessas práticas se define e ganha sentido pela adesão a um projeto comum, reunido sob o nome de “cultura hip-hop”, que é definido essencialmente por uma “atitude”, uma postura ética e moral em relação ao mundo (GEREMIAS, 2006, p.21)

Para esta pesquisa tomamos como objeto de estudos o “elemento” *rap* (o poema) representante da vertente literária do hip-hop. Procuramos responder à seguinte questão: **como é construída a retórica da guerra nos textos de MVBill?** É sobre esta pergunta que nos debruçamos e, sobre ela, lançamos o olhar teórico da Retórica com a intenção de investigar os recursos persuasivos utilizados para constituir “a guerra”.

Temos uma hipótese que nos fornece instrumental inicial para esta pesquisa. Acreditamos, *a priori*, que as paixões, exageradamente expostas nos versos, sejam a coluna vertebral desta poesia. Mas sabemos que só os caminhos da pesquisa é que poderão nos mostrar se nossa desconfiança se confirma ou não, pois como afirma Luna (2000, p.24) “a realidade não se mostra a quem não pergunta”.

O *rap* surgiu nos guetos jamaicanos nos anos 60. A palavra *rap* significa *rhythm and poetry* e nasceu da necessidade das comunidades pobres se expressarem e contarem os acontecimentos e seu cotidiano. *O rap* era o poema que chamava para as festas, para as danças e reuniões em grupo, mas que também retratava os assuntos dos guetos: as drogas, a violência, a situação de opressão e de abandono, na qual aquelas comunidades viviam. A realidade fornecia a matéria com a qual os poetas construía seus versos.

Barbosa<sup>5</sup> (1978) diz que não há nada de novo em afirmar que o poeta é aquele que, trabalhando sobre o sistema da linguagem, cria o espaço para o aparecimento de um novo

sistema: o do poema que, subtraído à linguagem de toda uma sociedade, é uma *outra* linguagem.

Desta forma, podemos afirmar que Bill é um poeta e, como “o poeta é a antena da raça”,<sup>6</sup> cremos que ele é capaz de captar com sensibilidade as formas do mundo para transformá-las em versos.

Para realizar um trabalho que pudesse investigar as construções retóricas elaboradas por MVBill, amparamo-nos teoricamente na *Retórica das Paixões*, de Aristóteles(2003), nos estudos de Perelman & Tyteca (2005), sobre a Nova Retórica, em Mosca (2004), Reboul (2004), Meyer (1993), Halliday (1990), Tringali (1988) e outros autores que nos auxiliaram a compreender os processos argumentativos e nos permitiram revelar um discurso partidário<sup>7</sup> já que “todo texto artístico deixa sempre entrever um certo partidarismo, um certo comprometimento de classe”, como afirma Tringali (1998,p.23).

A retórica tem seus próprios métodos de análise e, servindo-nos deles, realizamos um levantamento das estratégias persuasivas usadas pelo retor para influenciar seu auditório.

Nosso *corpus* se constitui do poema *Uma declaração de guerra (2002)*, que servirá de base para nossa análise e de trechos de outros poemas do mesmo autor (os quais serão citados para colaborar com a investigação proposta em nossa pesquisa). São eles: *Soldado morto (2002)*, *Só Deus pode me julgar (2002)*, *A noite (2002)*, *Cidadão comum refém (2002)*, *Camisa de força (2002)*, *De Homem Pra Homem (2002)* e *A voz dos excluídos (2002)*. Todos os poemas, selecionados por nós, têm em comum a temática da guerra, da vingança e da violência.

No primeiro capítulo, *De volta para o passado*, contamos um pouco sobre “império da retórica”, construído na antiguidade. Apresentamos a Retórica em sua trajetória histórica, conceituamo-la como teoria e definimos e apresentamos os elementos que constituem a retórica das paixões de Aristóteles.

Em, *Tempo de despertar*, segundo capítulo, tratamos da Nova Retórica, que ampliou os campos de domínio desta “disciplina”, como a trata (TRINGALI, 1988, p. 32).

<sup>6</sup> De acordo com Erza Pound (1973).

<sup>7</sup> Usamos o termo partidário de acordo com um dos seus significados registrados no Houaiss: seguidor ou simpatizante de uma idéia.

No terceiro capítulo, *Ruas de fogo*, mostramos a trajetória do hip-hop, desde seu surgimento nas terras da Jamaica, até sua chegada ao Brasil. Fazemos a contextualização do *corpus* (o que envolve o autor, a cidade, o tempo e a sociedade para mostrar onde, como e porque nasce a guerra).

Fazemos da prática discursiva nosso foco no quarto capítulo, *O império Contra, ataca*, e realizamos a análise do *corpus* a fim de procurar os “retratos” dos homens deste tempo na retórica dos poemas de MVBill. Para isso, empregamos a assertiva de que “a prática discursiva é constituída tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como é, mas também contribui para transformá-la”.(FAIRCLOUGH, 2001,p.92).

A conclusão, amparada nas bases teóricas que sustentaram o trabalho, serve-nos para apresentar uma possível resposta à pergunta inicial.

## 1 DE VOLTA PARA O PASSADO

De Aristóteles aos dias atuais, a Retórica já recebeu muitas outras acepções que ora se excluía, ora se imbricavam. Foi considerada, primeiramente, como uma técnica de persuasão e, cerca de vinte séculos depois de sua sistematização, Perelman & Tyteca ainda mantêm tal definição.

A retórica pode ser entendida como “a arte de bem falar, de mostrar eloquência diante de um público para ganhá-lo para sua causa” (REBOUL, 2004, p.17).

No período clássico da Grécia antiga, há aproximadamente 2.500 anos, nos tempos de Aristóteles,

a retórica era um conjunto de princípios e regras de comunicação que deviam ser ensinados como parte integrante de uma educação esmerada. Não seria “bem educado” o jovem cidadão que não fosse treinado para falar bem em público. Assim, o ensino da retórica era, basicamente, mas não unicamente, o ensino de técnicas da oratória (HALLIDAY, 1999, p. 63).

Em sentido lato, podemos dizer que a retórica mistura-se à Poética e associa-se à Arte da Eloquência, que pode ocorrer em qualquer gênero do discurso e ser aplicada em diferentes disciplinas.

De acordo com seus objetivos específicos, a retórica preocupa-se com a persuasão feita por meio do discurso<sup>8</sup>. Ela é uma espécie de Fênix: ressurge das cinzas e, quando todos a consideram esquecida, torna-se novamente objeto de interesse dos estudos, pois:

O estado atual da questão indica que a argumentação deve ser considerada uma forma particular de interação, em que se confrontam pontos de vista diferentes para se chegar a uma nova construção. Distante se está daquela idéia unilateral em que a mudança é conduzida de forma estrita pelo argumentador.(MOSCA, 2004, p. 04).

Por meio dela, pode-se observar os recursos lingüísticos utilizados para ganhar a adesão intelectual dos ouvintes e como são elaborados os recursos argumentativos.

Como “retórica em sentido lato”, entende-se a “arte do discurso em geral” que é exercida por qualquer indivíduo ativamente participante na vida de uma sociedade; como “retórica em sentido restrito” (retórica escolar) deve compreender-se a “arte do discurso partidário” (exercida especialmente diante dos tribunais), a qual desde o séc. V a.C constituiu objeto de ensino (LAUSBERG, 2004, p. 75).

<sup>8</sup> Segundo Tringali (1998) “A palavra discurso deriva de “dis+curser” e significa percorrer em diferentes

Logo, o que importa à retórica é a eficácia do discurso em causar a adesão no auditório e não, necessariamente, em revelar a verdade, pois o foco central é a mobilização do auditório, a conquista de adesão à tese apresentada. Como está preocupada com a persuasão, a verdade ou a falsidade da tese apresentada, para a retórica, são questões de ordem secundária e, como se preocupa com a eficiência do dizer, não pode prender-se a uma ética específica, ao contrário:

(...) a retórica não poderia ser uma ética, pois ela não entra no mérito daquilo que está sendo dito, mas, sim, no como aquilo que está sendo dito o é de modo eficiente. Eficácia implica, neste caso, domínio de processo, de formas, instâncias, modos de argumentar (CITELLI, 1999, p. 11).

Por considerar o modo como o dito é dito e os impactos destes dizeres, a retórica utiliza-se da linguagem do dia-a-dia para poder alcançar todos os homens. Neste sentido, não se preocupa com termos técnicos, nem específicos porque não se dirige a um setor determinado da população. Ela visa sempre a causar modificação de comportamento, tendo em vista o resultado da persuasão que exerce. Está ligada à ação, à mudança de convicções e de atitudes. Embora a retórica não seja persuasão, ela pode revelar como a persuasão acontece. Em *Arte retórica e Arte poética*, Aristóteles explica este aspecto:

Assentemos que a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; por exemplo, a medicina, sobre o que interessa à saúde e à doença, a geometria, sobre as variações das grandezas, a aritmética, sobre o número; e o mesmo acontece com as outras artes e ciências. Mas a Retórica parece ser capaz, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir (ARISTÓTELES, 1964, p. 23).

A persuasão, entendida desta forma, é uma engenhosa construção teórica que possibilita infinitas e complexas construções de atos retóricos. A palavra Retórica, *rhetoriké*, é originária do grego, serve para designar o resultado e uma série de recursos argumentativos elaborados com o intuito de persuadir.

Para os antigos, a retórica englobava tanto a arte de bem falar – ou eloquência – como o estudo do discurso ou das técnicas de persuasão ou até mesmo de manipulação. O bem-dizer tem por fundamento os modos de se exprimir, mas não pode negligenciar a justeza das teses defendidas (MEYER, 1993, p.17).

Contudo, há outras formas de entendê-la, pois pode ser vista “como o uso da comunicação para definir as coisas de maneira como desejamos que os outros a vejam” (HALLIDAY, 1999, p.12), ou ainda “a arte de persuadir pelo discurso” (REBOUL, 2004, p. XIV). De qualquer modo, fica configurado o fato de que a retórica possibilita a criação da dialética sem a qual seria impossível entender os outros ou se fazer entender no mundo das relações humanas.

Os homens se relacionam por meio da retórica e, por isso, importa reconhecer que, por sua essência dialógica, a Retórica vive da *doxa* e na *doxa*. Não há como concebê-la fora do mundo das idéias, fora das construções que dependem da liberdade de expressão por meio das palavras. Para que haja retórica, os homens precisam se pronunciar, estabelecer debates, confrontar idéias num movimento retórico no qual se relacionam de forma dinâmica. Sua principal característica é a intenção específica de persuadir a partir de questões prováveis.

Do ponto de vista da matéria de que trata o discurso retórico, ela apresenta sempre uma questão discutível, controversa, provável, a respeito da qual não se chega à certezas, mas a probabilidades. Isso significa que, do ponto de vista da matéria, o discurso retórico é sempre dialético: discurso sobre questões prováveis” (TRINGALI, 1988, p. 19).

Na Retórica são confrontados diferentes pontos de vista, diferentes modos de ver, de perceber e de compreender uma mesma questão. Dentro dela, o debate se processa, sempre por meio de um método no qual um discurso se realiza por meio de um orador, um auditório (ou audiência), uma questão provável que possibilite o debate entre os pontos de vista apresentados para o exercício do diálogo que objetive a persuasão. A língua é sempre a via pela qual transitam as interações sociais e a palavra é o meio para o debate. Desse modo:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (KOCH, 1987, p. 19).

Como técnica que pode ser manejada para fazer mudar de opinião ou que pode ser usada para causar a manutenção de uma opinião já estabelecida, que pode dar força a uma idéia ou subtraí-la à retórica, arma que pode ser manejada a favor do “certo” ou do “errado”,

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

do “justo ou” injusto “. A retórica possui uma afiadíssima lâmina de dois gumes. Quem a sabe manejar, pode receber os louros da vitória e os que não a dominam podem tornar-se vítimas de seus ardis. Sabedores disso, a estudamos com cuidado e nos encantamos com suas amplas possibilidades no discurso poético do Mensageiro da Verdade”.

Ainda que existam diferentes definições para a retórica, o certo é que vivemos sob seu comando e participamos, diariamente, de seus processos. Como destaca Tringali ,

(...) quer queira quer não, vivemos sob seu império. De tempos em tempos, anuncia-se sua morte, mas acontece que se anuncia sua morte quase sempre retoricamente (TRINGALI, 1998, p. 11).

### 1.1 O nascimento da Retórica

Aristóteles (2002), Reboul (2004), Meyer (1993), Perelman & Tychetca (2005), Tringale (1988), Citelli (1999), Mosca (2004), Halliday (1990), dentre outros, ajudam-nos a contar a história da retórica desde seus primórdios. Para voltar aos antigos tempos (e visitar a História da Retórica) faz-se necessário saber que:

a retórica é anterior à sua história, e mesmo a qualquer história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Pode-se, aliás, encontrar a retórica entre hindus, chineses, egípcios, sem falar nos hebreus (REBOUL, 2004, p. XXIII).

Há, portanto, uma estreita ligação da história da retórica com a história da própria humanidade. A fim de estabelecer seu percurso no tempo, podemos considerar a retórica como mais uma criação dos gregos. Responsáveis também pela “invenção” da geometria, da filosofia e da tragédia, os gregos foram os criadores da “técnica retórica” que possibilitava defender um ponto de vista específico diante de qualquer que fosse a causa ou a tese apresentada para debate.

Atribui-se aos gregos a criação das teorias da arte, da literatura, da religião e, também, da teoria retórica.

O primeiro tratado de retórica data de 465 a.C e foi escrito por dois fluentes oradores: Tísias e Córax, mas seu desenvolvimento deu-se a partir da consolidação da democracia ateniense. Jean-Marie Klinkenberg , no prefácio do livro *Retóricas de ontem e de hoje*, esclarece que:

Tal retórica somente pôde vir à luz porque a sociedade que a viu nascer tinha passado por uma mudança até então nunca presenciada. Nela, uma certa forma de democratização havia conduzido a uma nova forma de gerar os conflitos de interesses. Até então, era a violência e o face a face. A partir daí, os conflitos deveriam ser acertados não mais diretamente entre as pessoas neles implicadas, mas diante de um determinado público: o dos pares, que se denomina público, ou o dos especialistas, juízes ou outros. À força física dever-se-ia, portanto substituir-se a força do simbólico: somente aquele que tivesse o domínio sobre os signos (MOSCA, 2004, p. 11).

Quando foi organizada como teoria, a retórica passou a ser associada, de certo modo, ao pensamento filosófico, pois deixou de servir como habilidade útil e adquiriu uma função ligada à reflexão, voltada à compreensão, pois:

Historicamente, a Retórica dá os primeiros sinais de vida, na Magna Grécia, na Sicília. As origens mais remotas da Retórica se ligam a Empédocles e aos pitagóricos que já desenvolvem uma Retórica medicinal pelo poder encantatório que se conferia às palavras e ao discurso. (TRINGALLI, 1988, p. 38).

Ligada à filosofia, aos “poderes encantatórios” promovidos pelas palavras e ao judiciário (já que propõe debate de idéias), a retórica seguiu seu caminho no tempo. Em 487-380 a. C, Górgias, discípulo de Empédocles de Tísias, foi para Atenas como embaixador dos sicilianos e levou consigo a Retórica. Lá, ela se consolidou porque os sofistas abriram as primeiras escolas de Retórica para ensinarem, entre outras coisas, a arte de fazer belos discursos sobre todo e qualquer assunto.

Considerados os primeiros pedagogos, os sofistas faziam parte de um grupo formado por diversos pensadores que, embora não se constituíssem em escola no sentido técnico do termo, tinham em comum seus método e propósitos. Ensinavam aquilo que era considerado importante e indispensável à formação dos bons cidadãos como a arte de persuadir diante das assembléias populares e dos tribunais. Buscavam uma retórica que fosse arte e que tivesse força para persuadir por sua beleza. Reboul afirma:

De qualquer forma, pode-se dizer que os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo, objeto de um ensino sistemático e global que se fundava numa visão de mundo.

Ensino global: é aos sofistas que a retórica deve os primeiros esboços de gramática, bem como a disposição do discurso e um ideal de prosa ornada e erudita. Deve-se a eles a idéia de que a verdade nunca passa de um acordo entre interlocutores, acordo final que resulta da discussão, acordo inicial também, sem o qual a discussão inicial não seria possível (REBOUL, 2004, p. 09).

Descrentes da existência da certeza usavam o ceticismo como forma de mostrarem que a verdade e a justiça eram relativas e ensinavam seus alunos a praticarem a defesa dos dois lados de uma questão. Eles praticamente criaram a prosa artística. Para eles não importava o que era justo ou injusto porque o que queriam era ganhar a causa, e os aspectos éticos não tinham a menor importância.

O conhecimento desta retórica também era valorizado pelo Império Romano e, os filhos das classes abastadas, estudavam retórica, pois ela era considerada um conhecimento importante na formação desses jovens. Os estudos de retórica, entre os romanos, seguiam o manual *Institutio Oratória*, de Quintiliano. Este manual foi usado como base para a realização dos estudos sobre retórica até o século XIX.

A preocupação com os aspectos morais do uso da retórica surgiu com Platão. (427-347 a. C) que acreditava na necessidade de combater o poder dos sofistas investindo contra a retórica sofisticada. Ele propunha a criação da Retórica Ideal. Para tanto, partiram do conceito sofisticado de Retórica, como teoria do discurso persuasivo que versava indiferentemente sobre justo e o injusto diante de uma multidão ignara. Platão acreditava que a Retórica não se podia justificar como mera atividade formal de persuadir, não importando sobre o que se demonstrava, em seus estudos. Deixa clara a indignação com o poder adquirido pelos sofistas dentro do Estado.

Prestigiados na democracia ateniense, os sofistas sofreram desprestígio na posteridade porque, após Platão, o termo “sofista” e as palavras dele derivadas passaram a ter conotação pejorativa.

Historicamente, a retórica sofisticada e o pensamento platônico estão estreitamente ligados, pois a maior parte do conhecimento sofisticado foi preservada através de Platão e de suas objeções ao pensamento dos sofistas.

Em seus diálogos, Platão faz referência à retórica, especialmente no *Górgias* e no *Protágoras*, que pertencem à fase de sua mocidade e citam os nomes de dois famosos sofistas: *Górgias de Leontino* e *Protágoras de Abdera*. Nesses diálogos, Platão demonstra grande preocupação com a força e o domínio político que os sofistas exerciam na sociedade ateniense e considerava que eles, muitas vezes, se serviam de suas habilidades com fins ilícitos. Os sofistas tornaram-se peças importantes na derrocada da Polis de Atenas. Platão, diante da atitude dos sofistas, identifica a retórica como manipulação imoral das técnicas argumentativas a fim de subverter a verdade. Meyer esclarece a importância do pensamento de Platão para a teoria retórica:

Ora, transformar o critério da retórica na ação sobre as paixões e emoções por meio da linguagem (em vez de ser por intermédio da verdade) corresponderia a um salto, e sabemos que esse foi o salto de Platão (MEYER, 1999, p. 22).

Platão propunha uma visão ética da retórica que levasse em conta os motivos a que se destina a persuasão. Outra contribuição do pensamento platônico é a distinção entre dialética e retórica que concebe a primeira como diálogo no qual dois participantes buscam a verdade por meio de intervenções breves, sem intromissão de elementos estranhos ou de longas digressões. Já a segunda é entendida como mera prática mundana, forma de agradar e divertir o público.

Embora fizesse oposição à retórica utilizada pelos sofistas, no diálogo Fedro, ele se mostra menos radical, pois já a imagina e a descreve como subordinada à política e à psicologia – ciências da alma humana – e como possível de ser usada na realização de valores superiores, admitindo seu caráter “pedagógico”.

A teoria retórica é fruto das necessidades da sociedade grega que necessitava “de técnica judiciária, de prosa literária, de filosofia, de ensino” (REBOUL, 2004, p. 10).

Isócrates foi o pensador que conseguiu englobar esses quatro aspectos na retórica ao propor, para ele, características mais plausíveis e mais morais do que a retórica praticada pelos sofistas.

Humanista, o ateniense Isócrates (436-338), que se proclama anti-sofista, era tímido, tinha a voz fraca e, por isso, nunca foi um brilhante orador. Era um grande professor de retórica e recorria à reflexão como modo de ensinar. Para ele, é necessário ter aptidões naturais, prática constante e ensino sistemático para que uma pessoa possa se tornar bom orador. Para Isócrates, a retórica só é aceitável se estiver a serviço de uma causa boa e nobre, e que não pode ser censurada, tanto quanto qualquer outra técnica, pelo mau uso que dela fazem alguns.

De acordo com Isócrates, a retórica precisa de um objetivo para, só depois, procurar meios que a façam atingi-los. Ele considera que a palavra é a única vantagem que os homens possuem sobre os animais; que é ela que os tornam superiores a todos os outros seres vivos; e que devemos nossa ciência à nossa fala da qual resulta tudo aquilo que somos. Isócrates considera a retórica como “a rainha das ciências”, bela e confundida com a filosofia.

### 1.1.2 Retórica Antiga

Aristóteles (384-322) nasceu em Estagira, cidadezinha que se situava entre Salônica e o monte Atos, na península Calcídica. Morreu em Cálcis, na ilha de Euboéia. Para melhor compreensão do pensamento Aristotélico, é importante notar que:

Para Aristóteles, existem dois mundos. Primeiro, o mundo divino, o céu, não cognoscível pela fé, mas, ao contrário, pela razão demonstrativa. Esta conhece tanto o divino, invisível, Deus, quanto o divino visível, a saber, os astros, objeto da astronomia matemática, visto que seus movimentos, são necessários, portanto calculáveis e previsíveis.

Abaixo, o mundo “sublunar”, a Terra, onde existe acaso, contingência, imprevisibilidade, onde nunca é possível a ciência perfeita, mas onde existe o provável, o verossímil. Mundo, enfim, aberto à ação humana (REBOUL, 2004, p. 41).

No que diz respeito à Retórica, para Aristóteles há uma ligação entre a Retórica e a Arte e, dessa Arte os homens participam porque dialogam entre si. Por vezes a Arte se realiza intencionalmente e, em outras ocasiões, acontece de forma espontânea por ser fruto do processo de comunicação entre os homens.

Algumas vezes, em sua obra, Aristóteles trata a retórica como uma disciplina formal que pode ser utilizada em diversos campos do conhecimento já que, para ele, a retórica possui algo de ciência. Era um *corpus* com determinado objeto, com um método capaz de verificar as etapas seguidas para gerar a persuasão. Dessa forma, ficava claro que a retórica não poderia assumir um caráter ético porque seu objetivo não consistia em saber se algo era ou não verdadeiro.

Seu objetivo era verificar os mecanismos usados para dar a alguma coisa a “dimensão de verdade” (CITELLI, 1999, p. 10).

Essa concepção vigorou entre os estudiosos antigos e medievais, mas os estudiosos modernos preferem entender a retórica como arte produtora que se assemelha à poética e às belas artes. De acordo com Mosca:

O ponto fundamental da doutrina aristotélica, no que toca à Retórica, reside em considerá-la do domínio dos **conhecimentos prováveis** e não das certezas e das evidências, os quais caberiam aos raciocínios científicos e lógicos. Por essa razão, o seu campo é o da controvérsia, da crença, do mundo da opinião, que há de se formar **dialeticamente**, pelo embate das idéias e pela habilidade no manejo do discurso (MOSCA, 2004, p. 20).

Aristóteles transformou a retórica num sistema e, neste sistema, a dividiu em quatro partes: Invenção, Disposição, Elocução e Ação. A Invenção é relativa aos tipos de argumentação (*ethos, pathos e logos*). O *ethos* e o *pathos* estão ligados ao caráter afetivo e o

*logos* pauta-se no caráter racional da argumentação. Estabeleceu, com propósito didático, um esquema que facilitasse a compreensão das diferentes etapas de que é constituída a persuasão da retórica:

Heurésis – Invenção: Esta é a primeira parte, a fase em que se mostra a escolha por um tipo de discurso, os argumentos e a estrutura mais adequada em função do assunto a ser debatido e do auditório que se pretende alcançar; é uma investigação. A invenção (*inventio*, em latim) está preocupada em tratar a questão.

Táxis – Disposição: Esta é a segunda parte, a fase que dá particular atenção às organizações internas do discurso, a forma de conduzi-los de modo a indicar uma determinada conclusão que suscite a aceitação do auditório. A disposição apóia-se tanto nos fatos como nas evidências, nas paixões, nas verossimilhanças e nas evidências para captar a atenção do auditório. A disposição preocupa-se com a exposição da resposta. Procura chamar a atenção do auditório:

- a) pelo exórdio: o qual suscita ou retoma uma questão procurando comunicar qual é o interesse desta questão para o auditório;
- b) pela narração: que apresenta-se de modo favorável por meio de uma exposição resolutória, a qual, supostamente, deverá conquistar o auditório para a tese que se quer defender, levando-a por meio da argumentação a aceitar a solução apresentada;
- c) a peroração: que conclui a argumentação e apresenta a solução adequada ao problema que foi apresentado a exame.

Lexis – Elocução: Esta é a terceira parte, a fase em que se trata da redação do discurso; especificamente mais ligada à retórica literária, já que o estilo está associado ao momento enunciativo. A elocução está preocupada em fazer a resposta (obtida na disposição) passar por correta.

Hypócrisis – Ação: Esta é a quarta parte, aquela que está ligada à memória, a fase em que se presta atenção no modo como o orador atua, considerando-se o tom de voz que utiliza, sua postura e gestos, todos os procedimentos dos quais se serve para defender suas teses e provocar empatia no auditório para aceitá-las; é o momento da pronúncia do discurso. A ação faz parte do âmbito, do contexto em que se dá a argumentação.

Para Aristóteles, o orador pode utilizar-se dos argumentos lógicos para persuadir. Esses argumentos podem se apresentar sob formas de indução (por uso de exemplos) ou de dedução (chamados entimemas) que constituem o corpo da prova. Em sua teoria, Aristóteles considera que os entimemas são os meios mais convincentes da retórica.

Segundo ele:

Sendo manifesto que o método hábil estriba em provas; que a prova é uma demonstração – pois que a nossa confiança é tanto mais firme quanto mais convencidos estivermos de ter obtido demonstração; atendendo que a demonstração da retórica é o entinema; que este fornece, em resumo, a convicção mais decisiva, assente que o entinema é uma espécie de silogismo em que a dialética, tomada em conjunto ou numa de suas partes, tem por missão tratar indiferentemente de toda sorte de silogismos, resulta que todo aquele que melhor souber aprofundar as premissas e as marcas do silogismo, será por si mesmo, mais apto para manejar o entinema, desde que possua igualmente o conhecimento dos objetos a que os entinemas se referem e das diferenças que o distinguem dos silogismos lógicos (ARISTÓTELES, 1964, p. 19).

Deste modo, a finalidade da retórica consiste em aduzir provas. Os meios de prova podem ser extrínsecos ou intrínsecos. Os meios de prova extrínsecos são os que apresentam as evidências palpáveis, os documentos, e/ou testemunhas, e os intrínsecos são aqueles idealizados pelo emissor. Podem ser de três tipos: aqueles ligados ao *ethos*, ligados à credibilidade que emana do retor e que se pautam em sua credibilidade; os ligados ao *pathos*, no qual o orador movimenta as paixões do auditório; e os que estão ligados à razão, o *logos*.

Além de estabelecer o modo como se organizam as etapas da retórica, Aristóteles também a dividiu em três gêneros: o deliberativo, o demonstrativo, o judiciário.

Na deliberação aconselha-se ou desaconselha-se, seja sobre uma deliberação feita a partir de um interesse particular, ou sobre uma deliberação de interesse público, diante do povo. O gênero demonstrativo é composto do elogio e da censura. O gênero judiciário diz respeito à acusação e a defesa e os pleiteantes fazem obrigatoriamente parte de uma dessas duas coisas.

Cada um destes gêneros tem um tempo que lhes é próprio: ao gênero deliberativo é o futuro, pois quem delibera, delibera o futuro, aconselhando ou desaconselhando, para o gênero judiciário, o tempo adequado é o pretérito, pois a acusação ou, a defesa incide sempre sobre fatos relativos ao passado. Para o gênero demonstrativo, o que importa é o presente, pois os que censuram ou elogiam precisam apoiar-se sempre no estado presente das coisas, embora possam usar, para isso, memórias de fatos passados.

Nos tempos posteriores a Aristóteles, a retórica desfrutou de grande prestígio no império romano porque esse império precisava unificar-se e os oradores romanos, como Cícero e Quintiliano, foram autores de importantes obras sobre a retórica, posto que ainda estavam sob a influência dos gregos que muito a prezavam.

Para Quintiliano, a retórica encerrava tanto as perfeições do discurso quanto a moralidade do orador e era “a ciência do bem dizer”. Hoje, tratando-a sob outro prisma, Reboul declara:

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

A retórica não é, pois, a prova do pobre. É a arte de defender-se argumentando em situações nas quais a demonstração não é possível, o que a obriga a passar por “noções comuns” que não são opiniões vulgares, mas aquilo que cada um pode encontrar por seu bom senso, em domínios nos quais nada seria menos científico do que exigir respostas científicas (REBOUL, 2004, p. 27).

Estas palavras mostram a força da retórica e como seu uso pode beneficiar aqueles que dela souberem se servir para resolver suas questões. A retórica oferece a possibilidade do diálogo, do debate, da discussão nos quais se procura chegar a um ponto comum.

### 1.1.3 Retórica Clássica: Retórica das paixões.

Aristóteles descreveu as paixões não como virtudes ou como vícios, pois considerou que elas estão relacionadas à transitoriedade das situações que o orador consegue criar para atrair e reter a atenção do auditório. Trata as paixões como meios de persuadir pela emoção. Ele diz:

A paixão é decerto uma confusão, mas é *antes de tudo*, um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido, uma representação sensível do outro, uma *reação* à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o Outro assume em sociedade, a paixão é a resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o Outro é, pelo exame do que o outro é para nós (ARISTÓTELES, 2003, p. XXXIX).

De acordo com as palavras de Aristóteles, as paixões podem ser compreendidas como fruto de um processo dialético no qual o Outro e o Eu dialogam cada qual a partir das imagens que constrói de si e daquele com quem se relaciona. As paixões são suscitadas pelo momento. São inconstantes, pois vivem dos julgamentos alheios e de nossos próprios julgamentos sobre nós e sobre o mundo.

As paixões são retóricas porque servem de meios ao convencimento e estabelecem uma lógica no discurso. Mas, para Meyer:

Na lógica das paixões há mais do que uma vontade de fazer saber. Frequentemente há uma preocupação de se convencer a si mesmo da solução escolhida em todas aquelas que a indeterminação da questão autorizava. Colhemos nos lugares de resolução oferecidos pela ideologia, pela comunidade de pensamento e de valores à qual pertencemos, mas também pelo saber real que detemos. É um saber igualmente múltiplo e fragmentado, à imagem do senso comum que se alimenta em muitas

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

fontes sem preocupar muito com as incompatibilidades, com os preconceitos ou as evidências não verificadas, ouvidas ou ligadas à esquerda e à direita. (MEYER, 1993, p. 145).

O retor pode apropriar-se da paixão que lhe parecer mais conveniente para alterar o estado de espírito de seu auditório e movê-lo na direção que melhor lhe aprouver. Aristóteles classificou as paixões da seguinte forma:

a) A cólera é a paixão que nos causa irritação quando sentimos alguma ruptura em nossa identidade. Ela nasce de uma injustiça ou daquilo que consideramos injusto. É alimentada por sentimentos de desprezo, da afronta ou do ultraje e suscita desejo de vingança. A cólera nasce do erro de julgamento e afeta a lógica e a irritação sentida só pode reequilibrar-se se considerar a possibilidade de vingança. Aristóteles (2003) diz que a cólera é uma paixão fundamental, visto que o passional é o lugar da incompatibilidade.

b) A paixão da calma (a tranqüilidade) é caracterizada como o oposto da cólera. Nela o equilíbrio e a temperança estão presentes porque a relação entre nós e o outro está em equilíbrio o que pode aparentar indiferença, mas que é, na verdade, a aceitação. Embora a calma possa aparentar a ausência de paixão, nela e na cólera estão guardadas as demais paixões com suas respectivas forças retóricas.

c) As paixões do amor, ou amizade são paixões que estabelecem entre os protagonistas um vínculo de identidade. Por isso, são mais ou menos parciais. No amor e na amizade estão a associação que nunca acontece quando existe ódio. A amizade e o amor propõem a conjunção dos espíritos e causa simetria, pois anula a distância entre os sujeitos, aproxima-os e os iguala.

d) O ódio é uma paixão que também causa proximidade e que pode ser tão recíproca e tão violenta quanto o amor. O ódio causa divisão, dissociação, diferença, distanciamento entre os espíritos.

e) O temor é a paixão que sentimos em relação aos fortes já que os mais fracos não nos causam medo. Tememos as coisas ou pessoas que tenham capacidade de levar-nos à ruína, de nos causar danos. Podemos sentir temor até mesmo de algum indício que nos leve a prever situações que nos causem desgosto ou que nos causem grande mal. Sentimos temor quando estamos à mercê de outra pessoa, quando temos consciência da impossibilidade de defesa.

f) A confiança é a paixão que resulta da ausência do temor. Nasce quando sentimos segurança e que não precisamos temer aos que estão acima ou abaixo de nós. A confiança resulta da crença de que nenhum mal nos poderá suceder, pois nos sentimos superiores ou por possuir bens, ou por ou qualquer outro tipo de vantagem em relação aos indivíduos que nos rodeiam.

g) A vergonha é uma tristeza que se sente em relação a vícios ou ações do passado, do presente ou do futuro e que podem nos desonrar. A vergonha dos vícios, da covardia, de cometermos traições ou qualquer tipo de iniquidade.

h) A impudência é a paixão que manifesta desdém por todos esses defeitos. O impudente se sente superior aos julgamentos que se possam fazer sobre ele. A paixão da impudência não nos deixa sentir vergonha de atos vis que possamos cometer.

i) O favor é a paixão que nos leva a conceder, a beneficiar aos outros desinteressadamente. O favor ocorre quando aquele que tem acode em benefício de outro que possui menos que ele ou que se acha em situação de desvantagem ou de necessidade. Quem concede o favor não busca conseguir vantagem pessoal.

j) A compaixão é a paixão que nos leva a sentir pesar por alguém que sofre imerecida ou injustamente. Sente-se compaixão em presença da dor, da destruição ou de qualquer outra circunstância que possa causar tristeza. A paixão é sinônimo de compadecimento, de sentir-se afetado pelo sofrimento do outro.

k) A indignação é a paixão oposta à compaixão e decorre também da honestidade, do caráter. O indignado sofre quando vê a felicidade ou o sucesso daqueles que não merecem. Mesmo os possuidores de bens podem se sentir indignados quando outros que não considera seus iguais conseguem possuir o mesmo que elas. Aqueles que acreditam nada merecer não estão sujeitos à indignação, pois nada desejam e nada pretendem para si.

l) A paixão da inveja apresenta-se em relação aos iguais. Os que têm muito sentem inveja porque, sendo felizes, crêem que todos desejam roubar-lhes o que possuem. Os mais ambiciosos sentem mais inveja e ela pode ser sentida em função de bens, a glória, a beleza, a

felicidade. Sentimos inveja daqueles que se destacam mais que nós e que, por isso, deixam-nos envergonhados, desonrados.

m) A emulação é sentida em face de bens que desejamos e não possuímos e que outros possuem. Pela emulação surge a competição que nos leva a querer ter também os bens possuídos por outros. Ao contrário da mesquinhez da inveja, a emulação aceita que o outro tenha o que deseja e que nós possamos possuir os mesmos bens sem desejar que o outro os perca.

n) O desprezo é o contrário da emulação, pois leva a desdenhar os que têm caráter oposto ao dele. O desprezo não leva a invejar ou desejar ser invejado, ao contrário, faz com que se desconsidere o outro, ignorando-o.

São essas as paixões capazes de fazer com que os homens expressem suas emoções nos discursos persuasivos com os quais constroem sua história.

## 2 TEMPO DE DESPERTAR :RENOVAÇÃO:A NOVA RETÓRICA

O tempo não foi um bom amigo da retórica. As monarquias e seus feudos, os impérios com seus reis e déspotas e a igreja não aceitavam a discussão, a defesa de idéias e, por isso, a retórica perdeu seu prestígio. Todavia, o mesmo tempo que foi implacável com a retórica trouxe mudanças e necessidades que a fizeram ressurgir. Michel Meyer explica:

A retórica renasce sempre que as ideologias desmoronam. Aquilo que era objeto de certeza torna-se então problemático, precisa ser submetido à discussão. Neste aspecto, a nossa época pode ser comparada com o advento da democracia ateniense e ao renascimento italiano, dois grandes períodos para a retórica: no primeiro assistimos à derrocada das explicações míticas e da ordem social aristocrática; no segundo à extinção do velho modelo escolástico e teológico que gradualmente cede lugar à ciência moderna, ao mesmo tempo o renascimento comercial das cidades italianas anuncia a burguesia. Nos momentos intermédios e privilegiados em que os esquemas antigos oscilam e os novos ainda mal se esboçam, a livre discussão restabelece os seus direitos e, de uma maneira geral, a liberdade (MEYER, 1993, p. 11).

O mundo contemporâneo, fruto de avanços tecnológicos e inquietações políticas que o transforma num universo globalizado e atônito perante suas rápidas mudanças, é, então, um mundo no qual a retórica ressurge com plena força e utilidade. O diálogo entre os homens, sua convivência, pacífica ou não, não pode existir sem retórica, pois:

O objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 50).

Por meio dela o homem contemporâneo trava suas batalhas pela sobrevivência e pela conquista de seus objetivos. É pela retórica que o retor tenta angariar a adesão de seu auditório. Isso porque:

A capacidade de se ver a mesma coisa dos pontos de vista mais distintos permanece no mundo dos homens, apenas troca sua própria posição natural pela posição dos outros, com os quais se está no mesmo mundo; consegue-se assim uma verdadeira liberdade de movimento do mundo espiritual, que corre em paralela exata com a liberdade de movimento do físico. O persuadir-se um ao outro e o convencer-se um ao outro que era o verdadeiro modo do trato político dos cidadãos livres da *polis*, pressupunha uma espécie de liberdade que não era ligada imutavelmente, em termos espirituais ou físicos, ao próprio ponto de vista ou posição.

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Seu ideal característico e com isso o parâmetro para a específica aptidão política situa-se na *phronesis*, aquela compreensão do homem político (do *politikos*, não do estadista que não existia em absoluto dentro desse mundo) (ARENDR, 2003, p. 101).

Por isso, por meio do uso da retórica, o homem luta sem violência e sem utilizar o empirismo. É através das palavras organizadas em argumentos que tenta mover seus ouvintes pela argumentação e fazê-los seguir pelos caminhos que determina em seu discurso. A retórica é a possibilidade de fazer o outro crer que algo é passível de crédito e de comungar idéias que, até então, poderiam parecer-lhe inaceitáveis porque “A retórica é um sistema mais ou menos bem elaborado de formas de pensamento e de linguagem, as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende” (LAUSBERG, 2004, p. 75).

O “esquecimento” da retórica por um longo período resultou da concepção racional cartesiana, caracterizada por seu caráter cientificista e mecanicista a causadora da negligência intelectual que caracterizou a retórica. Nesta concepção, o estudo dos meios de prova que visavam à adesão dos espíritos se opunha à orientação cartesiana que só considerava racionais as demonstrações por considerar que, desse modo, era possível que se propagassem as evidências axiomáticas aos teoremas.

O declínio da retórica se acentuou (pelos três últimos séculos) em virtude do predomínio do pensamento cartesiano-positivista que dominava a filosofia e as ciências no ocidente. Rebaixada a plano de mera prática que se constituída de artificios de ordem estilística, a retórica custou a reencontrar seu lugar de importância como ciência. Somente no século XX, filósofos e estudiosos voltaram a considerá-la como objeto digno de estudo.

Os novos tempos revitalizaram a Retórica principalmente por estabelecer-se uma relação entre ela e a arte poética. Embora esta antiga ciência tenha passado por inúmeras crises, a retórica é novamente foco de estudos como teoria do discurso persuasivo, como possibilidade de estudo dos recursos da persuasão e os efeitos por ela produzidos.

O ressurgimento filosófico da Retórica aconteceu com a palestra *Logique et rhétorique* proferida por Perelman, em 1949. Esta mesma palestra foi, posteriormente, compilada e fez parte de sua primeira obra denominada *Rhétorique et philosophie*, no ano de 1952. Mas o *Traité de l'agumentation*, o estudo fundamental para a Teoria da Argumentação, só foi publicado seis anos depois.

Perelman dedicou-se aos estudos da Retórica e do Direito. Filósofo e pensador e jurista, nascido em Varsóvia, imigrou para a Bélgica e lá se estabeleceu. Foi professor na Universidade de Bruxelas onde, até 1978, ensinou Filosofia, Moral e Lógica.

Seus estudos lançaram luz sobre a Retórica como forma de persuasão porque não reduziam a retórica ao plano do discurso, mas mostrava, de formas conclusivas, que a História, a Filosofia, o Direito e tantas outras ciências podiam servir-se da argumentação. Perelman demonstrou interesse em reabilitar a Retórica aristotélica e a tratou como teoria da argumentação persuasiva.

O trabalho desenvolvido por Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica* apresenta uma teoria voltada para o estudo da argumentação como processo persuasivo. As bases deste estudo estão em Aristóteles, mas amplia os horizontes da retórica porque permite vislumbrá-la como discurso dos debates e da análise dos argumentos que podem conduzir a decisões.

Perelman & Tyteca esclarecem que a retórica, usada como método, possibilita perceber e até definir a persuasão, revelando suas condições de produção, suas intenções, os auditórios aos quais se dirigia, o valor, acordos e tantos outros aspectos que, teoricamente, são relevantes para a análise de questões que podem ser demonstradas, mas para as quais não existem respostas definitivas.

O que esses autores apresentaram de “novo”, que diz respeito ao caráter persuasivo da retórica, era a proposta de rompimento com a tradição cartesiano-positivista, já que apresentavam a *Nova Retórica* como possibilidade para a análise dos percursos retóricos e para a criação de uma lógica de juízos de valor, que contivesse critérios objetivos e universais os quais pudessem servir de instrumentos para a verificação de valores presentes na argumentação. Isso se contrapunha ao pensamento positivista que se limitava buscar soluções para os problemas com base em planos teóricos, e acabavam por deixar ao abandono as emoções, a violência, os interesses e os problemas humanos.

Perelman & Tyteca (2005, p. 09) dizem que “O *Tratado de Argumentação* versa sobre os recursos discursivos usados para se obter a adesão dos espíritos”. Segundo eles, o que examinam, nesse tratado, é a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e convencer.

O que importa nesse “Tratado” é a busca de uma racionalidade ética, uma lógica que seja especificamente destinada ao estudo dos valores. Para seus autores não existe lógica dos juízos de valor em todo conhecimento humano quando há opiniões controvertidas.

Assim, é preciso que se estabeleçam os acordos sobre as diversas opiniões existentes. Seja na filosofia, no direito, na educação, na moral, sempre haverá que se recorrer à técnicas argumentativas, cujo objetivo será o acordo sobre os valores e sua aplicação. Isso retoma o conceito de Dialética e de Tópica, conhecidas como artes do diálogo e da controvérsia.

Ao tratar dessa técnica argumentativa, o *Tratado da Argumentação* apresenta vários aspectos importantes para a efetivação da persuasão. Os que nos parecem mais relacionados à natureza deste trabalho, são aqui descritos.

São eles: o auditório, os tipos de auditório, argumentação, violência e o acordo, os tipos de objeto de acordo, os valores, os valores concretos e abstratos, e as hierarquias.

De modo geral, eles descrevem o auditório “como o conjunto daqueles a quem o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 22). Dessa forma, o orador precisará pensar num modo de adequar seu discurso a seu auditório, levando em consideração as características específicas de seus ouvintes, pois é importante para aquele que se propuser a persuadir indivíduos concretos, não fazer uma construção inadequada do auditório ao qual se dirigirá, sob pena de não conseguir captar a adesão deste. É preciso presumir de modo mais exato possível uma imagem adequada do auditório para evitar experiências desagradáveis. Perelman & Tyteca consideram que a argumentação mobiliza, além das idéias, o orador e seu auditório. Eles explicam:

Para que haja argumentação, é mister que, num dado momento, realize-se uma comunidade efetiva dos espíritos. É mister que se esteja de acordo, antes de mais nada e em princípio, sobre a formação dessa comunidade intelectual e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 17).

O que possibilita esse “debate” é a linguagem comum à comunidade que expõe suas idéias, além da presença da técnica (retórica) que atua como organizadora do diálogo. A argumentação visa sempre à participação mental do orador e do interlocutor, mas o objetivo é sempre a adesão do interlocutor para as idéias apresentadas a ele. Eles consideram que “é de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 27).

Segundo eles, quem quer persuadir, precisa conhecer aqueles a quem deseja conquistar. Seus estudos mostram que o conhecer o auditório é uma condição prévia que é vital para o sucesso da argumentação. Além disso, é preciso também ter consciência de que cada homem é fruto de um determinado contexto já que cada homem carrega consigo a sua

cultura e o orador que pretende persuadir precisa levar em conta o “texto de vida” de seus interlocutores, adaptando-se a eles.

## 2.1 Os auditórios

Um orador pode ver-se diante de um auditório heterogêneo, que reúna um público diferenciado por suas características intelectuais, religiosas e/ou culturais. O retor precisará utilizar múltiplos argumentos para provocar a adesão deste auditório. Essa capacidade de argumentar diante de uma platéia com características diversas e obter sucesso perante ela é que caracteriza o bom orador.

Mas um auditório heterogêneo não significa sempre a presença de “várias facções”. Cada um dos ouvintes de um discurso pode ser considerado como um elemento diferenciado por sua individualidade e seu modo particular de perceber o mundo. Um número limitado de ouvintes, ou mesmo o diálogo com um único ouvinte, pode caracterizar um auditório heterogêneo.

São três os tipos de auditório: o *universal*, o *de elite* e o *particular*. O auditório universal é constituído por toda a humanidade e composto por todos por homens adultos e normais. Esse auditório se constitui por cada um dos sujeitos e por aquilo que cada qual sabe de seus semelhantes. Quando a argumentação dirigida ao auditório universal não se mostra capaz de convencer, resta o recurso de *desqualificar o recalcitrante*, tentando tornar ridículo o que não concorda com os argumentos.

Para isso, é preciso é preciso torná-lo ridículo os que não concordam com os argumentos apresentados e, para isso, é necessário caracterizá-los como estúpidos ou anormais diante do auditório. Porém, se o número de discordantes for grande ou se for impossível construir uma imagem que os diminua diante da platéia é preciso recorrer a um recurso que se oponha ao auditório universal: o auditório de elite.

O auditório de elite serve aos que se consideram agraciados com revelações, com o sobrenatural, com os conhecimentos místicos. Esses oradores podem apelar aos bons e aos crentes. Normalmente o auditório de elite quer ficar distinto do auditório universal, no qual cabem todos os homens comuns. Quanto ao auditório de elite: “a própria situação de superioridade de que se julgam hierarquicamente investidos os componentes do auditório de

elite serve para estabelecer tal diferenciação e conseqüente separação entre esses dois auditórios” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 34).

O auditório de elite nem sempre é considerado assimilável ao auditório universal, mas, ainda assim, pode ser apresentado como modelo a ser imitado como vanguarda à qual todos devem obrigatoriamente amoldar-se, já que sua opinião é a mais importante e a mais determinante. Os que conferem a ele tal *status* o reconhecem como legítimo, mas outros, por não reconhecerem como legítimas suas pretensões, podem vê-lo apenas como auditório particular já que cada auditório tem seu estatuto variável e depende das concepções que se tenha dele.

O auditório particular pode então ser entendido como aquele que congrega um público com características específicas e que, em muitos casos, pode assemelhar-se ao auditório de elite. Embora os estudos de Perelman & Tyteca definam esses tipos de auditório, cuidam também em afirmar que os tipos de auditório não se encerram neles, pois:

a variedade de auditórios é quase infinita e que, caso queira adaptar-se a todas as particularidades neles existentes, o orador se verá confrontado com inúmeros problemas que só poderão ser resolvidos pela adaptação do orador ao seu auditório e às modificações sofridas por ele durante a argumentação (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 29).

## 2.2 Argumentação, violência e os acordos.

Já que o uso das palavras pode modificar situações, a argumentação deve ser compreendida como “uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistentes” (PERELMAN & TYTECA, 2005. p. 61). Esses autores consideram que uma sociedade que preze seus valores deve favorecer as ocasiões em que se possam manifestar a oratória de exibição ou discursos epidícticos, aqueles que ocorrem nas cerimônias cívicas, nos ofícios religiosos, nos elogios aos mortos ou desaparecidos e todos aqueles que sirvam para a comunhão dos espíritos.

Sempre que os dirigentes de um grupo social pretendem aumentar sua ascendência sobre o pensamento de seus membros, devem multiplicar os encontros e reuniões de caráter educativo. Porém, alguns usarão a ameaça e a coerção para submeter os recalcitrantes de seu auditório à aceitação dos valores comunitários pregados por eles

impedindo (por meio de censura) que seus oponentes comuniquem suas idéias, neste caso, só lhes resta o uso da força como recurso argumentativo.

Tanto a argumentação quanto o uso da força podem visar ao mesmo objetivo. Entre essas duas opções, a argumentação se oferece como oposição aos mecanismos que sempre querem tolher a liberdade espiritual ou coagi-la ao silêncio.

A concepção de acordo leva em consideração dois aspectos: o que é aceito como ponto de partida de raciocínios e a maneira pela qual estes são desenvolvidos. O acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações. Assim, para Perelman & Tyteca, o conceito de acordo está ligado ao que é presumidamente aceito pelos ouvintes.

As escolhas feitas pelo retor, a organização retórica que fará de recursos como a escolha das premissas, a formulação e os arranjos de seus argumentos sempre incidirão sobre o auditório ao qual pretende se dirigir. O que importa é que, no processo argumentativo, a análise sempre se preocupa com aquilo que os ouvintes admitem sobre o discurso do retor.

O orador utiliza-se das premissas para fundamentar sua argumentação e conta com a adesão de seus ouvintes às proposições que apresenta. No entanto, seus ouvintes podem não aceitar tais premissas, recusando-se a aderi-las seja pó considerá-las unilaterais, seja por considerá-las tendenciosas. O auditório pode julgar o discurso e pode fazer a crítica que pode situar-se em três planos: o acordo que se refere às premissas, à sua escolha e à sua apresentação.

Quanto aos objetos do acordo, pode-se agrupá-los em duas categorias: uma relativa ao *real*, que agrupa os fatos, as verdades e as presunções e a outra que se relaciona ao *preferível* e que agrupa os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. Com isso:

o real é tudo o que se presume versar sobre o real e que tem a pretensão de assumir validade diante de um auditório. O preferível, ao contrário, é o que determina as escolhas não do ponto de vista da realidade preexistente, que não se pode identificar com um tipo específico de auditório particular ainda que este seja amplo (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 74).

Quanto aos objetos de acordo, que pertencem ao real, encontram-se:

- a) os fatos e as verdades;
- b) as presunções.

Não é possível definir os fatos de tal forma que o explique em tempos e ou lugares diferentes. Não é possível classificar dados como sendo fatos concretos ou não. No

entanto, é preciso manter, em argumentação, a noção de fato e caracterizá-la pela idéia que se tem sobre certos gêneros de acordo resultantes de certos dados. O fato está ligado ao conceito e auditório universal. A maneira como se concebe tal auditório, como é reconhecido por suas características específicas servem para decidir o que pode (ou não) ser considerado um fato caracterizada pela adesão deste auditório. O fato, por ser fato, já é considerado argumento. Um indivíduo adere a um fato por uma reação subjetiva imposta a todos de um auditório.

No que diz respeito à argumentação, só há fato quando se pode estabelecer um acordo universal sobre ele, sobre o qual não recaia nenhuma controvérsia, embora o acordo seja sempre suscetível de mudanças e modificações de acordo com o debate que se estabelece entre os adversários presentes no discurso.

Um fato pode deixar de ser fato, caso o auditório o questione, levantando dúvidas sobre ele, ou, por ampliação do auditório, outros membros que tenham condições de questioná-lo não o aceitem como fato. A questão da interpretação pode interferir na sua caracterização como fato. Na argumentação, para existir um fato não pode haver sobre ele nenhuma controvérsia.

Às verdades pode se aplicar basicamente tudo o que se aplicam aos fatos. Reconhecer em argumentação o fato ou a verdade depende das relações conceituais de diferentes auditórios. Alguns auditórios consideram que o fato está em oposição à verdade ou ainda que fato e verdade se relacionem a ponto de que um enunciado de um fato se torne uma verdade e toda verdade seja enunciativa de um fato.

Na realidade, Todos os tipos de auditório admitem as presunções. Além dos fatos e das verdades, elas também desfrutam do acordo universal, mas as presunções não alcançam adesão máxima. Elas requerem auxílio, em certos momentos da argumentação, de outros elementos. Para Reboul:

As presunções têm função capital, pois constituem o que chamamos de “verossímil”, ou seja, o que todos admitem até prova em contrário. Por exemplo, não está provado que todos os juizes são honestos e competentes, mas admite-se isso e, se alguém desmente em tal ou tal caso, cabe-lhe o ônus da prova. O presumível é a confiança presumida (REBOUL, 2004, p. 165).

Os acordos estão sempre na base da argumentação, mas também fazem parte de seu termo. Variam mais que os fatos e estão sempre sujeitos aos julgamentos dos auditórios. Os valores são presumidos, assim como os fatos. Para que se consiga atingir a objetividade em uma argumentação faz-se necessário deixar de lado os juízos de valor que

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

impedem (seja na argumentação jurídica, política, estética, ética, etc.) o estabelecimento de julgamentos isentos da interferência do valor e da subjetividade de quem argumenta ou julga.

### 2.3 Os valores

Os valores são objetos de acordo tal qual os fatos, as verdades e as presunções, mas, esses são voltados para o auditório universal. Os valores, ao contrário, buscam a adesão de grupos particulares que são os valores, as hierarquias e os lugares do preferível.

Toda argumentação é, em algum momento, influenciada pelos valores. A ciência procura restringi-los aos conceitos, mas nas argumentações jurídicas, políticas e filosóficas a interferência dos valores pode ser a base da argumentação, pois são recursos que podem ser utilizados como motivadores do auditório. Neste caso, o retor opta pela utilização dos valores porque valores, na argumentação, podem conduzir os ouvintes à adesão dos argumentos, direcionando suas escolhas de tal forma que os levem à aceitação de uma idéia. Os valores podem ser abstratos ou concretos.

Perelman & Tyteca consideram como valor concreto todo aquele que se vincula a um ente vivo, a um determinado grupo, a algum objeto particular que possa ser examinado em sua unicidade. Portanto, o valor concreto assemelha-se (ainda que conceitualmente) ao fato. Também são considerados valores concretos ligados às regras necessárias à vida em sociedade: fidelidade, lealdade, solidariedade e disciplina, são alguns exemplos. Os valores concretos são muito usados para dar fundamentação aos valores abstratos, mas o inverso também é possível.

Os valores abstratos vinculam-se à idéia de mudança porque eles servem para manifestar o espírito revolucionário. Servem para criticar a ordem estabelecida e não levam em consideração as pessoas. Ao contrário dos valores concretos podem harmonizar-se justamente por sua concretude (porque existem), os valores abstratos não possuem tal característica porque sua natureza pode ser levada a extremos e criar circunstâncias nas quais se tornem inconciliáveis os argumentos.

### 2.4 As hierarquias

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

O alicerce de uma boa argumentação não pode fundamentar-se só nos valores concretos ou abstratos. Estribam-se também nas hierarquias.

Os fundamentos das hierarquias só são procurados quando se faz necessário justificá-las porque, de outra forma, elas ficarão implícitas nas relações humanas.

Perelman & Tyteca esclarecem:

As hierarquias se apresentam praticamente sob dois aspectos característicos: ao lado das hierarquias concretas, como a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais, há hierarquias abstratas, como a que expressa a superioridade do justo sobre o útil (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 90).

As hierarquias concretas buscam meios de confirmar, a partir de termos, a superioridade de um objeto sobre outro, mesmo que não haja motivo para tal superioridade, mas quando se apela para as hierarquias abstratas a superioridade se baseará naquilo que é preferível. Essa hierarquia abstrata não é o mesmo que o simples preferível porque há nela uma ordem de tudo o que está sendo regido por seu princípio.

Dentro dos princípios das hierarquias abstratas, a superioridade de um dado elemento pode ser declarada de acordo com os princípios de uma hierarquia sistemática como a anterioridade, “como a que expressa a superioridade do justo sobre o útil” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 90). Portanto, nas hierarquias abstratas pode acontecer que aquilo que é causa ou que é princípio tome posição hierárquica acima daquilo que é efeito ou consequência porque a hierarquia de valores obedece aos princípios da quantidade, mas isso não é empecilho para que exista uma certa dualidade de princípios, já que os valores possuem vínculos entre si.

Durante o processo argumentativo, as hierarquias, mesmo representando valores do auditório, podem sofrer interferências causadas pelo retor porque quando esse fala de um valor que é oposto aos valores que o auditório aceita como seus, o retor procura diminuí-los para inferiorizá-los, colocando-os, hierarquicamente, abaixo de outros argumentos que pretenda apresentar como melhores ou maiores. Para Perelman e Tyteca:

Os valores, mesmo se admitidos por muitos auditórios particulares, o são com maior ou menor força. A intensidade da adesão a um valor, em comparação com a intensidade com a qual se adere a outro, determina entre esses valores uma hierarquia que se deve levar em conta (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 92).

Quem argumenta, sempre estará obrigado a fazer escolhas e hierarquizar valores porque nesta busca de hierarquização criam-se incompatibilidades entre valores

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

distintos que obrigam o retor a escolher os valores que destacará e os que terão que rebaixar em seu discurso. As escolhas corretas agradarão ao auditório e provocarão a aceitação dos argumentos apresentados, mas as más escolhas, podem pôr a perder os projetos do retor.

Cada discurso apresenta vocabulário e expressões específicas que dependem de seus oradores e de seu auditório. O discurso conta muito sobre o retor e sobre as características sociais, culturais e até morais de seu auditório porque:

A forma em que são apresentados os dados, não se destina somente a produzir efeitos argumentativos relativos ao objeto do discurso, pode também oferecer um conjunto de características relativas à comunhão do auditório (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 185).

O sistema lingüístico é um sistema capaz de unir seus usuários, servindo-se de muitas formas e estilos que possibilitam a expressão de várias realidades e de vários contextos. Neste sistema são representados, pelo vocabulário, os nobres e os plebeus, o homem culto e o rude camponês.

O sistema lingüístico é uma possibilidade de mostrar características particulares da posição ou da classe social a qual um indivíduo pertença. Um grupo, falante de uma mesma língua (do ponto de vista normativo) pode criar dialetos que o segreguem diante de outras comunidades de sua própria nação, usuária de idêntico sistema lingüístico.

Isso pode ser usado como recurso para que certos grupos, pelos mais variados motivos, a proteção, por exemplo, crie um sistema dentro do seu sistema lingüístico para que sua comunidade possa se comunicar e se fazer entender sem risco de que esse “código” seja decifrado por aqueles de quem se quer omitir dados, fatos ou informações.

As técnicas argumentativas descritas nos estudos de Perelman & Tyteca, somadas à Teoria Retórica são importantes para esclarecer como as paixões produzem o efeito retórico da guerra no texto.

### 3 RUAS DE FOGO

Os estudos de Pimentel (1997), Kellner (2003), Geremias (2006), Scandiucii (2006), Pinto (2006) e Souza (2008) mostram que o hip-hop é originário dos guetos da Jamaica, lugar onde eram comuns as festas de rua animadas por carros de som chamados “Sound Systems”. Os “toasters”, atualmente tratados por MCs (Mestres de Cerimônia) usavam suas letras para fazerem uma crônica do cotidiano de suas comunidades, falando de política, de sexo e de drogas, além da espiritualidade.

Na década 70, muitos jovens jamaicanos foram para os Estados Unidos porque uma grande crise econômica assolava sua terra natal. Mas o sonho americano era pura ilusão e muitos deles foram morar nos guetos e enfrentar condições de vida muito ruins, pois o fogo da violência e da pobreza os cercava diariamente.

Os ritmos e os versos que trouxeram da Jamaica representou, para eles, uma oportunidade de se manifestarem contra a violência que os cercava. Essa manifestação cultural era a raiz do *rap* que foi, inicialmente, apresentado por Kool Herc e Afrika Bambaataa .

Eles são considerados os criadores dos “*Sound Systems*” e do *rap*. As letras que escreviam, mostravam preocupação com a política e com os temas sociais. Foram eles que começaram a usar todo seu conhecimento para animar as festas no norte de Nova Iorque, no bairro do Bronx. Todavia, tiveram que fazer algumas modificações em seu ritmo porque, naquela época, o *Soul* e o *Funk*, de influência afro-americanas, faziam grande sucesso nas festas.

Geremias (2006) conta que, inicialmente, Koll Herc declamava versos que reproduziam ditados populares, gírias e os usava para brincar com o público. Essa técnica de improviso ficou conhecida como “*free style*”.

O *rap* evoluiu e incorporou versos populares tradicionais aos novos versos criados pelos mestres de cerimônia (MCs), cujo ofício foi denominado de “Mcing”. Afrika Bambaataa, considerado por muitos como padrinho da cultura hip-hop, trouxe a proposta de usar a dança, um dos elementos desta cultura de rua (o *break*) como um espaço de competição para as gangues que dominavam com violência os guetos.

A proposta de Bambaataa deu certo e a cultura hip-hop foi, aos poucos, se expandindo. Criador da idéia de juntar os elementos do hip-hop e considerado o grande mestre dos discos (*master of records*), porque possuía uma enorme coleção de discos de vinil, Bambaataa ajudou a popularizar o hip-hop, que se espalhou pelos guetos como manifestação artística composta de música, dança, poesia e o grafite.

O *rap* (*rhythm-and-poetry*) surgiu dentro do movimento quando o DJ Hollywoody, conhecido por tocar ritmos mais pops (como a discoteca), introduziu os MCs em suas festas. Eles faziam rimas sob os ritmos musicais marcados pelas batidas do hip-hop. Fruto da cultura jamaicana e da influência negra, do *jazz*, do *blues* e de *soul*. O rap veio somar-se ao hip-hop, que atualmente é considerado uma prática social, um movimento cultural dentro do qual os jovens (normalmente moradores das periferias) se unem.

O *rap* surgiu num contexto histórico em que o mundo passava a desconsiderar os valores brancos como forma de prestígio social. Nesse momento da História, a figura, a cultura e os valores negros tornavam-se importantes.

No início dos anos 70, os jovens que viviam nos bairros pobres e periféricos, formados por uma grande maioria negra, travavam sangrentas batalhas entre suas gangues e se matavam.

O mundo se via diante de manifestações que contestam a ordem estabelecida e que denunciam a violência, o preconceito e o abuso do poder branco sobre os negros. O *rap* tornou-se uma das formas de pregar a valorização das raízes africanas, somando forças ao movimento que surgira em 1960, e que procurava questionar a pseudo-igualdade entre os homens, enfatizando os conflitos existentes entre brancos e negros e os modos como eram mascarados e disfarçados socialmente.

O hip-hop é resultado da luta contra a opressão e é uma forma de manifestação cultural que se compõe de quatro elementos:

a) As canções: há um porta-voz (*Master of Cerimonies*) que usa seus versos e rimas para fazer narrativas sobre a vida, as experiências pessoais ou da comunidade, aspirações, reflexões, etc. Além de descrever o cotidiano, o mestre de cerimônia, mensageiro/poeta, alerta, incita, julga e, por vezes, condena os que são julgados em seus versos.

b) O DJ – (*disc-jockey*): é o responsável pela parte instrumental, é ele quem faz a base do som, as colagens rítmicas sobre as quais são articulados outros sons, arranhando os discos no ~~voivém conhecido como *scratches*. Koal Here criou essa base musical do hip hop~~

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

c) O *break-dance*: nas festas de rua, os dançarinos desafiavam-se, e ainda o fazem, para resolver suas questões, ou para mostrar suas habilidades. Dançando *break* as gangues podiam lutar sem precisar de armas. As armas eram os próprios corpos dos dançarinos que exibiam suas coreografias, desafiando-se uns aos outros. Da palavra *break* vem a expressão “*b.boy*”, que é o dançarino de *break*, o (*break-boy*).

c) A grafite: a palavra grafite é derivada do grego “*graphein*” e se constitui de pinturas e desenhos em várias formas. Pode ir da simples marca na parede às manifestações plásticas das mais complexas. Assim como os demais elementos do hip-hop, a grafite também é uma manifestação cultural que expressa a arte dos guetos e as questões sociais que a envolvem.

No nosso trabalho, tratamos somente de uma dessas formas artísticas de expressão da cultura hip-hop, pois somente o elemento poesia (*rap*) será nosso objeto de estudo. O *rap* faz parte de um movimento cultural que tem se alastrado pelas grandes cidades, principalmente nas periferias.

Rap é uma forma de falar ou fazer música em que o R significa rima e ritmo, e o P, poesia e em alguns casos política.[...] em que os negros urbanos podem expressar experiências, preocupações e visão política. [...] Embora já houvesse rappers na década de 1970, foi só nos anos 1980 que essa forma cultural se tornou conhecida e maciçamente popular. O Rap transmitia as experiências e condições dos americanos negros que viviam em guetos violentos e, assim, se transformou num poderoso veículo de expressão política, traduzindo a raiva dos negros diante da crescente opressão [...] O *rapper* muitas vezes é como um ministro da igreja: Traz uma mensagem para seu público, que é transmitida de modo bem característico (KELLNER, 2003, p. 230).

Essa cultura arrebanha muitos jovens que dela passam a fazer parte assimilando um modo de vestir e de agir. Há uma atitude hip-hop, interessada em divulgar uma mensagem. As palavras de Kellner mostram que a semelhança com a pregação dos ministros pretende elevar o *rap* à condição de manifesto de uma comunidade. Isso faz dele um texto que pode ser, às vezes, crônica da vida real, às vezes, defesa de pontos de vista e manifestação de pontos de vista. Ele é, com certeza, um produto espacial, resultado das relações sociais de um dado contexto.

No Brasil, o rap nasceu em São Paulo, nos anos 1980 e, a partir daí, se espalhou pelas periferias. Embora carregue a influência da Jamaica, o rap está mais ligado aos ritmos e à cultura negra. Segundo Souza:

A importância da palavra entre as sociedades africanas reaparece numa das mais fortes manifestações afro-brasileiras contemporâneas: o *rap*. Nele, a força da musicalidade africana está presente em circuitos que unem os Negros dos Estados Unidos aos negros do Brasil, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tantos os ritmos marcados e repetitivos, como a força da palavra, e especialmente da palavra cantada, remete a características das sociedades africanas. Além de narrar os fatos do cotidiano e fazer a crônica dos acontecimentos, como fazem as sociedades africanas, as letras de música de *rap* denunciam a opressão e a marginalização a que estão submetidos os habitantes das periferias dos grandes centros urbanos, em sua maioria negros e mestiços. Geralmente acompanhando a música há um tipo específico de dança, conhecido como *break*, no qual as marcas africanas também são evidentes (SOUZA, 2008, p. 138).

Os ritmos e as letras do *rap*, influências jamaicanas e africanas, com suas repetições e sua batida marcante, com seu *break* de coreografias elaboradas, se espalharam por vários lugares do mundo.

No Brasil, dentre os primeiros a gravar *rap* estão Thaide & Hum. No ano de 1988, numa coletânea denominada *Hip-Hop Cultura de Rua*, lançaram duas músicas: Homens da Lei e Corpo Fechado. Estes foram os primeiros lançamentos da cultura hip-hop que apareceram nacionalmente, muito embora não tenham sido os primeiros.

Conforme dito anteriormente, elegemos dois textos de MVBill para a análise do nosso trabalho. Sobre Bill, que carrega o retórico nome de MV (Mensageiro da Verdade) pouco se pode saber. Mesmo em seu *site* oficial, as informações sobre ele são poucas e contam sua vida sem riqueza de detalhes. Sua biografia diz que nasceu na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na Cidade de Deus, e que assim como Gabriel, o Pensador, também foi revelado por sua participação na coletânea “Tiro Inicial”, no ano de 1983, quando ainda era integrante de um grupo de *rap*.

O Mensageiro da Verdade (MV), antes de dedicar-se ao *rap*, chegou a cantar um samba-enredo composto por seu pai. Em 1998, lançou o *CD Mandando Fechado*, pelo selo Zâmbia. Esse CD contou com a produção dos Racionais MC’s, Mano Brown e Ice Blue. Um ano depois, esse disco foi relançado pela Natasha Records/BMG, com o título *Traficando Informação*.

Bill participou do *Free Jazz Festival*, tradicional evento musical no qual *rappers* da periferia não haviam ainda se apresentado. A presença de Bill causou polêmica porque ele cantou portando uma arma (que afirmou ser de brinquedo).

Seu CD, *Declaração de guerra*, lançado em 2002, foi considerado mais ameno pela crítica, mas, ainda assim, suas letras são contestadoras e denunciam a violência e a desigualdade social. Nesse CD, Bill mostra ainda mais seu estilo inovador porque acrescenta o som de uma orquestra e um naipe de metais misturados à percussão. Faz referências à MPB

nos *sampler* das músicas *Na rua, na Chuva, na Fazenda*, de composição de Hildon, em sua música *Dizem que sou louco*, usa o mesmo recurso com *Samurai*, de Djavan na sua composição *Mina de fé*.

Costuma usar o nome de Alex Pereira Barbosa porque diz não gostar de dizer seu verdadeiro nome. Diz que prefere dar entrevistas na favela *Cidade de Deus*. MVBill faz um *rap* que não abandona totalmente as raízes tradicionais da cultura hip-hop, mas que traz, para somar-se à ela, outras influências, como o rock.

Bill é conhecido também como escritor. Em parceria com Celso Atayde, lançou, em 2006, o livro *Meninos do Tráfico*. O livro, formatado em documentário, foi apresentado pela Rede Globo de Televisão e causou polêmica. Como escritor, Bill lançara, um ano antes, outro livro. *Cabeça de Porco*, escrito com Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares, também narra a vida triste dos jovens envolvidos com o tráfico.

## 4 O IMPÉRIO CONTRA , ATACA

Assumimos que “a primeira atividade de quem faz a análise retórica de um texto literário começa por se perguntar em que medida o texto persuade, o que cobiça provar, e que tipo de persuasão sobressai: lógica, afetiva ou estética”, como diz Tringali (1988 p. 23). Em virtude disso, para melhor acompanharmos o elaborado percurso retórico de Bill, apresentamos o texto que serve de base nesta análise, *Uma declaração de guerra*, (2002) e deixamos anexos os demais textos aqui citados.

Hei mãe, acorda que o terror vai começar  
Coloca a janta, pode ser a última se pah<sup>9</sup>  
Se eu não voltar, sorria  
Vou em busca de alegria  
Vou incentivando o ódio (quem diria)

É tudo pela salvação  
Em nome da razão  
Acenda a vela  
É o código da rebelião

Os generais nem imaginam nosso plano  
Pensam que é mais um engano  
Jesus está voltando

Os pretos estão do lado de cá  
São soldados mascarados aliados ao pomar  
O diretores forjam as fugas  
Tensões nas celas, bueiros, são verdadeiros sanguessugas

Libere a fuga diretor! Solte os detentos  
Pelados pela rua escura, sem lamentos  
A nossa tropa só tem doido  
Resto, lixo, bicho, praga  
Vou jogar mais vinho na sua área

São pessoas que vivem na amargura  
Não nos resta mais ternura  
A batalha vai ser dura

Eu avisei que a guerra era inevitável  
Pra quem ta na condição desfavorável

Subestimaram, pagaram pra ver e tão vendo  
Ignoraram a nossa coragem e tão morrendo  
A violência não fui eu que inventei  
Somos soldados a serviço de um rei

Chega de ouvir esse discurso social  
Chega de ouvir a lengalenga racial

Sou animal sou (sou), sou canibal sou (sou), eu sou letal  
O verbo que populariza o mal

Vão tirando a fantasia de artista  
Não tem mais carnaval  
Acabou o show pra turista  
Que venham vários pagodeiros e sambistas  
A luta é o coração de um guerreiro ativista

Convoque os índios, convoque os canibais  
Convoque os sonhos, dos nossos ancestrais

Vou invadir mais um hospício  
Vivemos bem no precipício (que que é isso)  
Quero mais guerrilheiros para esta noite  
Vida longa para os pretos, fim do açoite  
Vou maquinar mais homicídios para esse dia

Fim de vida aos brancos, da covardia  
São Benedito, por favor nos proteja  
Tragam todos os fiéis que estão orando na igreja  
Sem terra, sem teto, sem nada nos dentes  
Sem fama, sem grana, sem luz, sem parentes

Se foi torturado, siga-me  
Se ta rebelado, siga-me  
Se tiver bolado, siga-me  
Ham siga-me, ham ,siga-me  
Se cair seus dentes, siga-me  
Se for estuprada, siga-me  
Se o nome for maria, siga-me  
Ham siga-me, ham siga-me

Eu vou pedir mais orações aos crentes  
A guerra é turva, e deus necessita estar com a gente  
São meia-noite o black-out é geral  
Sirenes, apitos, breu total

Ficou pra trás a nossa dor  
Lá no passado que restava todo amor  
Uma criança pede o fim da guerra  
Entre vermelhos e terceiros

Me lembra que somos brasileiros  
Mais ideologia, menos conflito  
Não façam de nós mais um grupo de risco

O alemão não apita na favela  
Confira você mesmo e olhe pela sua janela  
Fale seu partido, preciso saber!  
Pmdb, pt, satã ou tc ?  
Se for de esquerda, não me contemplou  
Se for de direita, me ignorou  
Se for de bandido, é um caso pra pensar  
Vou me filiar preciso arriscar

Adestrador prepare os cães, não dê comida  
Avisse aos lobos que a pele é branca e a carne é viva

A luta é racial  
 A luta é social  
 Mais ninguém se espanta  
 Porque a guerra é santa

É preta, marrom, mestiça e branca  
 E quem não decidir em que lado está, vira planta

Eu sou ateu, protestante, sou judeu  
 Eu sou maçom, rosa cruz e fariseu zulu

Eu sou a luz do universo em desencanto  
 Eu não sou mais nada só a voz do catalão

Levei 500 anos pra entender esse país  
 Se querem saber eu só queria ser feliz

Maria dê veneno pra rainha sua patroa  
 Volte pro quitin com as jóias da coroa  
 Agora cai por terra toda arrogância  
 Vamos celebrar viva a voz da ignorância

Deus vai perdoar, deus vai entender  
 Deus vai lhe ajudar, chega de padecer  
 De um lado humanos, do outro humanos  
 Todos armados então são desumanos

Falam que a briga não leva a nada  
 O mar não tem cabelo, quem se afoga nada  
 Não dá pra exigir de quem não come nada  
 Aqui seu diploma não vale nada

Nós não somos nada  
 Nós não temos nada  
 Branco camarada, largue a espada

Acabou o desafio, não pode pensar  
 Imagino deve ser difícil aceitar  
 Essa guerra já foi vencida  
 Solte suas armas e comece a despedida  
 Abaixar a cabeça, faça o último pedido  
 Peça qualquer coisa menos ser meu amigo  
 Não, não faz sentido  
 Sou herói e o bandido?  
 A sirene tá gritando  
 Perigo

Os pretos vão te julgar  
 Você tá bolado  
 E então comece a chorar  
 Devolva meu samba, a nossa cultura  
 A capoeira, o axé e a vida das pessoas que moram na rua  
 A história foi queimada, ofendida  
 A morte é o fim, a guerra é a vida  
 Durante muito tempo eu vi o mundo girar  
 De braços cruzados esperando a morte chegar  
 Foi o despertar comece a sua prece  
 Dessa vez é o racha  
 Ou vai ou desce

Se perdeu o juízo, siga-me  
 Ta no prejuízo, siga-me  
 Não quer ser escravo, siga-me  
 Ham siga-me, ham, siga-me  
 Já matou tarado, siga-me  
 Se perdeu o seu emprego, siga-me  
 Se foi derrotado, siga-me  
 Ham siga-me, ham, siga-me

Apresentado o “texto base” do *corpus*, iniciamos a análise a partir da seguinte afirmativa: a persuasão pode iniciar-se de modos diferentes. Cada retor faz as escolhas que julga mais eficazes para conquistar e prender a atenção de seu público. Em *Declaração de guerra*, de MVBill, o orador assume uma voz coletiva, polifônica, de representante de um clamor geral, quando chama os ouvintes para segui-lo. Anuncia a existência de um exército armado e poderoso que precisa lutar contra o poder instituído. Seu discurso chama para o ataque. O “siga-me”, usado várias vezes pelo retor, mostra que ele é (ou pretende ser) o líder da guerra anunciada. O processo de persuasão já fica claro desde suas primeiras palavras e, desde já, estabelece a normatização dos preceitos da guerra:

Hei, mãe, lembra que o terror vai começar  
 Coloca a janta, pode ser a última  
 Se eu não voltar, sorria  
 Vou em busca de alegria  
 Vou incentivando o ódio (quem diria)

Após pedir à mãe que o alimente e adverti-la de que aquele pode ser o último jantar que ela lhe serve, o orador (já se referindo à guerra da qual participará) diz: “É tudo pela salvação”. Nas palavras do retor, fica explícito que é preciso correr o risco, lançar-se à batalha, talvez até perder a vida terrena para alcançar a salvação e a vida eterna.

O discurso fica cada vez mais sedutor, mais persuasivo porque a salvação que o retor “oferece” representa, para a cultura judaico-cristã, o gozo numa pátria celestial ornada de ouro e diamantes. O retor suscita a crença: A salvação é sinônimo de deleite e felicidade eterna na presença de Deus.

Juntam-se, na luta, o homem de carne e sangue sujeito às leis terrenas e o homem espiritual, cujo dever é com seu Deus, de quem pretende herdar a salvação.

É tudo pela salvação  
 Em nome da razão

É essa “certeza” de que é necessário lutar que o faz dizer: “é tudo em nome da razão”. Seja qual for o sentido que se dê à palavra razão, nesse trecho, fica provada a convicção do orador de que a luta é necessária. Seja a razão o motivo, seja a razão o senso, o certo é que a batalha não pode ser adiada. O orador se vale, então, de uma prova retórica ligada ao *pathos*, pois busca movimentar as paixões do auditório, ainda que no plano da superfície pareça estar recorrendo ao *logos*, à razão, é por isso que diz:

Acenda a vela  
É o código da rebelião

A rebelião iniciada mostra que, nesses versos, vida é apresentada como luta. A visão característica do Positivismo, do século XIX, é colocada em versos singelos que suscitam paixões outras, mais terna e quase imbatível retoricamente, pois evocam a figura da mãe e da famosa ternura materna. O auditório, num relance, é envolvido e transformado em peça de um complexo jogo, cujo início é marcado pela aparição mística e sagrada da figura que acalenta e dá origem ao sofredor: a mãe. A dor das ruas é retratada pelo retor para ganhar o auditório. Em *Soldado Morto* (2002) as palavras elaboram um doído apelo de dor e de tragédia como recurso retórico para causar impacto de tristeza e comoção nos ouvintes:

Conheço essa mão alisando meu queixo  
É da minha velha que não agüenta e me dá um beijo  
Mexe a cabeça de forma negativa  
Parece não acreditar que tiraram minha vida  
Segura minha mão e olha pro alto  
Enquanto o meu sangue se mistura com o asfalto  
Várias mulheres com choro recolhido  
Minha mina descobre que não era a única a dormir comigo  
Pra alguns alívio  
Pra outros, tristeza  
Não é o fim da guerra, essa é a única certeza

A figura da mãe representa a tristeza. As mulheres chorando ao redor do morto parecem querer relembrar o episódio triste da crucificação de Cristo. As mulheres se comovem pela morte “injusta” de mais um jovem da favela. O retor deixa claro sua certeza: esta morte “não é o fim da guerra”. Sangue e asfalto misturados, o alívio de uns e a tristeza de outros, a ausência da figura paterna para chorar o morto são elementos que nos mostram um pouco mais sobre a vida nas favelas onde, normalmente, a mãe faz também o papel do pai (que é figura pouco representada nos textos de Bill). O universo do simbólico já está estabelecido e, para compreender este procedimento retórico, é preciso saber o seguinte:

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

O universo do simbólico fornece uma integração unificadora de todos os processos institucionais separados. A sociedade inteira agora ganha sentido. Instituição e papéis particulares são legitimados por sua localização em um mundo compreensivelmente dotado de significado. Por exemplo, a ordem política é legitimada pela referência a uma ordem cósmica de poder e justiça e os papéis políticos são legitimados como representantes desses princípios cósmicos (BERGER & LUCMAN, 1985, p. 141).

Legitimado o papel do líder diante do auditório, o retor dá seqüência ao estabelecimento da retórica alicerçando a guerra por meio da associação de idéias. Halliday (1999, p. 49) afirma que no assentamento desses alicerces, usamos associações de idéias que chamamos “metáforas”. As palavras são organizadas de modo a deixar o auditório significá-las, interpretá-las. Isso porque

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico. (ORLANDI 1996, p.32-33).

Nos textos aqui estudados, as metáforas são, em grande parte, as responsáveis pelos impactos que os versos nos causam. Observemos que, mesmo em presença de outras figuras, as palavras e expressões usadas como metáforas dão forma e vida aos pensamentos do poeta como, por exemplo, quando o retor diz: “Somos resto, lixo, bicho, praga”.

Todos os argumentos patéticos, ligados às emoções, se fundem num movimentar de paixões que se sobrepõem, se alteram e se conjugam em artificios retóricos que usam fortes metáforas como argumentos: “praga”, “direita”, “esquerda”. Todas essas referências ligadas ao universo bíblico são metaforicamente utilizadas para amedrontar, persuadir e convencer de que há uma guerra entre o morro e o asfalto.

Os alicerces da construção retórica estão, portanto, cimentados e assentados em um vocabulário do qual se formam as expressões que compõem as imagens e sentimentos próprios para evocar o terror do confronto na mente do público e o predispor a aceitar (ou rejeitar) a definição das coisas propostas pelo comunicador.

No texto que nos serve de base para a análise, *Uma declaração de guerra*, e nos demais poemas que compõem o *corpus*, a luta se metaforiza para mostrar que a invasão dos guerrilheiros é insana já que as leis se transmutaram e não há mais caminhos para o bem: os homens são “animais e canibais”.

Por meio do uso das metáforas o retor diz: “eu sou a luz”, retrata uma

voltando”, avisa aos inimigos que vai “derramar vinho na sua área”, anuncia o “código da rebelião” e, assim, realiza sua pregação retórica e bélica.

Sabemos que:

Para que surja a poesia, o poeta precisa violar o código, bloquear o sentido denotativo para que apareça o sentido conotativo. Por isso, a metáfora não é simples troca de sentido, mas é troca de tipo ou de natureza de sentido, passagem do sentido nocional para emocional. (SAMPAIO, 1978, p. 4).

É exatamente isso que ocorre nos versos de um poeta que se autodenomina “Mensageiro da Verdade”, cuja metáfora da própria alcunha já impregna o texto de mistério e religiosidade.

Neste sentido, portanto, todo procedimento metafórico de que se serve o poeta nada tem de aderência passiva de, ou a, significados: ao transferir sentidos, o poeta moderno, isto é, aquele que assume a consciência da precariedade dos significados, não visa apenas o embelezamento do seu discurso; a transferência básica, que está na origem da atividade metafórica, busca redefinir e, portanto, reavaliar as possibilidades de significação (BARBOSA, 1978, p. 49).

As metáforas possibilitam bombardear o auditório com palavras retoricamente poderosas que servem como marcação do ritmo da batalha. Entretanto, os versos não se saciam apenas com as metáforas e, por isso, o retor lança mão de outros recursos, pois, quando diz que “A sirene tá gritando, perigo” e relembra que a sirene é um sinal de alerta, colabora para que o auditório tenha sua atenção capturada por meio de traços de sua cultura, de sua trajetória social, de sua vida. Vemos que a memória coletiva vai sendo, aos poucos, acordada e revivida como recurso retórico. Em vários versos, podemos perceber a alusão ao passado ou ao presente triste das comunidades. *Em Cidadão comum refêm* (2002) encontramos novamente a sirene como aviso das dores da guerra:

Autoridade vem e invade sem critério nenhum  
o som da sirene, o cheiro de morte derrubaram mais um  
na frente do filho eles quebraram o pai  
o Zé povinho fardado vem entra mata e sai  
sem ser julgado corrompido alienado revoltado fracassado  
vai pintando esse quadro  
o quadro do filme da sua vida (da sua vida)  
o quadro de vidas e vidas da maioria esquecida  
decorrente do descaso e da corrupção  
moleque cresceu não tinha emprego então virou ladrão  
menor bolado por aqui tem de montão  
morre um nasce um monte com maior disposição

O retor traz “o quadro de vidas e vidas na maioria esquecidas” para ser visto pelo auditório. Essa atitude comunicativa ampara-se no conhecimento de mundo do grupo, ao qual o retor se dirige e que, provavelmente, entende que o “grito” da sirene é um aviso de perigo iminente. A sirene serve para lembrar ao “Zé povinho” quem ele é, qual seu lugar na sociedade, quantos são os riscos que corre. O quadro social mostra que a vida para as pessoas do povo é vivida através da ficção. O belo, o caro, o que é de bom gosto é visto nas alienantes telas da TV porque a feiúra da vida real precisa ser apagada, ainda que temporariamente, para que essas pessoas “esquecidas” tenham possibilidade de alimentar algum sonho.

A situação de carência vivida no cotidiano das massas, onde não há nenhuma ocorrência excepcional, onde o indivíduo tem que levantar-se cedo todas as manhãs, apanhar um ônibus cheio, lá passar mais de uma hora, executar um trabalho maçante, relacionar-se superficialmente com seus colegas de trabalho, ir cansado para casa, pegar outro ônibus lotado e viajar mais tanto tempo, chegar em casa, jantar, sentar-se diante da TV, cochilar e por fim dormir, para ter no dia seguinte tudo outra vez, por uma vida toda, essa vivência sem novidades, sem emoções, sem ocorrências que fujam do cotidiano retiram do sujeito o verdadeiro prazer de viver. Sua potencialidade emotiva, ativa, de relacionamento dilui-se no cotidiano do trabalho, que só lhe exige rendimento. Para esse homem, para esta mulher, a vida que a televisão mostra é uma verdadeira troca, com vantagem, da vida real. A emoção que a mulher sente pela novela e o homem pelo esporte ou a atração que ele tem pelas vedetes do vídeo, os fazem viver por meio da televisão. A televisão possibilita uma vida real, uma prática de emoções, de sentimentos, de alegria e de tristezas, de sensações sexuais que a vida real não mostra de forma alguma. Ela é o alimento espiritual desse corpo cansado e sugado pelo trabalho industrial na linha de montagem. (MARCONDES, 1988, p.82)

Inimiga do sonho mostrado pela TV, a sirene é uma espécie de tela na qual se reproduz “o filme” verídico da vida dessa gente humilde, esquecida por aquilo que o poeta chama de “descaso da corrupção”. O agir comunicativo do retor destrói o encantamento das novelas e usa a realidade como laço de arame farpado que prende o auditório. Habermas explica que:

o agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular no qual o ator é as duas coisas ao mesmo tempo: ele é o indicador que domina as situações por meio das ações imputáveis, e é também o produto das tradições nas quais se encontra, dos grupos solidários aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria. (HABERMAS, 1989, p.166)

O conhecimento do auditório sobre o aviso de perigo é o mesmo conhecimento do retor, é uma memória compartilhada. Dessa forma, o retor fala do que conhece e para um auditório que tem a mesma noção do aviso de violência anunciada pelo toque da sirene. Nesse caminho retórico, o que importa persuadir o auditório de que há, entre aquele que fala e

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

aqueles que escutam, uma causa comum: a guerra que os cariocas (especialmente os moradores de favelas) conhecem tão bem. O auditório é, por isso, envolvido no jogo argumentativo do gênero judiciário: precisa colocar-se na posição de juiz para absolver ou condenar o que foi feito no passado e, no caso, ainda é feito no presente.

De acordo com Santos:

É letal ser cidadão de baixa renda no Rio de Janeiro. Um dos Índices mais estonteadores da segurança pública do ano de 2007 foi o aumento de 33,5% dos atos de resistência registrados pela Secretaria da Segurança Pública, através de seu extinto órgão de pesquisa e produção de dados, o Instituto de Segurança Pública (ISP).

Segundo esses dados do ano passado, enquanto no primeiro semestre de 2006 foram registradas 520 mortes por “resistência” à “prisão”, este número pulou para 654 registros em 2007, aumento de 25,07%. Coincidentemente, o número de prisões diminuiu 26,3, no mesmo período (SANTOS, 2006, p. 19).

Retor e auditório podem entrar em entendimento no discurso porque são conhecedores da situação relatada (ou denunciada). Há entre o que fala e os que ouvem acordos e, a despeito da situação de desespero mostrada, os valores comuns entre os participantes do discurso arrematam esses acordos. Noutros versos de Bill, O retor sabe que, gradativamente, está empregando mais intensidade a seu discurso para conquistar a adesão do auditório, mas seu auditório desconhece tal manobra. Perelman & Tyteca dizem:

Quando essa intensidade não é conhecida com precisão, o orador tem, por assim dizer, liberdade na utilização de cada um dos valores, sem precisar justificar necessariamente a preferência que concede a um deles, uma vez que não se trata de subverter uma hierarquia admitida. (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.92)

Os versos do texto mostram que o retor está se dirigindo aos “soldados” que sempre correram sobre as ruas de lama com esgoto a céu aberto, características comuns das favelas. São filhos do crescimento urbano desordenado que transforma as favelas em cidades dentro das cidades. Refere-se a eles como resto, lixo, praga, bichos e, ao desumanizá-los, mostra o quanto são fortes, ferozes, perigosos e partícipes de um modo de vida violento mostrado também em *A voz dos excluído*:

Contaminado e dominado pelo medo  
Aqui cadeia é pra puta, pobre e preto  
Sujeito homem, não sou homem sujeitado  
Nem sou condicionado a ser manipulado por ninguém  
Minha atitude vai além  
Falo por milhões, compreendido por menos de 100

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Com efeito, a cidade dividida entre asfalto e morro permite que cada um desses espaços tenha modos de vida muito diferentes e que os homens se vejam, geográfico e socialmente, colocados em lados opostos. De acordo com Barbosa (1978) “A linguagem com que trabalha o poeta é aquela a que a história da sociedade foi impondo valores e significados”.

O poema *De Homem pra Homem* traz um trecho que conta um pouco do guerreiro louco que anda pela noite em busca de vingança:

Não tem ninguém na rua  
 Eu tô que nem louco, andando pela chuva  
 Jaqueta de couro, calça jeans velha  
 Touca preta na cabeça, minha farda de guerra  
 Meu filho só Jesus pode te salvar

As cidades-favelas criam suas próprias culturas e suas próprias relações de poder, os homens desses espaços se conhecem, sabem as leis e os costumes do povo do lugar, relacionam-se cotidianamente com tudo que esse espaço representa, nessas comunidades, a vida de um morador é igual à vida dos outros moradores. Por isso, são chamadas comunidades. A idéia de *comuna* é perfeitamente adequada ao modo de viver desta gente que compartilha, por imposição política, de um mesmo “modelo social”.

As relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro; a cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina sua natureza “(CARLOS, 2008, p. 73).

No palco das cidades, atuam retór e auditório. Esse espaço geográfico que é obra de ninguém, obra sem sujeito e, ao mesmo tempo, constructo de um grupo social, abriga os guerreiros da noite. Homens-atores nesse palco da vida, no qual dialeticamente o retór procura persuadir e convencer numa luta retórica que, embora desarmada, quer conquistar a vitória. Assim como procede no poema em análise, no texto *A noite* (2002), Bill mostra esta teatralização:

A noite, a noite é onde tudo acontece  
 Na saída da minha casa eu levo uma geral<sup>10</sup>  
 Pra não perder o costume natural  
 Coisa normal, no meu bolso tem nada .Aí negão, ta liberado, rala<sup>11</sup>

<sup>10</sup> “Levar uma geral” é o mesmo que ser revistado

As vozes se interpõem: o militar tem ascensão aparente sobre o soldado instituído pelas mazelas sociais. Não há referência de cor para o militar que revista o outro na porta de casa, mas o rebelde revistado é declaradamente negro: “*Aí, negão, ta liberado, rala*”. É o discurso dominante explicitado: o representante da instituição (a polícia militar) tem discurso autorizado. Esse ato de revistar o cidadão negro é permitido ao policial pelas leis que regem a sociedade e é tomado como acinte pelo “*negão*” revistado.

Produtores e produtos deste espaço violento, os homens retratados por Bill sabem guerrear e conhecem o território, no qual a disputa sangrenta se realizará. Essa idéia retoma todo o código ético da bandidagem: não denunciar os companheiros, respeitar as leis do grupo, não revelar os segredos dos “irmãos do crime”. O elemento surpresa, o sigilo com que as estratégias da guerra são traçadas e estão mostradas nos versos de *Uma declaração de guerra* (2002).

Os generais nem imaginam nosso plano  
Pensam que é mais um engano

O que o representante do discurso dominante desconhece é as forças não institucionalizadas, sub-reptícias, que subverte a ética e a ordem, que nasce da consciência da opressão. Percebe-se que o plano da vingança está estrategicamente elaborado e que os guerreiros conhecem o “código da rebelião” ao qual o retor se refere e sabem escolher o lugar e a hora do ataque para tomar de assalto os oponentes. À sua maneira, em versos cada vez mais inflamados, o retor cumpre seu propósito: instaura a cólera.

Essa paixão, como vimos no capítulo teórico, consegue causar irritação, pois revela alguma ruptura em nossa identidade. É a paixão natural quando nos vemos diante de uma injustiça ou daquilo que consideramos injusto. É alimentada por sentimentos de desprezo, de afronta ou do ultraje e suscita desejo de vingança. A cólera nasce do erro de julgamento e afeta a lógica. A irritação sentida só pode reequilibrar-se se considerar a possibilidade de vingança. Aristóteles (2003, p. XLIII) diz que “a cólera é uma paixão fundamental, visto que o passional é o lugar da incompatibilidade”.

Essa cólera revestida em versos curtos perpassa os poemas em análise. Já que todo conhecimento parte de uma dada realidade, percebemos que os “terroristas” (conclamados a se encolerizar) são os moradores dos becos, dos guetos, das favelas que crescem, diariamente, na cidade do Rio de Janeiro.

No poema *A voz dos excluídos*, temos outro exemplo da grande ameaça da

Pode acreditar  
 Terrorismo: A voz dos excluídos ta no ar  
 Mais um guerreiro no Rio de Janeiro  
 Buscando alternativa pra sair do coma brasileiro

Com o crescimento dos aglomerados urbanos, cresce também a violência e o terror que se abate sobre os grandes centros urbanos. O jornal *O Globo*, de 28/01/01, traz um artigo sobre o fenômeno da proliferação das favelas no Rio de Janeiro. O artigo mostra dados revelados pelo censo do IBGE. Segundo as autoras:

Os números vêm confirmar o que é já percebido a olho nu. A cada mês, pelo menos uma nova favela com mais de 50 casas surgiu no município do Rio nos últimos dez anos. O censo de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que a cidade ganhou 119 favelas a partir de 1991. O IBGE listou 513 comunidades faveladas no ano passado na capital - um crescimento de 30,2% em relação ao censo anterior, feito em 1991, e de 12,3% levando-se em consideração a recontagem de 1996. No ranking nacional, o Rio ficou em segundo lugar, só perdendo para a cidade de São Paulo em quantidade de áreas carentes. Embora menor do que na capital, o aumento percentual do número de favelas no Estado do Rio alcançou 22,7% - passaram de 661, em 1991, para 811, em 2000 (PONTES & SCMIDT, 20/01/2001).

O retor se apropria, ainda que indiretamente, desses dados. É preciso salientar que os versos de Bill revelam muito mais do que a guerra no Rio de Janeiro. Falam de um fenômeno social que se espalha pelo mundo: os soldados podem ser de qualquer outra favela, pois em Moçambique, Alagoas, Cuba ou nos Estados Unidos, o gueto é sempre o gueto e sua língua e sua lei é praticamente a mesma em todos os lugares em que eles existem: a violência é a única lei, o único código que o poeta só pode transformar em versos porque, segundo Faustino, ele é:

um homem de certa capacidade de percepção e de expressão, ambas verbais (assim como tanto a percepção como a expressão específicas de um músico são mais uma questão de sons), que o tornam apto para harmonizar – intrinsecamente e um em relação ao outro – os dois universos: um tangível – natureza e sociedade – e outro intangível – o das palavras em todos os seus aspectos de som, idéia e imagem. O poeta seria, portanto, aquele homem que, capaz de receber os fenômenos naturais e sociais de modo especialmente sintéticos, é também capaz de exprimir em palavras organicamente relacionadas, essa visão totalizadora de um mundo e uma época. (FAUSTINO, 1976, p.39).

O abandono, a falta de condições dignas de trabalho e educação, a ausência de investimentos na formação (intelectual e ética) do povo resultam na marginalização. Com a marginalidade vem a violência e com a violência vem o desespero, a descrença, a loucura. Em *Camisa de força* (2002), o retor diz:

Direto do hospício que chamam de favela  
 Aqui mais um maluco que não acredita em novela  
 Se a vida é bela na tela tudo bem,  
 Quem é louco como eu veste camisa de força também  
 Minha loucura é simples de ser compreendida  
 Me transformaram em canibal, em preto suicida

A gravidade da situação é mostrada pelo retor: o mundo tem as feições de um hospício, pois está repleto de loucura, dor e violência. A vida tão lindamente representada nas telas da TV tem, no mundo real, outra cor e outro peso. Nos guetos é preciso ser forte para sobreviver, ter consciência de que a vida é uma guerra e que, portanto, a retórica do texto está concentrada na arte da guerra:

Consegue-se apurar as disposições do meu inimigo e, simultaneamente, lhe oculto as minhas, então posso concentrar-me e ele terá de se dividir. Aí gozarei de superioridade numérica. Assim, com muitos contra poucos, estes ficarão numa posição medonha.  
 O inimigo deve desconhecer onde pretendo dar-lhe batalha, porque, não sabendo, terá de se preparar em muitos pontos diferentes, resultando que aquele que eu atacar disporá sempre de poucos a defendê-lo (TZU, 2007, p. 69-70).

A receita dada por Tzu serve para frisar que é preciso saber das artimanhas do inimigo e esconder as próprias artimanhas para não perder a guerra. Na guerra, a astúcia é a melhor aliada. É preciso estar sempre atento ao perigo. São essas as estratégias sugeridas nas palavras do retor que conta o porquê da guerra. Em *Cidadão comum refém* (2002), Bill diz:

Toda vez a mesma história, criança correndo mãe chorando chapa quente  
 tiro pra todo lado silêncio na praça o corpo de um inocente  
 chega a maldita polícia, chega a polícia o medo é geral  
 armado fardado carteira assinada com o ódio na cara pronto para o mal  
 mais um preto que morre ninguém nos socorre a comunidade na cena a arma dispara  
 o câmbio comenta parece até cinema não é  
 é real, as armas não são de brinquedo  
 quando a polícia invade a favela espalha terror e medo  
 é gente da gente que não nos entende usa de violência  
 o corpo estendido no chão ao lado uma poça de sangue consequência do despreparo  
 daqueles que eram pra dar segurança  
 e ganham aumento com bravura quando tudo termina em matança  
 refém do medo, guerreiro do inferno guiado por Jesus  
 na escuridão, tentando buscando achar uma luz

A reprodução histórica do abandono é denunciada pelo retor “Toda vez a mesma história”, não existem mudanças positivas e significativas na vida destas comunidades. Nestes lugares a “chapa está sempre quente”, o “bicho está sempre pegando”, a luta é diária,

Expressões como “guiado por Jesus” e “achar a luz” remetem à religiosidade. Esse ato retórico é absolutamente persuasivo: o auditório já assumiu uma nova perspectiva diante da opressão, atingiu um novo status e a retórica se configura em seu intento maior: transformar-se em ação persuasiva, conquistar a eficácia.

Dentre as diversas situações que sabemos fazer parte do cotidiano de muitas favelas cariocas, algumas são mostradas como um retrato instantâneo: o corpo estendido, a poça de sangue, guerreiros do inferno, Jesus Cristo. O real e subjetivo verdade e simbólico se revezam na construção de atos retóricos persuasivos. A mostra da dura realidade da matança indiscriminada mostra ao auditório o tamanho das injustiças praticadas contra os pobres.

Ainda no campo do simbólico, o retor usa mais um artifício retórico: o ecumenismo. Desse modo, pode abarcar homens de diferentes credos. Em *Uma declaração de guerra*, o retor diz:

Eu sou ateu, protestante, sou judeu  
Eu sou maçom, rosa cruz e fariseu zulu

Capitalizando diferentes crenças, o ato retórico se amplia, pois, com a representação que faz de si, já nos primeiros versos, o retor abala a concepção de justiça e avisa que é hora do terror. Fortalecido pelo escudo das crenças religiosas o retor reveste-se de uma armadura resistente e protetora para persuadir. Isso por que:

Um indivíduo ou organização que se pronuncie sobre matérias de vida ou de morte como fonte autorizada (por uma divindade ou pela ciência), conta com nossa docilidade em face de suas argumentações. Tornamo-nos muito pouco críticos diante de comunicadores que demonstrem conhecer o que não conhecemos – como os mistérios da fé e os mistérios da doença – e se apresentem como familiarizados com o que nos causa apreensão (os caminhos do corpo e da alma) (HALLIDAY, 1999, p. 20).

O desvinculamento de uma única crença, a manobra retórica de ser um homem de fé em várias “filosofias religiosas” serve para aproximar o retor dos diferentes crentes dos guetos. A religiosidade é um chamariz para atrair os ouvintes. Podemos notar nas palavras do orador os paralelos entre a guerra e a vida, entre a batalha e o direito de saborear os frutos da vitória. Retor instaura, assim, definitivamente a retórica da guerra. Um local teórico em que as paixões se exacerbam, em que a lógica se dá pela própria constituição interna do sentir, em que a noção de moral e ética se vêem subvertidas por uma racionalidade invertida que, ainda assim, justifica o fazer: incentivar o ódio pode, por exemplo, justificar a alegria, exigir que as

instituições penais, corruptas do ponto de vista do retor, dêem liberdade aos presos. Ele ordena: “Libere a fuga”, “A nossa tropa só tem doido”.

As alusões à escravidão e à corrupção do sistema carcerário formam o cenário já conhecido pelos negros e pelos marginalizados. Essas e outras referências a um sistema político e social falido aparecem na voz do retor numa receita temperada de ódio que serve para anunciar a hora da vingança:

Subestimaram, pagaram pra ver e tão vendo  
Ignoraram nossa coragem, tão morrendo

Todos os que ignoraram a ameaça dos detentos estão sob ameaça. É importante lembrar que “começa-se a reconhecer que a cada estrutura social corresponderia modos específicos de expressar a comunhão social” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 186), por isso, homens estão unidos para a guerra: porque têm em comum um objetivo.

Estamos, pois, diante de uma imposição elaborada pelo retor e que afirma que é chegada a hora de exigir de volta tudo o que foi tomado do povo dos guetos: a dignidade, a cultura, o canto, a dança, a História perdida e negada que os brancos queimaram. A nosso ver, o resgate da dor antiga e ainda latente é fonte constante para o retor inflamar seu auditório. Em *Uma declaração de guerra* encontramos os seguintes versos:

Devolva meu samba, a nossa cultura  
A capoeira, o axé e a vida das pessoas que moram na rua  
A história foi queimada, ofendida  
A morte é o fim, a guerra é a vida

É chegada a hora de exigir de volta tudo o que foi tomado do povo dos guetos: a dignidade, a cultura, o canto, a dança, a História perdida e negada que os brancos queimaram. E o retor infunde no auditório duas paixões bem nítidas: o ódio e o temor. O ódio causa divisão, dissociação, diferença, distanciamento entre os espíritos. O temor é a paixão que sentimos em relação aos fortes, já que os mais fracos não nos causam medo. Tememos as coisas ou pessoas que tenham capacidade de levar-nos à ruína, de nos causar danos.

A História do povo brasileiro vira espetáculo porque, nos versos do retor, são indiscutíveis as afirmativas de que os excluídos, que viam o mundo girar, mas não giravam com ele, agora estão despertados e prontos para o que der e vier. O verbo devolver é usado no imperativo. Ora, só é possível devolver algo que foi tomado ou emprestado de alguém. As palavras deixam claro que não houve empréstimo, houve o roubo de uma cultura que ora é

requerida e requerida pela força. As palavras ásperas do retor falam imperativamente aos inimigos. É um discurso sem piedade, imperativo e audacioso.

Na voz do retor, um cristo, um profeta, um salvador, um deus se manifesta para persuadir seu auditório a aceitá-lo como guia, como salvador nos domínios da terra urbana. O poeta alimenta seu discurso com a força da palavra bíblica com a qual se compromete retoricamente. Quer convencer de que faz parte do universo do sagrado. A autoridade divina confere vigor a seus versos. O retor serve-se do que Perelman & Tyteca (2005, p.347) chamam de “argumento de autoridade”. Por meio deste recurso retórico, o retor se mostra vingativo e com o poder de fazer justiça com as próprias mãos. Nos versos de *Cidadão comum refém*, o julgamento sob as leis do crime é citado:

No júri da favela já ta condenado  
Ao sono eterno, lá no sítio queimado

A favela tem seu júri e seu juiz e ,como parte do ritual da guerra, o retor convoca diferentes grupos para a luta, os loucos (que já perderam o juízo), os que de alguma forma foram lesados, roubados, os que querem se rebelar contra a escravidão e fugir para um novo quilombo, os matadores de tarados (justiceiros que não admitem o crime de estupro e os punem com a morte ou com a tortura), os desempregados, os derrotados. Todos são chamados a fazer parte de um único grupo, unidos pelos mesmos ideais e mesmos valores.

Se perdeu o juízo, siga-me  
Ta no prejuízo, siga-me  
Não quer ser escravo, siga-me  
Ham, siga-me, siga-me  
Já matou tarado, siga-me  
Se perdeu o seu emprego, siga-me  
Se foi derrotado, siga-me  
Ham, siga-me, ham, siga-me

Um novo e nítido código se formam, sem grandes justificações verbais, mas fortemente amarrado a uma emoção que foi suscitada, ressaltada e elevada à categoria do quase divino: o código da rebelião já citado no início do texto como sagrado, bíblico.

Torá<sup>12</sup>, Bíblia não importa: a luta é sagrada e o código, divino. Um emaranhado religioso, o mundo fenomênico construído por diferentes culturas emerge na guerra do gueto, na Geografia das vielas e da sub-habitação.

<sup>12</sup> A tradução grega do antigo testamento traduz “Torá” como “Lei de Deus” ou “Lei de Moisés” Já Azevedo

É evidente que, neste ato retórico, ganha em valor e, ao *ethos* de paladino, de justiceiro, soma-se uma nova configuração de caráter: o profeta. Ele prevê e relata o porvir à platéia de inimigos ou não. Observemos que:

Esse contato entre orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 21).

Além dos recursos retóricos já usados, o retor lança mão de mais um recurso: aos primeiros amedronta, aos outros estimula o ódio. Essa posição conquistada, assumida fortalece a voz do enunciador e sua idéia é mostrada com palavras de valor místico: “Eu sou a luz do universo em desencanto”.

Se, na perspectiva da sociedade em que atua, a violência é condenada, na perspectiva dos oprimidos, a violência é uma necessidade, uma verdade da natureza (*theoria*) e não apenas contingente (*phronesis*). O dizer é, no plano racional, megalomaniaco, mas no plano retórico, o que se destaca são os valores universais: o verdadeiro e o bem; os valores fundamentais: a justiça e a liberdade; e os valores ativos: a responsabilidade e a solidariedade. A receita altamente retórica funciona muito bem no percurso argumentativo escolhido pelo retor.

Esse ponto de vista é, assim, fortalecido com vários argumentos que procuram mostrar o que os inimigos fazem contra os marginalizados e convencer aos injustiçados de que é hora de fazer justiça com as próprias mãos para alcançar a felicidade, pois “as opiniões de um homem dependem de seu meio social, de seu círculo, das pessoas que freqüentam e com quem convive” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 23).

Por isso, o retor mostra um mundo que é seu conhecido, dominado pela injustiça e pela covardia que prevalece há séculos, sempre atuando contra os mais fracos. Esse é o mundo que diz conhecer e é desse contexto que fala e que prega a batalha. Elenca dados sobre os conhecimentos que tem sobre sua vida e sobre a história, tão comum, de seus guerreiros, uma história de dor e de injustiças que se acercam daqueles que demoram a entender a própria identidade de seu povo e que, ainda assim, desejam a felicidade.

O desejo de felicidade é novamente associado à memória infeliz do povo negro. O significado histórico das palavras do retor é um recurso retórico, já que para a

---

sentido global é muito mais amplo. A Torá cobre o relato histórico da criação do mundo e da formação do povo

argumentação se transformar em persuasão, o orador recorre a esse significado histórico como figuras e expressões da “verdade” e soma-a a uma outra “verdade” que seu auditório conhece e que aceita por perene, imutável e sagrada: a verdade bíblica. Em *Só Deus pode me julgar* (2002), o poeta diz:

Levei 500 anos para entender esse país  
Se querem me entender eu só queria ser feliz!

Mais de 500 anos de anos de sofrimentos  
Me acorrentaram, mas não meus pensamentos  
Me fale quem? (quem), Tem o poder? (quem)  
Pra condenar? (quem), Pra censurar? (alguém)  
Então me diga o que causa mais estrago  
100 gramas de maconha ou 1 maço de cigarro  
O povo rebelado ou polícia na favela  
A música do Bill ou a próxima novela  
Na tela a seqüela, no poder corrupção  
Entramos pela porta de serviço, nossa grana não  
Tá bom, só pra quem manda bater

Persuadir e convencer aparecem como objetivos no discurso de MV Bill e esses dois processos retóricos se misturam às expectativas do retor, aos seus conceitos sobre o mundo, às suas experiências de vida e ao conceito que forma sobre seus ouvintes. Esta é a argumentação que não se contenta em ser somente persuasiva, mas que deseja convencer o auditório.

Propomo-nos a chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. O matiz é bastante delicado e depende, essencialmente, da idéia que o orador faz da verdade encarnação da razão. Cada homem crê num conjunto de fatos, de, que um homem “normal” deve, segundo ele, aceitar porque são válidos para todo ser racional (PERELMA & TYTECA, 2005, p. 31).

O retor simula um diálogo com seu auditório. Parece perguntar a qual partido seu público defende, parece querer conhecer a opção político-partidária de seus ouvintes. No entanto, a seguir, toma novamente a palavra e diz qual é o partido a que devem pertencer seus seguidores: o partido dos bandidos.

Se for de esquerda, não me contemplou  
Se for de direita, me ignorou  
Se for bandido é um caso pra pensar  
Vou me filiar, preciso me arriscar

O risco é novamente enfocado. O sustentáculo da argumentação é a violência neste discurso. Olhado racionalmente, o argumento esbarra no absurdo porque, ao mesmo tempo em que exorta os valores universais, o retor se inclina para a bandidagem. O argumento é o racional do irracional, mas tudo indica que os propósitos do poeta incidem justamente sobre esse *nonsense* do existir numa sociedade que, segundo Munanga :

supõe a negação absoluta da diferença, ou seja, uma avaliação negativa de qualquer diferença, e sugere no limite um ideal implícito de homogeneidade que deveria se realizar pela miscigenação e pela assimilação cultural. A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria, entre outras conseqüências, a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio.(MUNANGA,1999,p.19)

Opondo-se ao apagamento de sua identidade cultural, o poeta, pela incompatibilidade e pela contradição sublinha, a cada verso, o ridículo da injustiça, o absurdo do existir e, assim, proclama a ultrapassagem de um extremo para o outro como um excelente meio de raciocinar sobre o irracional (social e ideológico).

No poema *Só Deus pode me julgar*, novamente encontramos essa estratégia:

Pisando nos humildes e fazendo nosso ódio crescer  
 CV, MST, CUT, UNI, CUFA, PCC  
 O mundo se organiza cada um da sua maneira  
 Continuam ironizando vendo como brincadeira (besteira)  
 Coisa de moleque revoltado  
 Ninguém mais quer ser boneco, ninguém quer ser controlado  
 Vigiado, programado, calado, ameaçado  
 Se for filho de bacana, o caso é abafado  
 A gente é que é caçado, tratados como réu

Os partidos, segundo o retor, defendem seus interesses. Para ele, o mundo está organizado de forma a deixar de fora os pobres que, desde a infância, são herdeiros da violência, submetidos à vigilância do Estado e tratados como inferiores. Nas palavras do retor, o ódio é aceso porque “os filhos dos bacanas” têm seus erros escondidos e os filhos dos pobres são tratados como animais: “caçados, tratados como réus”. Portanto, diante do auditório, o retor quer mostrar que o único modo de reação é a guerra contra as falácias partidárias que, historicamente, só se lembram dos pobres nas épocas de eleição e que, depois, os esquecem.

Para ampliar a prova ligada ao *logos*, o poema inflama o *pathos* e assegura o poder destruidor do ódio. Argumentando pelo exemplo, o retor recorda o precedente que, nesse caso, também é um argumento. O precedente é um caso de referência, um exemplo

particularizado de uma regra absurda que se tornou conduta comum: os pobres serão marginalizados e os ricos sempre privilegiados a menos que se declare a guerra.

A técnica de mostrar interesse pelas escolhas políticas de seu auditório para depois impor, disfarçadamente, sua própria escolha como imposição é mais uma das artimanhas retóricas do retor. Isso ocorre porque

(...) às vezes, ou mesmo sempre o recuso da argumentação não passa de uma dissimulação. Haveria apenas uma aparência do debate argumentativo, seja porque o orador impõe ao auditório a obrigação de escutar, seja porque este último se contenta em simular escutá-lo: tanto num como noutra caso, a argumentação não seria mais que uma léria, o acordo adquirido não passaria de uma forma disfarçada de coerção ou de um símbolo de boa vontade (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 62).

Não há como retroceder. A guerra acontecerá. O enunciador manifesta sua decisão, justificada pelo modo como os pretos são tratados (entende-se por pretos, neste texto, todos os que são vítimas de preconceitos). Ao lançar mão do recurso de continuamente reafirmar a miséria e as condições de vida de seu público o retor quer persuadir ou convencer? Tal dúvida fica esclarecida nas palavras de Perelman & Tyteca que mostram a subjetividade destes aspectos no processo argumentativo. Eles explicam:

Nosso ponto de vista permite compreender que o matiz entre os termos *convencer* e *persuadir* seja sempre impreciso e que, na prática, deva permanecer assim. Pois, ao passo que as fronteiras entre a inteligência e a vontade, entre a razão e o irracional, podem construir um limite preciso, a distinção entre diversos auditórios é muito mais incerta, e isso ainda mais porque o modo como o orador imagina os auditórios é o resultado de um esforço sempre suscetível de ser retomado (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 33).

A julgar pelo que expõe o retor, a batalha e a perda de alguns soldados parecem não significar nada, pois a vitória final é o que importa. Como em toda guerra, é preciso haver o sacrifício da vida de alguns em benefício da vida de muitos outros. O indivíduo-guerreiro deve servir à comunidade e sacrificar-se por ela com bravura. Há nesta retórica da guerra anunciada pelo retor uma força política:

Os meios de força necessários para a destruição são criados, por assim dizer, à imagem e semelhança das ferramentas de produção, e o instrumento técnico de cada época abrange ambas as coisas na mesma medida. O que os homens produzem também pode ser por eles destruído; o que os homens destroem também pode ser por eles reconstruído. O poder destruir e o poder produzir estão em equilíbrio (ARENDDT, 2003, p. 86).

Não obstante a pregação da violência, o retor propõe a construção de uma nova forma de vida, na qual seus soldados não sejam mais espezinhados pelo poder dos generais. Suas palavras tentam aproximar sua tese da adesão dos ouvintes. Sabe que o princípio que rege a persuasão é o acordo que considera a universalidade do direito à vida.

Nas palavras do retor, o coração da favela bate forte. Em *Soldado Morto* (2002), encontramos o seguinte cenário de dor:

Ritmo febrozo  
 A paz não existe  
 Mas um doido cai, outra família triste  
 É assim, guerra sem fim  
 Se arrepender tarde demais como tá sendo pra mim  
 Sem os amigos  
 Sem a família  
 Homem não chora, grande mentira  
 Minha disposição no meu mundo surreal  
 Não foi suficiente pra eu virar capa de jornal  
 E nem destaque no Jornal Nacional  
 Muito mau, marginal, coisa e tal, problema social  
 Pra destruição o cenário perfeito:  
 Drogas, armas, na mira de um jovem preto  
 Sem respeito, sem dinheiro, sem Ciclone  
 Sem Nike, sem vida, sem fé, sem nome  
 Nota dez pra falta de atitude  
 Nota zero pro futuro da juventude  
 Não tava pronto pra morrer, mas pronto pra matar  
 Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar

Eu só queria viver  
 Eu só queria sonhar

Depois que o bonde acelera é difícil frear

Não bastasse bombardear o auditório com as memórias apaixonadas da escravidão e com a religiosidade, há ainda o recurso de expor a verdade nua e crua das ruas que serve como premissa neste discurso. Perelman e Tyteca dizem que:

o orador, utilizando as premissas que servirão de fundamento à sua construção, conta com a adesão de seus ouvintes às proposições iniciais, mas estes lhe podem recusar, seja por não aderirem ao que o orador lhes apresenta como adquirido, seja por perceberem o caráter unilateral da escolha das premissas, seja por ficarem contrariados com o caráter tendencioso da apresentação delas. PERELMAN & TYTECA (2005, p.73)

Dessa forma, podemos entender que é a força do acordo entre o retor e seu auditório que possibilita sustentação para a persuasão em busca do convencimento. “Este convencimento é mais do que a mera persuasão” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 30).

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Há, nos textos aqui analisados, as manobras retóricas que nos mostram que, além de todas as marcas persuasivas, há nesta retórica da guerra a marca pessoal do retor, impregnada de sua linguagem, de seu modo de dizer e, nesta linguagem, o contraditório, o discordante, o que ordena a retirada de alguns e que chama a presença de outros se alternam na dança retórica da persuasão. O retor chama, afasta, aceita, repudia, ordena:

Vão tirando a fantasia de artista  
Não tem mais carnaval

O processo contraditório de dizer que o show está acabado para os turistas, mas que é preciso chamar os pagodeiros e os sambistas, mostra que a “festa” não é mais para os de fora. A festa é para o povo do gueto que vive nas vinhas da ira. A festa é só para os de casa, é o quatro de novembro<sup>13</sup>: “Acabou o show para turista”, diz o retor.

Assim, do ponto de vista do orador, o mal é a lei e a ordem. O mal é o demarcador dos territórios geográficos e sociais. É hora do choro. O carnaval da hipocrisia, da máscara, está no fim e com o fim da festa chega a quarta-feira de cinzas, o mistério e o luto da quaresma que prepara o cenário para a catástrofe anunciada: “A luta é o coração de um guerreiro ativista”.

A luta é racial  
A luta é social  
Mas ninguém se espanta  
Porque a guerra é santa

A retórica aqui tem função reparadora porque há nos versos de Bill uma semelhança com a crença da Jihad, não em seu sentido primeiro, do acordo, mas no sentido em que a vê o ocidente: o sentido da guerra santa, contaminada pelo radicalismo dos que querem, a todo custo, matar impiedosamente os infiéis, seus inimigos religiosos e políticos. Os versos assumem ares de fanatismo religioso e a fé se manifesta no poema que vira símbolo desta “pregação” da guerra. Afinal de contas, como diz Barbosa (1978), o que é o poema senão um arriscado modo de resgatar a linguagem social da redundância e da inércia pela criação de um espaço em que as palavras de todos os dias surgem como se fosse, pela primeira vez, aos olhos do usuário cansado pela rotina?

De acordo com as representações simbólicas presentes nas entrelinhas de seus versos ( de vida e de morte), o retor reafirma a determinação de lutar por uma causa que é a

<sup>13</sup>

causa do próprio Deus e que, por isso, não pode ser considerada errada nem pecaminosa. As superestruturas políticas apresentam-se claramente como sustentáculos da idéia de vencer para tomar o lugar ocupado por outrem. Estão na palavra ativista, estão no pagode que comemora essa espécie de comício, no qual o retor toma o palanque e faz seu discurso a favor da justiça. Retoma o conceito platônico: “A justiça é a suprema felicidade do homem” (TRINGALI, 1988, p. 39).

Por todos os ângulos que analisarmos esse texto, notaremos que o retor pretende irmanar, pelo verbo, todo um grupo. Para conseguir esse feito, ele altera significativamente o desejo e move, retoricamente, as paixões do auditório. O povo é chamado para agir. “Nenhuma guerra pode ser vencida sem o respaldo popular, já que é o povo primordialmente quem supre as fileiras de qualquer exército” (HALLIDAY, 1988, p. 16).

Na medida em que o retor dá ordens a seus aliados, congregando-os para poder mostrar aos inimigos que o território está dominado, o discurso revela a presença de um poder paralelo, capaz de considerar que a guerra já está vencida.

Solte as suas armas e comece a despedida  
Abaixe a cabeça, faça o último pedido

Ordenar a rendição dos inimigos serve para declarar ao auditório o poder do exército dos “guerreiros”. Essa estratégia possibilita compreender que há uma “ideologia da maldade” que justifica o mal como sagrado e meio concreto de assumir o comando da sociedade. Fairclough mostra que esse conjunto de palavras que constituem o discurso do retor estão ligadas a uma mesma força ideológica e é isso que lhes atribui dimensão de poder:

Como implicam essas palavras, a prática política e a ideologia não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício de poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta pelo poder, mas também um marco delimitador na luta do poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são foco de luta. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

São as tensões políticas presentes no discurso e representantes do exercício e da disputa da luta pelo poder que nos levam a compreender os atos retóricos realizados até aqui. Faz-se necessário entender que o crime, a maldade, a condenação dos inimigos fazem parte de um ritual de punição dos que o retor considera maus e covardes e de premiação dos

seus soldados, considerados bons e destemidos. Nas palavras do *rapper* MV Bill, o retor continua a comandar a horda:

Convoque os índios, convoque os canibais  
Convoque os sonhos, dos nossos ancestrais

Neste quadro, as evidências históricas do Brasil, irrefutáveis, mostram ausência de políticas públicas que ofereçam saída do labirinto social, descrito em todo texto, possibilita que o retor se apresente como “salvador da pátria” e que ofereça, como solução para todos os conflitos, o rompimento com a calma da sociedade. Para completar sua manobra retórica, o retor, com a pretensão de mostrar que é digno da fé de seus ouvintes, transgride o conceito de paz, anuncia uma nova sociedade construída a partir do caos social, comandada por um povo que saiu dos bueiros, dos esgotos e da escória humana.

Homens e mulheres são convocados a matar os padrões e os opressores numa guerra sangrenta de *Uma declaração de guerra*:

Maria dê veneno à rainha sua patroa  
Volte pro quitim com as jóias da coroa  
Agora cai por terra toda arrogância  
Vamos celebrar, viva a voz da ignorância

Cercado de argumentos que se amparam no sofrimento do seu povo, o retor prega a morte, o roubo, à destruição da arrogância dos reis e rainhas que sempre se aproveitaram dos pobres. Afora isso, anuncia a quebra dos laços entre seu auditório e a sociedade porque mostra uma opinião contrária àquela instaurada nos anais da justiça. Aceitamos que “ser de uma opinião que se afasta de todos os outros é romper uma comunhão fundada” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 63). Consideramos que a ruptura (com a lei e a ordem supostamente estabelecidas pelo Estado) é marca importante deste discurso porque é justamente esta ruptura que investe as palavras do retor de força política, a força de um exército dos “Contra”. Uma força que ataca a “paz e a ordem” social.

A reiteração de sua proposta de aniquilar o mundo construído e reconstruí-lo em outras bases é enfatizada para ressaltar o poder divino do retor: aniquilar e reconstruir.

Mais que isso, o retor declara enfaticamente que a guerra é a única forma de restauração da verdadeira justiça: guerra como única chance de paz. Destacamos aqui que os versos que se seguem mostram mais sobre esta argumentação. As palavras são escolhidas para retratar o contexto da guerra já que:

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN, 2002, p. 113).

A guerra já constituída pelas concepções de mundo do retor e de seu exército e pelos recursos retóricos dos quais se serviu, para-se mais uma vez no simbólico e nos elementos expressivos que se ligam ao contexto. O retor em *Uma declaração de guerra* mostra-se incendiário, bravo, destemido, avisa sobre o ataque: “Vou invadir mais um hospício”.

No caso específico da retórica da guerra, configurada nestes versos por palavras como invadir, guerrilheiros e noite, podemos dizer que ela serve, nesse discurso, para contrariar e desconsiderar o poder instituído. É um artifício para pregar novas alianças entre sujeitos de um mesmo universo marginal e apelar para seus “brios”.

Esta retórica, construída por argumentos pautados na violência e na sede de vingança, apregoa a insurreição e é uma tentativa de reação que contraria os códigos estabelecidos. As palavras superdimensionam a necessidade da guerra na qual tudo vale:

Essa tentativa de resolver, mercê da razão, todos os problemas levantados pela ação, embora tenha contribuído para a generalização da instrução, infelizmente fracassou porque se percebeu, bem depressa, que a unanimidade era precária, ilusória, ou mesmo impensável.

Contudo, todas as sociedades fazem questão de assegurar essa unanimidade, pois conhecem-lhe o valor e a força. Por isso a oposição a uma norma aceita pode levar o homem à prisão ou a um hospício. Por vezes, o mero questionamento de certas decisões será severamente punido (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 64).

No mesmo poema, o retor, mesmo conhecendo os dogmas sociais que, em tese, tentam assegurar fundamentos estáveis para a convivência entre os seres de uma comunidade, fala da necessidade de quebrar as normas, de instituir novas regras: “Vida longa para os pretos, fim do açoite”.

Um dos exemplos da força da retórica desta guerra é o uso da aspiração de divindade, vocação para o eterno e medo da morte são constituintes do sonho humano para conclamar o auditório para a salvação. Aparentemente, o retor inaugura o desejo do futuro e o faz com uma aquarela colorida, divinizada e plena de promessas de felicidade. Perelman & Tyteca (2005, p.31) afirmam que “cada homem crê num conjunto de fatos, de verdades, que todo homem” normal “deve, aceitar porque são válidos para todo ser racional”.

O retor apodera-se deste conjunto de crenças como um recurso retórico e um dos pontos mais fortes da argumentação, pois o maneja e o transforma na promessa daquilo que os homens “normais” desejam obter: a paz, a felicidade, o repouso, a recompensa pelas boas ações.

Para mostrar ao auditório que é possível usufruir tais prêmios, o retor move as paixões do auditório com um só termo: salvar. Para isso, mostra a situação do campo de batalha com palavras que deixam claras as marcas do discurso de violência do Estado; um discurso cheio de má fé contra os negros, uma idéia separatista que os confina às senzalas sociais (as celas), procurando mantê-los longe dos homens “de bem”. *Uma declaração de guerra* deixa claro que brancos e negros estão de lados opostos: “Os pretos estão do lado de cá”.

A essa altura do discurso, a separação dos homens por cor, típica da atitude preconceituosa que o retor denuncia, é tomada aqui como gatilho para suas próximas argumentações. O retor marca os territórios: Brancos e Negros (como povos inimigos) estão em lados opostos numa rede retórica que incide sobre suas intenções persuasivas:

De fato, a retórica é o encontro dos homens e da linguagem na exposição das suas diferenças e das suas identidades. Eles afirmam-se aí para se encontrarem, para se repelirem, para evocarem essa impossibilidade e verificarem o muro que o separa. Ora, a relação retórica consagra sempre uma distância social, psicológica, intelectual, que é contingente e de circunstância, que é estrutural porque, entre outras coisas, se manifesta por argumentos ou por sedução (MEYER, 1993, p. 26).

Ainda nesse poema, vemos que o exército dos negros está unido, a tensão é grande, seus oponentes são falsos e perversos e, por isso, devem ser vencidos. Mais adiante, o orador caracteriza melhor os soldados de seu exército: pretos, detentos, pelados, doidos, resto, lixo.

O mundo real, novamente mencionado, cobre de sombras as palavras do retor. Esses homens estão marcados para morrer, pois “A política de extermínio do Governo do Estado do Rio de Janeiro já atingiu o índice de 6,74 mortos por dia de “confronto” (SANTOS, 2006, p. 1-9). A guerra não pode mais esperar que o número de fuzilamentos dos negros aumente, segundo a voz do retor, a luta é necessária:

Eu avisei que a guerra era inevitável  
Pra quem ta na condição desfavorável

Não pode existir alegria numa vida cheia de humilhações e de tristezas. Os homens desse universo são filhos da dor e do abandono e o que lhes resta é a reação

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

animalesca da batalha sangrenta que lhes é apresentada, retoricamente, como única saída, único meio de felicidade. Fatos e verdades são mostrados no discurso. São eles, os objetos de acordo entre retor e auditório. Perelmam & Tyteca mostram que:

Quando uma primazia dos fatos ou das verdades resulta da maneira de conceber-lhes as relações recíprocas, fatos e verdades não podem ser utilizados exatamente da mesma forma como ponto de partida da argumentação. Presume-se que somente um dos dois goze plenamente do acordo do auditório universal. Mas não podemos esquecer que essa primazia em geral só é evocada quando os dois tipos de objetos são confrontados. Em contrapartida, na prática diária, fatos e sistemas podem ser, indiferentemente, levados em consideração como ponto de partida da argumentação (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 78).

A brutalidade das palavras do retor só pode ser compreendida se o contexto social e político dos homens aos quais ele se dirige for também compreendido. Em *Uma declaração de guerra*, a palavra que populariza o mal, que faz nascer o desejo de agir contra os generais é a palavra esperada, necessária, a palavra que faz nascer a guerra: “Sou animal (sou) sou canibal”, “O verbo que populariza o mal”.

Os homens animalizados “comem as carnes uns dos outros”, tiram a vida de seus semelhantes, agem como feras que se estraçalham mutuamente. O poema reproduz a vida em um ato retórico, pois:

Sendo o poeta um imitador, como o é o pintor ou qualquer outro criador de figuras, perante as coisas será induzido a assumir uma das três maneiras de as imitar: como elas eram ou são, como os outros dizem que são ou como parecem serem, ou como deveriam ser (ARISTÓTELES, 1964, p. 316).

Nos poemas de Bill, a arte imita a vida em seus acontecimentos cruéis. Esses acontecimentos são o tema recorrente desse poeta nascido e criado na CDD (Cidade de Deus). Os conflitos, as misérias, as noites relatadas nos versos aqui estudados fazem parte de um “texto de vida”, contado com rimas e palavras brutas que criam a voz de um retor ferido, angustiado, apaixonado e cheio de rancor à procura de incendiar o auditório com sua ira. Em *Soldado morto* vemos:

Pra destruição o cenário perfeito:  
Drogas, armas, na mira de um jovem preto  
Sem respeito, sem dinheiro, sem Ciclone  
Sem Nike, sem vida, sem fé, sem nome  
Nota dez pra falta de atitude  
Nota zero pro futuro da juventude  
Não tava pronto pra morrer, mas pronto pra matar  
Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar

Para os soldados dos negros, as mercadorias do capitalismo são trocadas pelas armas. Os jovens guerreiros, desde meninos, acostumam-se a não ter os tênis de marca, as boas roupas, pois no lugar disso recebem as drogas e as armas como mercadorias necessárias ao comércio que se faz com sua própria vida numa espécie de escambo macabro, no qual o guerreiro troca sua vida pela sua morte. O mundo do crime é a temática do retor. Podemos entender que:

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

As condições de vida conhecidas pelo auditório são novamente um amparo para as palavras do orador na busca de uma força de reação que possa delinear novos contornos da realidade que, neste momento, o retor descreve como inaceitável.

É possível perceber nitidamente que as pragas da guerra (detentos, sem lamentos, tropa, doido) estão à solta e em comunhão. Deus mandou uma praga de gafanhotos sobre os egípcios para puni-los pela perseguição contra os hebreus e, do mesmo modo, o exército dos oprimidos virou uma praga que vai exterminar seus perseguidores.

Ao longo da análise, pudemos perceber que tudo isso faz parte de um processo argumentativo, no qual a força de reação é incentivada e a luta se metaforiza no quadro pintado em vivos tons de vermelho-sangue. O retor impõe sua força, expõe ao público o *ethos* de guerreiro, de justiceiro. Interpreta, retoricamente, vários papéis que lhe são necessários para representar sua figura de líder. Afirma que as fugas das cadeias são forjadas por homens que representam o poder público. Diz que os bandidos é que estão em desvantagem, que são vítimas de injustiça, que os homens da lei simulam fugas para culpá-los ainda mais perante a sociedade. O poema mostra que, retoricamente, o retor absolve os criminosos e sentencia os juizes à morte.

Adestrador prepare os cães  
 Avise aos lobos que a pele é branca e a carne é viva  
 Fazendeiros não há mais tempo pra remorso  
 Vamos transformar seu paraíso em destroços

Os donos das fazendas, nesses versos, são condenados a morrerem estraçalhados pelos dentes dos “lobos”. A égide da justiça não pode impedir o ataque dos cães furiosos, adestrados para matá-los e devorar suas carnes brancas. O retor estabelece novos liames entre o certo e o errado por meio de uma estrutura simbólica, sustentada pela mobilização de informações retiradas do contexto, nesse recurso retórico “realizado através das imagens que ficaram gravadas na mente coletiva” (Halliday, 1988, p. 20). Esse discurso, que critica as instituições penitenciárias e que denuncia as falcatruas dos representantes da lei e da ordem serve para justificar, mais uma vez, a rebelião.

No inflamar dos argumentos que se enovelam, o auditório não deve perceber que, como em qualquer guerra, o que se solicita é tão preconceituoso quanto o que se critica, tão generalizante quanto o que se generaliza, tão cruel quanto à crueldade narrada. Olho por olho, dente por dente. Na guerra santa não existe a possibilidade de conciliação, o perdão é impensável e o destino imutável.

Nesse discurso, o retor mostra que as palavras fazem parte de um ritual de guerra, são uma espécie de culto preparatório que antecede a batalha. Notoriamente reconhecido como elemento que, no cristianismo, refere-se ao sacrifício de Cristo, o vinho anuncia o sangue derramado. Toda palavra, todo vocabulário está calcado no contexto e representa circunstâncias anteriores e exteriores. *Uma declaração de guerra* denuncia o cotidiano das prisões: “Tensões nas celas”, “São verdadeiros sanguessugas”.

A tensão é marca constante nos poemas analisados e ela também serve de recurso retórico para manter o interesse e a atenção do auditório. A convicção do retor é inabalável e se alicerça na certeza da vitória: seu exército tem a vantagem de ser treinado para a guerra porque os soldados sanguessugas são acostumados à resistência e à morte.

Nas palavras do orador, fica implícito que os homens de seu exército serão salvos e que opressores serão definitivamente exterminados. A vida na detenção, segundo o orador, transformou os cativos em doidos, bichos que estão prontos a derramar “o vinho” na “área” de seus inimigos.

Trata-se, portanto, de mais um recurso persuasivo estabelecido desde as primeiras palavras do discurso, que prossegue com intenção nítida de comover (*cum + movere*), de encantar pelo sentimento, o auditório. Mas é preciso manter presa a atenção da platéia e isso não é tarefa simples, pois:

(...) o orador vê-se confrontado com inumeráveis problemas. Talvez seja esta uma das razões pelas quais o que suscita acima de tudo o interesse é uma técnica argumentativa que se imporia a todos os auditórios indiferentemente ou, pelo menos,

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

a todos os auditórios compostos de homens competentes e racionais. A busca de uma objetividade, seja qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 29).

Em *Uma declaração de guerra*, para não perder o controle sobre o auditório, o retor precisa ser claro, marcar com objetividade os caminhos percorridos por ele em sua argumentação, por isso, mostra, pela força da retórica, a estratégia de uma batalha, ainda verbal, mas já estrategicamente pensada em cada movimento de ataque e de defesa: é preciso tomar o poder porque já houve muito sofrimento; é hora da vingança. Privados do direito à justiça, vítimas do discurso dissimulado do poder que prega igualdade e os trata como seres de menor valor na sociedade, os “soldados” marginais partem para a ofensiva e dizem: “Chega de ouvir esse discurso racial”.

O retor os chama com voz forte. Comanda o auditório e dá um basta aos discursos vazios e às falácias usadas para enganar o povo. Dirige-se ao público e lança-lhe à face as humilhações de que o auditório é vítima, dessa forma, faz com que a idéia da guerra se prolifere com mais intensidade.

Há nos poemas de Bill, um percurso retórico, no qual os argumentos são organizados de tal forma que o auditório é instigado ao desejo de guerrear porque o discurso do retor mostra que já é hora de pôr fim às mentiras e declarar a verdade sobre suas condições de vida marcada pela segregação. É importante ressaltar que o retor ainda diz que popularizar o mal é a única forma de alcançar justiça. Essa argumentação voltada para a violência impossibilita o diálogo, estabelece uma clara barreira entre os grupos sociais e deixa demarcado o território retórico da guerra.

Para viabilizá-la, o retor mostra no mesmo texto que briga pode não levar a nada, mas o nada é só o que resta. É preciso nadar para não ser tragado pelas águas. A pregação da guerra expande-se: a desumanização se instaura para lutar contra o poder econômico que oprime aos guerreiros dos guetos. As palavras cimentam a tese de que é preciso decidir entre lutar ou morrer:

De um lado, humanos, do outro, humanos  
Todos armados então são desumanos

Ao desenhar o cenário de dor e miséria, o retor estrutura o espaço persuasivo de sua argumentação. Uma argumentação que pretende alcançar o maior público possível e

que, verso a verso, procurará abarcar a todos os sofridos, a todos os abandonados, a todos os que, de alguma forma, sentem dores morais, físicas ou espirituais.

Somos seres retóricos e, por isso, identificamo-nos uns com os outros, justamente pela divisão que nos separa. É no dilema da convivência humana que o lutar se torna digno, lógico e razoável na perspectiva do orador. Como o retor fez anteriormente, vai acrescentando virtudes almejadas a seu *ethos*: o paladino, salvador dos oprimidos, guerreiro corajoso, condutor da escória social, profeta do amargor, salvador, o chefe da milícia redentora:

As milícias são tentadoras, ainda mais quando a segurança pública falha, quando há crime e há medo. São condições necessárias. Tanto as milícias, quanto as formas legais de segurança privada precisam deles. Solo fértil para soluções violentas e autoritárias. Porém, cultura e personalidade contam: as soluções de força têm um apelo para algumas pessoas, que é independente do mérito (SOARES, 2007, p. 02).

As promessas do retor são promessas de um chefe miliciano, de um comandante de exército de um poder paralelo ao Estado. A paisagem urbana, com seus precipícios sociais, deixa o poeta perdido em seus pensamentos: em seus versos, aparece um guerreiro, já nem sabe mais qual sua verdadeira identidade e sua confusão: “Não, não faz sentido”, “Sou herói, e o bandido?”.

A repercussão da voz de um homem que é, a um só tempo, rei e prisioneiro do gueto, ecoam nos versos de Bill porque o guerreiro que quer a vitória na arena mostra não saber qual é, ao certo, sua verdadeira identidade. O retor-gladiador descreve a si e a seus companheiros como nulidades: “não somos nada”. Provavelmente este recurso pretenda mostrar que não há mais nada a perder.

Nada ser e nada ter é próprio da vida dos que se vêem marginalizados diante da sociedade. A vida fendida, fragmentada e perdida dos guerreiros parece só ter sentido na guerra que poderá restituir-lhes poder e reunificar-lhes a existência. Vogt (1977) diz que se a linguagem falasse apenas à razão e constituísse, assim uma ação sobre o entendimento dos homens, então ela seria apenas comunicação. Mas, ao mesmo tempo em que ela desprende o conjunto de relações necessárias da razão, ela também articula o conjunto das ações necessárias da existência. E, neste sentido, o seu traço fundamental é a argumentatividade, a retórica, porque é este o traço que a apresenta, não como marca de diferença entre o homem e a natureza, mas como marca de diferença entre eu e o outro entre subjetividades cujo espaço de vida é a história.

Por isso, o retor pode tecer um discurso sem piedade, imperativo e audacioso, no qual a linguagem articula aspectos existenciais a uma razão estabelecida pelo contexto.

O mundo das relações humanas é novamente acordado; o ser social, com suas tradições e raízes históricas, é evidenciado nos versos que cobram de volta tudo o que este povo ofendido perdeu.

Assim como o ser social faz a consciência coletiva, as palavras criam um mundo em que se movem e vivem as pessoas e ao qual emprestam sentido, ou um determinado sentido. Para o retor “escravidão” é o meio de se aviltar o homem, como fizeram nossos antepassados, pois trouxeram para o Brasil levas e mais levas de escravos sob terríveis grilhões (HALLIDAY, 1988, p. 81-82).

Essa história queimada de um povo que sofreu as dores da senzala é acordada e usada como recurso persuasivo para calar fundo na consciência do auditório, acordando nele as dores mais antigas e os tempos mais tenebrosos. Hobsbawn (1989, p. 22) explica que

todo ser humano tem consciência do passado (definido como período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas.(...) Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade) ainda que apenas para rejeitá-lo.O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.(HOBSBAWN,1989,p.22)

Nos versos de Bill, o passado é uma fonte de onde jorram águas e mágoas da memória negra.O retor deseja que a comunidade não se esqueça dos sofrimentos passados.Usa a força e a dinâmica da memória como argumento.O passado é o alimento da guerra e os versos criam novos significados para a realidade representada nele.A linguagem serve para criar o sonho da justiça e da vingança pelas dores do povo negro, guerreiro e sofrido. O poema emprega novos significados ao passado de escravidão e de miséria.Barbosa afirma que:

emprestar um novo significado à linguagem é o exercício à beira da utopia: fugindo à compreensão imediata (e fácil), a nova linguagem, que é o poema, busca apontar o caminho para a identidade da existência por entre a diferença. Reavivar a memória histórica é uma estratégia persuasiva que vale por anunciar aos “quatro ventos”: temos um motivo muito antigo e muito doloroso para esta guerra e para nossa vingança.(BARBOSA,1978.61)

Nesta análise, optamos por não observar as paixões separadamente porque na retórica da guerra as emoções/paixões se fundem umas às outras, misturam-se, assemelham-se, no entanto, por tratar-se de uma retórica da guerra, é natural que a paixão da cólera esteja

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

mais presente nos textos. Consideramos o fato de que nosso objeto de estudo faz parte da literatura e é, portanto, arte, e acreditamos que, para construir a retórica, as paixões foram fundidas, costuradas caprichosamente como numa colcha de retalhos, na qual cada um dos pedaços de tecido tem grande importância.

As “cores e as estampas das paixões” talvez sejam as responsáveis pelos impactos que os poemas de Bill causam. Nesse trabalho artístico de costurar as palavras em versos, ao mesmo tempo em que a confiança e a coragem são representadas, o ódio e o temor são despertados. Nessa obra artesanal que retrata a guerra, quanto mais ódio e mais desejo de vingança são incitados, maior parece ser o sucesso da persuasão. Em outras palavras, podemos dizer que, nos textos de Bill, as paixões da confiança, do temor, da esperança estão muito próximas umas das outras e é isso que dá beleza e vida a seus versos.

Assim sendo, analisamos as paixões ao longo do texto sem fazer separações entre elas e procuramos mostrar o modo como a soma delas pode criar um universo de assombro e de mal: uma colcha de retalhos sombrios, na qual todos os argumentos patéticos, ligados às emoções, se fundem num movimentar de paixões que se sobrepõem, se alteram e se conjugam em artifícios retóricos que abusam das emoções vistas como argumentos.

No campo da organização simbólica, dentro do qual as palavras “representam” papéis, podemos dizer que o retor persuade o auditório (e a si mesmo) por meio das paixões e mostra que conhece de perto o mundo da pobreza. O uso das paixões possibilita que ele elabore uma seqüência de conflitos por meio dos quais busca, na experiência de vida do auditório, a história que conta e a guerra que “canta”.

As paixões, unidas dessa forma, ganham uma força bruta. O retor se metamorfoseia no auditório, a dor da platéia se acende em suas palavras apaixonadas, pois:

A paixão é decerto uma confusão, mas é *antes de tudo* um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido, uma representação sensível do outro, uma *reação* à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o Outro assume em sociedade, a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o Outro é, pelo exame do que o Outro é para nós (ARISTÓTELS, 2000, p. 39).

Consciente de que pode “mover as águas” das paixões e que, por elas, uma identidade de líder pode ser construída diante do auditório, o retor defende a tese de que é impossível a sobrevivência dos pobres sem o confronto mortal. Não importam os motivos reais da luta. O lado de lá e o lado de cá são concebidos (apaixonado e retoricamente) como

inimigos. As paixões são manipuladas como lógica desta guerra, como gatilho, como detonador do conflito.

Isso quer dizer (ou fazer crer) que o retor mostra-se muito consciente de sua posição: vale-se da linguagem, da polissemia como reforço de percepções, do argumento como instigador de sentimentos, *cini incutidor* de valores que conclamam à ação. Os versos singelos, grosseiros às vezes, antipoéticos, quando se pensa na lírica tradicional, pretendem ganhar a necessária força para atingir os propósitos traçados: para cada auditório um discurso adequado. Além disso, o exército dos pretos, mestiços e brancos pobres tem um número muito maior do que o do exército de seus oponentes e, nesse caso, o número de soldados deve causar pânico aos inimigos.

A confiança está alicerçada na vida dos guerreiros. As palavras do retor estão cheias de esperança e a paixão da confiança coloca o orador na posição de liderança do exército, pois:

(...) a confiança é o contrário do temor; o que inspira confiança é o contrário do temível, de sorte que a esperança é acompanhada da suposição de que os meios de salvação estão próximos, enquanto os temíveis ou não existem, ou estão distantes (ARISTÓTELES, 2000, p. 35).

As palavras de Aristóteles nos dão a dimensão do ato retórico aqui realizado: deixando temerosos os seus inimigos, mostrando-lhes o apocalipse que os espera, o orador “fala” como se já tivesse vencido a guerra. Reacende a chama da guerra santa, os cavaleiros cruzados lutam pela redenção, pela fé, pela justiça, estão convencidos da necessidade de matar por uma causa maior e mais nobre. Seu destemor coloca-o em situação privilegiada diante de seus inimigos, pois sua confiança e a certeza de salvação são inabaláveis.

Coragem e certeza da vitória se desenham no plano das paixões na qual transvasa a esperança. Aristóteles diz que:

a esperança é acompanhada da suposição de que os meios de salvação estão próximos, enquanto os temíveis ou não existem, ou estão distantes. O que inspira confiança é o distanciamento do temível e a proximidade dos meios de salvação.(ARISTÓTELES,200p.35)

A salvação virá após a luta contra o mal. Uma luta que deve ter a ajuda do elemento surpresa, pois os inimigos nem imaginam a guerra que os destruirá. E o retor diz:

Os generais nem imaginam nosso plano  
 Perguntem que é só meio um engano

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Jesus está voltando

A volta de Cristo, momento esperado pelos cristãos e anunciado no apocalipse (20:11-15), é cercada por uma atmosfera de medo e de esperança, de redenção e de condenação eternas, pois será, neste momento, que Jesus fará uso de todo seu poder e de sua ira, espalhando tanto a salvação para seus escolhidos, quanto a condenação para os infiéis. Tudo isso é usado como recurso persuasivo. Mais uma vez a fé religiosa é usada como recurso retórico.

Na construção retórica do discurso religioso, os argumentos são sustentados por “provas” baseadas, principalmente, em julgamentos de valor (...). O discurso religioso pertence também à esfera pública, na medida em que compete com outros discursos por recursos, prestígio, corações e mentes. HALLIDAY (1999, p.20-21)

A técnica retórica usada dentro de um pronunciamento maior, relacionado às relações sociais e de poder, permite ao retor que recorra ao Apocalipse e traga, para dentro de seu discurso, cenas que despertam a paixão do temor e causam pavor porque constroem o cenário da guerra e expressam a intensidade do conflito anunciado. Esse jogo de paixões que se entrecruzam molda as disposições do auditório e evoca uma das passagens mais significativas do maior livro da cristandade:

Eu vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu e não se achou lugar para eles.  
 Eu vi os mortos grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros segundo as suas obras.  
 E deu o mar os mortos que nele havia e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia, e foram julgados segundo suas obras.  
 E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo: esta é a segunda morte.  
 E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago.  
 (APOCALIPSE, 21:11-15).

O cenário do Apocalipse serve para mostrar ao auditório a vastidão da cólera, serve para dizer que a ira que o retor “prega” assemelha-se à ira divina, e que essa ira servirá (como na bíblia) para separar os homens em bons ou maus.

As condições sociais determinam que sejam tomadas atitudes severas para que as hostes e as potestades sejam derrotadas. Fica claro que o orador já desconfigurou, pelo movimentar das paixões, seu *próprio ethos* e sua posição diante do mundo: a pessoa que é, a ciência que tem são recursos usados para comandar a “tropa”.

O estilo de que se vale e o tom imperativo como se dirige aos inimigos mostra que o retor já considera a guerra ganha e os oponentes derrotados. O retor está em contato

com o auditório, e deseja o movimentar o auditório para o lugar que ele determinar, de modo retórico.

Enfim, a guerra anunciada, retoricamente construída, comparada ao apocalipse, é citada para persuadir os “guerreiros” sobre o quanto se faz necessário o combate. Assim como não pode haver redenção e justiça sem à volta de Cristo, não pode haver também redenção e justiça para os pobres sem a guerra apocalíptica contra os “generais”. Está estabelecido o império retórico das paixões no texto. Para Aristóteles:

A paixão é a alternativa, sede da ordem do que é primeiro para nós, dissociada essa ordem daquilo que é em si e irredutível a este. Ela é por si mesma o lugar do Outro, da possibilidade diferente do que somos afinal; o indivíduo por oposição ao universo indiferenciado. A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e o outro (ARISTÓTELES, 2000, p. 35).

Em *Camisa de força*, encontramos os versos nos quais o retor mostra a descrença na paz e a crença na injustiça. Aproveita-se do fato de que na retórica moram as paixões, filhas do universo subjetivo e reflexo do céu e inferno dos quais os homens são feitos, e as emprega como poderosas ferramentas a serviço da persuasão.

Pedir paz sem justiça é utopia  
A guerra me parece inevitável  
Pra quem vive na posição desfavorável  
Sufocado, amontoado aqui no morro  
Se a população se revoltar. Não grite por socorro

Essa persuasão é sempre um mecanismo de dominação, um modo através do qual se procura exercer um poder; a sedução que enreda o auditório prende-o e deixa-o a mercê do retor. O orador torna-se poderoso diante do público e mobiliza-o, movimenta-o, tomando posse de suas vontades e de suas opiniões. Por meio das paixões, o orador seduz. As palavras de Meyer explicam o recurso retórico da sedução:

No fundo, a sedução quer reduzir tudo às aparências e dar-lhes consistência de realidade. Quer anular todo o sentido figurado, exige que não se vá para além da ligeireza do dito e que nos instalemos aí. Ou antes: o seu sentido figurado é esta mesma dúvida que imediatamente dissolve. É o paradoxo da sedução: nós não *exigimos* mais do que leva-la à letra, sabendo bem que é sedução. (MEYER, 1993, p.143)

O discurso fica cada vez mais sedutor, mais persuasivo porque a salvação que o retor “oferece” representa, para a cultura judaico-cristã, o gozo, numa pátria celestial ornada

de ouro e diamantes. A salvação é sinônimo de deleite e felicidade eterna na presença de Deus.

A guerra precisa ser vencida, os oponentes serão subjulgados aguardando a punição. Não há amizade entre esses homens que se confrontaram. São inimigos mortais, colocados em lados opostos, são neste momento, vencedores e vencidos, carrascos e vítimas:

A violência não fui eu que inventei  
Somos condenados a serviço de um rei  
Solte suas armas e comece a despedida  
Abaixe a cabeça, faça o último pedido  
Peça qualquer coisa menos ser meu amigo

Na “fala” do retor, as paixões se realçam. O gesto retórico demonstra pela ameaça quão aterradora será a destruição de seus inimigos, e faz isso por meio da apresentação de acontecimentos temíveis: O sofrimento e a morte. Assim:

São temíveis aquelas coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos que levam a grande desgosto. Por isso, até os indícios de tais coisas são temíveis, porque o temível parece estar próximo; é nisso, com efeito, que reside o perigo, a aproximação do temível (ARISTÓTELES, 2003 p. 31).

O temível, o inevitável, o amedrontador são reforçados para que o auditório veja como é importante a liderança de seu líder e como são justos seus motivos para a guerra. O *ethos* está plenamente explicitado. O retor, em *Só Deus pode me julgar*, fala para um auditório que conhece e que sabe como manipular:

É! Mantenho minha cabeça em pé!  
Fale o que quiser pode vir que já é!  
Junto com a ralé sem dar marcha a ré!  
Só Deus pode me julgar por isso eu vou na fé!

O discurso mostra confiança de alguém que não teme o julgamento dos homens e que “vai na fé” acreditando que o julgamento de Deus o absolverá. Esse é mais um ato retórico manipulador que mostra o *ethos* construído pelo retor e superdimensionado pela força das paixões. Lembramos que, de acordo com Fairclough (2001, p. 209) o conceito de *ethos* se constitui um ponto no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também de comportamento geral, que levam a construir uma versão particular do “eu”.

O retor confronta a lei embasado na realidade de seu povo. Seus soldados, marginais, criminosos negros desafiam a ordem instituída e chamam seus inimigos para a guerra armada. Na argumentação, o elo se estabelece pela noção de confiança entre o retor e

seu público. A articulação dos argumentos é perfeita: as paixões despertadas provocam o destaque do cenário macabro, as condições de vida lembradas a todo instante, são usados como argumentos para aguçar a sede de sangue como podemos ver em *Soldado morto*:

Muita adrenalina em nome de nada  
 Meu sangue ta no chão por causa de prosa errada  
 A minha marra foi lavada de vermelho  
 O matador não percebe que atirou no próprio espelho

As palavras dos discursos do retor estão cheias da paixão da cólera somada à paixão do desprezo que os guerreiros sentem pelos poderosos, mas a paixão da segurança também está presente, pois estão certos de que conquistarão a vitória. São essas as paixões que alicerçam o discurso. As paixões, presentes na fala do retor, procuram acender a chama da violência no auditório. *Uma declaração de guerra* prossegue:

Nesse poema, os vencedores, cheios de confiança e alegria, julgam os vencidos que aguardam a hora da morte. O retor descreve o julgamento seguido do ritual de execução tão conhecido nos morros e nas favelas.

O exército dos “perdedores”, dos que não possuem mais nada, está pronto. A perda da ternura os encheu de ódio e o desejo de matar é incontrolável. As relações de poder estão definitivamente desmascaradas: pretos e brancos confrontam pelo poder. Os que se julgaram superiores por séculos serão, segundo o retor, derrotados para sempre. Hobsbawn explica que

a crueldade implícita nas relações entre aqueles que se supõem “naturalmente” superiores e seus inferiores supostamente “naturais” apenas acelerou a barbarização latente em todo confronto entre Deus e o Diabo (...). Em semelhante luta, o fim necessariamente justifica *quaisquer* meios. Se o outro lado é diabólico, então, devemos supor que empregarão meios diabólicos, mesmo que no momento não estejam fazendo isso. HOBSEBAWN (1989, p. 2730)

O retor julga que seu exército está contra o mal e, portanto, ao lado de Deus, mas deixa claro que usará os artifícios da guerra para derrotar seus inimigos. No entanto, não revela ao auditório que a “guerra santa” é de Deus e a luta, colérica, do Diabo. Apenas avisa: “A batalha vai ser dura”.

Salientamos que a paixão suscitada pela cólera impulsiona o ódio manifestado por um retor que insiste em afirmar que a luta trará o prazer da salvação. A racionalidade não mais importa, o passional está no comando. Aristóteles afirma:

A violência da paixão somente estimula as condições de caráter idêntico, de sorte que, aumentadas e fortalecidas, chegam a suplantar a razão. É preciso, entretanto, velar para que as paixões se mantenham num justo meio termo, limitando seu número e cuidando para que em nada contrariem a razão (ARISTÓTELES, 2003, p. 36).

No discurso analisado, os versos mostram que a sede de sangue é fruto do peso carregado durante muitos anos. O exército dos mais pobres e mais fracos é retoricamente incentivado a derrubar o inimigo que se considerava superior e que usava essa superioridade para ferir e maltratar os fracos.

O movimentar das paixões é nítido: o orador procura persuadir, pela intimidação, anunciando o mal que cairá sobre o inimigo. Procura deixar o ouvinte (inimigo) temeroso e o ouvinte (aliado) confiante da vitória triunfal. A criação de um ideal de sucesso traz a paixão da confiança à tona novamente. É com confiança que o retor dá as ordens no mesmo texto: “Adestrador prepare os cães”.

Os poderosos acreditavam que sua força era inabalável e, por isso, não esperavam por um ataque. Ademais, o retor marca bem esta separação quando afirma que os pretos estão do lado de lá e que os diretores forjam fugas, mentem sobre as rebeliões no intuito de incriminar seus prisioneiros, piorando a imagem que a sociedade tem deles.

Continuando o poema, as palavras do retor enfatizam a necessidade de vingança:

Subestimaram, pagaram pra ver, e tão vendo  
Ignoraram a nossa coragem, tão morrendo  
A violência não fui eu que inventei  
Somos condenados a serviço de um rei

Na voz do orador, a cólera associa-se à coragem de vingar-se. Há um rei que comanda para guerrear. Essa é uma outra referência ao sagrado: o Deus cristão é citado em muitas passagens bíblicas como o *senhor dos exércitos* que sempre comanda os justos. Essa construção serve para dizer que Deus comandará a batalha. Não há guerra sem ódio, sem cólera, sem o desejo da destruição do inimigo.

A cólera parece supor a possibilidade dessa vingança, presumindo-se então que o ofensor não é ele próprio tão poderoso quanto acredita ser. A cólera é pois uma paixão que assenta num erro de julgamento de outrem sobre si mesmo (portanto, sobre nós), julgamento que lhe queremos provar ser errôneo (ARISTÓTELES, 2000, p. 43).

No texto *Uma declaração de guerra*, este é o percurso retórico feito pelo retor: armado de confiança, ancorado na “palavra de Deus”, ele super-dimensiona a importância da guerra para qual chama seu auditório. Incita-o à luta, fustiga-o por todos os lados com a ponta fina de uma lança: a paixão da coragem para dar um basta às falácias políticas e sociais: “Chega de ouvir esse discurso racial”.

A lengalenga racial transforma a lei em mentira e o discurso da justiça, do direito, da cidadania em mentira. O retor prega que as leis não existem para os pobres, para os que estão na miséria. Usa a situação de vida dos pobres para denunciar o não cumprimento da lei que as instituições apregoam.

De fato, toda comunidade, seja ela nacional ou internacional, prevê instituições jurídicas, políticas ou diplomáticas, que permitem resolver certos conflitos sem que seja obrigado a recorrer à violência. Mas é uma ilusão crer que as condições dessa comunhão das consciências estão inscritas na natureza das coisas (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 62).

Para o retor, é nessa perda de humanidade, que reside à força e a fé na vitória. Seus soldados são descritos como confiantes, invencíveis por seus objetivos ou pelo número: todos os oprimidos fazem parte desta grei e, assim, o número destes guerreiros é incontável. Os soldados estão confiantes e a confiança é mãe da coragem. Nas palavras de Aristóteles:

São confiantes os que se acham nas seguintes disposições: se crêem que tiveram muitos resultados felizes e nada sofreram, ou se muitas vezes chegaram a situações perigosas e escaparam, porquanto os homens são insensíveis, ou por terem experiência, ou por disporem de proteção, assim como nos perigos do mar os inexperientes das tempestades, e também confiam os que têm meios de proteção graças à sua experiência (ARISTÓTELES, 2000, p. 37).

Neste segmento, o retor mostra-se enraivecido contra as injustiças e os sofrimentos já relatados nos versos anteriores, o retor chama seus seguidores. Aristóteles explica:

A paixão da cólera é como o desejo acompanhado de tristeza, de vingar-se ostensivamente de um manifesto desprezo por algo que diz respeito à determinada pessoa ou a algum dos seus, quando esse desprezo não é merecido (ARISTÓTELES, 2003, p. 43).

Por outro lado, a cólera pode descaracterizar o homem, anulando sua racionalidade. Assim, o homem pode agir como animal feroz que, diante de seu inimigo, empenha-se em derrotá-lo na luta pela sobrevivência, pelo domínio do território ou para

demonstrar que é mais forte do que aquele que o ameaça ou o provoca. A estratégia retórica, nesses versos de *Uma declaração de guerra*, é animalizar o homem por meio da cólera porque a raiva e o ódio podem fazê-lo agir brutalmente e justificar, para si e para o grupo, que agiu assim em defesa própria.

Reacende a chama da guerra santa, os cavaleiros cruzados lutam pela redenção, pela fé, pela justiça, estão convencidos da necessidade de matar por uma causa maior e mais nobre. Seu destemor coloca-o em situação privilegiada diante de seus inimigos, pois sua confiança e a certeza de salvação são inabaláveis. A confiança dos guerreiros vem da certeza se sua periculosidade. Esta confiança é reforçada pela referência à morte (letal), pelo canibalismo e o mal. O *ethos* do justiceiro destruidor, representação da própria morte, quiçá, do próprio Deus cristão enfurecido, aparece novamente.

Privados do direito à justiça, vítimas do discurso dissimulado do poder que prega igualdade e os trata como seres de menor valor na sociedade, os “soldados” marginais partem para a ofensiva. A voz vigorosa chama para a guerra e tenta congrega, por meio da supremacia do verbo, os ideais de todo um povo. Para isso, lança-lhe à face às humilhações já sofridas o conteúdo desta argumentação é a dor de uma “raça” tratada como inferior.

Por isso a argumentação é forte. Sustenta-se. “A persuasão depende do conteúdo, o conteúdo salva ou condena a persuasão” (TRINGALI, 1988, p. 38).

Diz que é hora de pôr fim às mentiras e declarar a verdade sobre suas condições de vida e, diz mais: que popularizar o mal é a única forma de alcançar justiça. Esta argumentação voltada para a violência impossibilita o diálogo, estabelece uma clara barreira entre os grupos sociais e deixa demarcado o território retórico da guerra. Bakhtin (2006, p. 386) esclarece que “na retórica há os indiscutivelmente inocentes e os indiscutivelmente culpados, há a plena vitória e a humilhação do adversário”.

É esta necessidade de vitória e de humilhação do oponente que o retor mostra ao auditório. Novamente a História, em sua abrangência, valida os argumentos usados pelo autor. O auditório não tem como negar que as afirmações do orador procedem e revelam a verdade documentada nos anais.

É visível também mais um dos recursos usados pelo retor, em todo texto, para mostrar quão grandiosa será a vitória: o incentivo à confiança. Para isso, ele nunca diz que é preciso ser confiante, ao contrário, em todo texto, descreve seus guerreiros como invencíveis, um exército formado por muitas pessoas, todas elas incrédulas na justiça, todas elas animalizadas, irracionais, destemidas por força e ordem do desespero que as cercam.

O retor é um narrador que, para anunciar a guerra do presente, conta em versos as dores do passado pois:

o narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.(BOSSI, 1994,p.91)

Ainda no mesmo texto, os vencedores, cheios de confiança e alegria, julgam os vencidos que aguardam a hora da morte. O retor descreve o julgamento seguido do ritual de execução tão conhecido nos morros e nas favelas. A dura lei dos guetos é evocada para mostrar que os inimigos não serão tratados com clemência por aqueles que viveram à margem por séculos de submissão. É a hora da vingança: “Os pretos vão te julgar”, “Então comece a chorar”.

Esses soldados “pretos” desde pequenos correm sobre as ruas de lama com esgoto a céu aberto. Sabem guerrear e conhecem o território, no qual a disputa sangrenta será travada. Estão acostumada a guardar segredos, a não denunciar. Sabem esconder o lugar e a hora do ataque. O inimigo, surpreendido, não pode ter chances de escapar. Além disso, o exército dos pretos, mestiços e brancos pobres tem um número muito maior do que o do exército de seus oponentes e, nesse caso, o número de soldados deve causar pânico aos inimigos. A confiança está, pois, alicerçada no modo de ser e de viver dos guerreiros. As palavras do retor estão cheias de esperança e a paixão da confiança coloca o orador na posição de liderança do exército. Para Aristóteles:

(...) a confiança é o contrário do temor: o que inspira confiança é o contrário do temível, de sorte que a esperança é acompanhada da suposição de que os meios de salvação estão próximos, enquanto os temíveis ou não existem, ou estão distantes (ARISTÓTELES, 2000, p. 35).

Deixando temerosos os seus inimigos, mostrando-lhes o apocalipse que os espera, o orador “fala” como se já tivesse vencido a guerra como nos versos de *Camisa de força* que ameaçam com a guerra sanguinária: “Quando o sangue bater em sua porta, espero que você atenda”.

Há no discurso um orador em constante sintonia com a tese e com a causa que defende: guerrear é preciso. Em seu livro, *A Arte da Guerra*, Sun Tzu ensina:

Coloca as tuas forças em posições das quais, mesmo em perigo de morte, não possam fugir. Dispostas a morrer, quanto não conseguirão delas? Oficiais e soldados cometerão então o impossível. Em situação desesperada, nada temerão. Quando não há saídas, agarram-se às suas posições e ali, sem alternativas, combaterão corpo a corpo (TZU, 2007, p. 132).

Incitados pela confiança, alertados para a situação desigual com a qual a sociedade mede força contra eles, os soldados ficam acuados. Não há como fugir: é preciso lutar até a morte.

O retor mostra em *Uma declaração de guerra* como a sociedade está organizada de forma a explorar os negros. Para ele é preciso a guerra contra esse mundo, é preciso destruir esse mundo atual e reconstruí-lo sob outras bases.

Diante da proclamação de uma nova libertação dos escravos e do fim da tristeza, a fala do retor chama os pretos para longe dos pelourinhos e as paixões se realçam. Diante disso, o gesto retórico demonstra pela ameaça quão aterradora será a destruição de seus inimigos, e faz isso por meio da apresentação de acontecimentos temíveis: O sofrimento e a morte.

São temíveis aquelas coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos que levam a grande desgosto. Por isso, até os indícios de tais coisas são temíveis, porque o temível parece estar próximo; é nisso, com efeito, que reside o perigo, a aproximação do temível (Aristóteles, 2000, p. 31).

Tudo que pode nos causar danos, ou até o prenúncio de tais coisas causa-nos temor, porém, como podemos observar nas palavras do orador, não há como retroceder, pois a guerra acontecerá. Com esse anúncio da batalha os inimigos devem se sentir naturalmente acuados, temerosos. O enunciador manifesta sua decisão, justificada pelo modo como os pretos são tratados.

Existe um condicionamento através do próprio discurso, de sorte que o auditório já não é, no final do discurso, exatamente o mesmo do início.

Esse é um auditório particular. Cabem nele os sofredores, os miseráveis. O discurso do retor não é para um auditório universal. Os felizes, os que podem gozar os bens e desfrutar da vida e de seus prazeres estão fora do grupo para o qual o discurso foi elaborado. O auditório e os argumentos para ele estabelecidos também. E a violência da paixão é uma estratégia de persuasão tornada possível quando o auditório, por força extrínseca, se sente oprimido, ameaçado e inferiorizado em sua condição de ser humano.

Nesse caso, para manter a fidelidade de seu auditório, o retor torna-se mais audacioso. Coragem e certeza da vitória se desenham no plano das paixões no qual transvasa a esperança.

Para continuar seu percurso retórico, no mesmo texto, o retor, que fala nas palavras de MV Bill, afirma que todos os crimes cometidos em nome da causa não de ser perdoados. O retor afirma que é preciso derrubar a arrogância dos maus, que é preciso celebrar a vitória.

Maria dê veneno pra rainha sua patroa  
Volte pro quitim com as jóias da coroa  
Agora cai por terra toda arrogância  
Vamos celebrar, viva a voz da ignorância

A esperança transforma-se na certeza de que Deus será complacente com os humilhados, famintos e ignorantes que somente por meio da guerra conseguem se sentir gente. Aqueles que não tiveram acesso à cultura formal, os ignorantes, os que estão à margem usarão o que têm nessa guerra social: o poder da força física e das armas. “O poder como argumento” (HALLIDAY, 1988, p 97) é o recurso usado pelo orador que incita: “Deus vai perdoar”, “Deus vai entender”.

O poeta adiciona mais sabor ao item salvação para poder servir-se dela nessa retórica da guerra, perfeitamente lógica na constituição de uma verdade que se pauta aos ditos sagrados.

Amor, ódio, desespero, tudo que desumaniza se junta numa mistura apaixonada que o retor serve ao seu auditório. O concreto e o abstrato se misturam como se misturam presente e passado de dores. A paixão que grita novamente aos ouvidos do auditório é, mais uma vez, a da cólera. É a mesma paixão que encontramos no poema *A voz dos excluídos*:

Pode acreditar  
Terrorismo: A voz do excluído ta no ar  
Mais um guerreiro do Rio de Janeiro  
Buscando alternativa pra sair do coma brasileiro  
Considerado louco por ser realista, maluco e não me iludo com vidinha de artista  
Guiado por Jesus, tenho minha missão  
Guerreiro do inferno, traficante de informação  
Chapa quente, favelado é o nome  
Falo pelo menor que nunca teve danone como você  
Sei que é difícil de entender

O exército dos negros está unido, a tensão é grande, seus oponentes são falsos e perversos e, por isso, devem ser vencidos. Mais adiante, o orador caracteriza melhor o soldado de seu exército: pretos, detentos, pelados, doidos, resto, lixo. Nesse momento da argumentação já é difícil caracterizar o auditório como um tipo específico. Os auditórios estão misturados, não são mais independentes, pois:

Acreditamos, pois, que os auditórios não são independentes; que são auditórios concretos particulares que podem impor uma concepção do auditório universal que lhes é própria; mas, em contrapartida, é o auditório universal não definido que é invocado para julgar uma concepção do auditório universal própria de determinado auditório concreto, para examinar, a um só tempo, o modo como é composto, quais os indivíduos que, conforme o critério adotado, o integram e qual a legitimidade desse critério. Pode-se dizer que os auditórios julgam-se uns aos outros (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 39).

Não raro, a barbárie da escravidão é rerepresentada nos discursos de Bill como mais uma estratégia retórica. O retor chama, pelo santo da irmandade de seus ancestrais, os homens pretos, privados de liberdade, obrigados a servir a outros deuses, que não os seus, a fazer a obrigação aos santos que não conheciam, mas que por necessidade e por fé, deram origem ao sincretismo religioso do Brasil. Souza conta que:

O ensino do catolicismo a todo africano escravizado era obrigação dos senhores, o que também serviu de caminho para a organização de novas comunidades negras, principalmente quando agrupadas em irmandades legais de devoção a um determinado santo. Essas associações religiosas de “homens pretos” eram não só aceitas como estimuladas pela igreja católica e pela administração colonial. (...) Os principais santos de devoção das irmandades de “homens pretos” eram Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito (SOUZA, 2008, p. 116).

A irmandade está viva, uns protegerão aos outros, entre irmãos enterrarão seus mortos, cuidarão das famílias que ficarem órfãs de seus filhos e pais guerreiros. A história dos negros está viva em *Uma declaração de guerra* quando o poeta evoca, mais uma vez, a memória dos pretos: “São Benedito, por favor, nos proteja”.

Diante da fúria anunciada nessa retórica da guerra, temos certeza que as dores do passado ainda estão vivas e que os que sofreram a dor do seqüestro e da escravidão guardam profundas marcas em seus corpos e almas. A dor das chibatadas ainda queima. A tristeza da derrota dos Malês anda viva nas palavras do retor. Os fatos apresentados por ele são irrefutáveis e se metamorfoseiam em verdades. A revolta negra pede de volta sua religião, sua cultura, sua verdadeira História.

Na guerra que declara, o retor quer convencer de que a verdade mora em suas palavras e que elas podem levar os soldados ao resgate da dignidade que lhes foi roubada durante tanto tempo. Os que foram banidos para longe do convívio são chamados para assumir o poder. É hora da reza que precede a todo evento importante, vital para a felicidade, para o consolo, para acabar com os temores. A doutrina é a luta, considerada a única saída para o processo de transformação tão ansiado.

Tragam todos os fiéis que estão orando na igreja  
Sem terra, sem teto, sem nada nos dentes  
Sem fama, sem grana, sem luz, sem parentes

O controle incessante do retor é agora evidenciado com mais clareza, pois as pessoas citadas nos versos acima, não são convidadas gentilmente a participarem do conflito. O orador manda que sejam trazidas à sua presença. Neste trecho do discurso, temos por horizonte somente a ordem, a transgressão do direito de ir ou vir, de acordo com sua vontade. Os versos mostram que a lei é a força e a força é a voz do retor. O discurso é de oposição ao poder constituído. Nele, as leis são afrontadas, os papéis sociais subvertidos e o retor anuncia a instauração de um novo governo que servirá aos perdidos e desabrigados. A partir desse ponto da argumentação, fica ainda mais evidente que:

O discurso oposicionista evoca as lutas do passado, ataca a incompetência e a corrupção do presente e alega a competência e confiabilidade para melhorar o futuro.  
A oposição conta com uma vantagem técnica sobre o governo: enquanto os argumentos do governo justificando-o como bom carecem de evidências imediatas para provar que seu discurso não é vazio, os argumentos da oposição justificando-a como competente para efetuar mudanças são colocados no “cartão de crédito”, para pagar depois (HALLIDAY, 1999, p. 19).

A situação precária mostrada diariamente pelos meios de comunicação é um fato comprovado, consumado, conhecido. O governo não tem como negar sua incompetência diante dos graves problemas que devastam este espaço urbano, no qual barracos e pessoas se amontoam e disputam um lugar ao sol. O governo está sem força de reação e, mesmo entrando em confronto com os moradores dos guetos, não tem poder de fogo para enfrentar as forças do tráfico e as milícias.

Tais circunstâncias nos mostram que a voz do retor tende a crescer, fazer sentido, soar como clarim anunciador de um novo tempo já que seu discurso chama os pobres para à vida e diz que dará o poder àqueles que outrora foram acorrentados e humilhados:  
homem como produto histórico

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Causar a mudança de comportamento ou de opinião de alguém, em favor do que dizemos, pode não ser uma empreitada muito fácil. Percebemos que o retor, para ganhar a adesão da opinião de seu auditório, toma um caminho cauteloso nesses versos e chama, carinhosamente, os seus seguidores, procurando lembrá-los das marcas pessoais que carregam. Essa técnica persuasiva é necessariamente usada, pois:

A fim de conseguir que alguém mude de opinião ou deixe de acreditar em uma coisa para acreditar noutra, um comunicador bem preparado tenta, primeiramente, recriar, na mente do outro, experiências pertinentes a sua argumentação. Depois, tenta transformar o modo como seu público percebe o assunto e, ao mesmo tempo, justificar aquilo que é apresentado como verdade (HALLIDAY, 1999, p. 34).

Os que carregam as marcas das mais diferentes torturas são brandamente chamados, assim como os rebelados e os preocupados (bolados). Os indivíduos, aos quais o discurso se dirige, fazem parte de um auditório acostumado ao sofrimento e, dificilmente, se encontrará alguém que não tenha tais experiências. *Uma declaração de guerra* serve para chamar: "Se foi torturado, siga-me".

Com plena consciência de como despertar o auditório para seu intento, o orador conta mais sobre a situação em que se encontram as pessoas que participarão da batalha. Num movimento de gradação ascendente, o auditório é conclamado à luta, à cólera e, simultaneamente, o *ethos* do líder é desenhado com cores ainda mais fortes. Fica evidente a força persuasiva dessas palavras que consideram o outro sua fonte de força e poder.

O retor vê o outro e no outro seu universo de atuação posto que: "a arte de persuadir pressupõe que não estamos sozinhos; só pode ser exercida quando se interpreta o discurso de outrem" (REBOUL, 2004, p. XIX).

Assistimos no texto, à construção retórica de um clima de discórdia que é evidenciado novamente e serve para arrebanhar as ovelhas perdidas. A voz do guerreiro pastor chama os sofrendores, os humilhados, os extenuados, os perseguidos a segui-lo na batalha e na vitória:

Se o nome for maria, siga-me  
Ham siga-me, ham, siga-me

O nome Maria, grafado em minúscula, representa tanto a mulher santa "Santa Maria, mãe de Deus", quanto a Maria pecadora, moradora de Magdala, ou a Maria, mulher do povo. No mundo do crime, normalmente, dominado pelos homens, a mulher é convocada para as fileiras desse exército já que ela é também vítima de sofrimentos e preconceitos.

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Assim, seu pseudo-diálogo é novamente uma escolha imposta pelos implícitos com que marca sua argumentação. Os demais partidos nos ignoraram, mas há que se pensar no partido dos bandidos. O retor fala da violência como fator de unidade, portanto, desse ponto de vista, a violência é boa porque junta as pessoas num mesmo ideal: a vingança.

Constata-se, pois, que tudo que é bom, é bom por este motivo: porque consiste na unidade. Como a concórdia, enquanto tal, é um bem, é evidente que tem seu fundamento em determinada unidade como na própria raiz. Essa raiz, no entanto, deverá aparecer com nitidez quando for considerada a natureza específica da concórdia, porquanto a concórdia é o movimento uniforme de várias vontades (ALIGHIERI, 1999, p. 57).

O chamado, em cada verso, é um chamado incansável para a peleja, mas é um chamado feito pelo mensageiro da verdade de um povo que, há muito, quer de volta sua dignidade. Essa verdade dá amparo à retórica da guerra, fortalece-a e, nesse aspecto, a metáfora de “anjo vingador” não seria exagerada, já que o orador conclama os humilhados e feridos para uma aliança contra a opressão que, de acordo com sua representação da realidade, é ostensiva e dolorida.

Esposamos a idéia de que o auditório que, no início do texto era tratado como auditório de elite por ter conhecimento específico das figuras e representações bíblicas usadas pelo retor expande-se agora e adquire nova feição: de auditório universal.

No caso dos versos de Bill, o retor chama a todos os oprimidos e trata-os como um só rebanho. O termo “siga-me” aparece como um *slogan* que, repetido dentro do poema, mostra claramente o papel de guia que o retor pretende representar para seu auditório. Isso porque:

Os *slogans*, as palavras de ordem, constituem máximas elaboradas para as necessidades de uma ação particular. Devem eles impor-se por seu ritmo, por sua forma concisa e fácil de guardar, mas são adaptados às circunstâncias, (...) seu papel é essencialmente o de impor, por sua forma, certas idéias à nossa atenção (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 189).

O poema *Uma declaração de guerra* traz constantemente a idéia da amplitude da palavra salvação e a dimensão da cólera dos guerreiros. A dimensão histórica dos guerreiros negros é reabsorvida e espalhada nos versos. O *slogan* reforça o chamado do retor que faz referência ao ritual comum entre os cristãos: as rezas ou orações antes de enfrentar o perigo. A platéia sabe que é preciso pedir proteção e as orações dos crentes, pois a escuridão, tão amplamente citada na bíblia, tomará conta de tudo enquanto a guerra durar:

Eu vou pedir mais orações aos crentes

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

A guerra é turva, e deus necessita estar com a gente  
São meia noite, o black-out é geral  
Sirenes, apitos, breu total

A palavra deus, iniciada com letra minúscula, pode ser vista como outro recurso retórico: o deus dessa noite de black-out geral não pode ser o mesmo Deus da paz e da luz. Esse é um deus da meia-noite, um exu, que quer sacrifícios de sangue. Um deus guerreiro como Ogum o orixá negro, mestre da guerra. Algum deus cuja imagem e semelhança tenha a criação dos corpos negros dos guerreiros que decretam morte aos brancos e revela a verdadeira face da guerra.

Obscurecem-se as ilusões da infância que já estão perdidas e a identidade corpórea e espiritual da inocência infantil que já não pode ser restaurada. O amor está acabado. O homem “coisificado” pela dor é como o *Soldado Universal* das ficções Hollywoodianas. A cidadania, o fazer parte de um povo (brasileiro), é apenas uma lembrança. Há nas palavras do retor um desejo de que tudo pudesse ser diferente e de que a guerra não precisasse existir, apesar dos contornos terríveis da realidade. O retor continua no mesmo poema: “Ficou prá trás a nossa dor”, “Lá no passado que restava todo amor”.

Esses versos, de *Uma declaração de guerra*, mostram como o passado se reflete pesadamente no presente dessa gente que é escrava de processos de produção violentos que se amparam, prioritariamente, na exploração dos mais pobres, como forma de obtenção do lucro dos mais ricos. No meio dessa contenda, as crianças são herdeiras das mazelas sociais e esperam o fim dos conflitos.

O retor lança mão de mais um recurso persuasivo: tenta apelar para o senso de identidade de seu povo, lembrá-los que fazem parte do Brasil. Que poderia haver um número menor de conflitos, que os mais pobres não precisariam ser, necessariamente, mais um grupo de risco como os que estão expostos à contaminação de alguma doença incurável, podemos observar que:

Esse contato entre orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 21).

Podemos depreender dessa afirmativa que o retor procura reafirmar a identidade de seu povo e argumenta contra as “ideologias” que influenciam seu povo. É exatamente para fazer essa reafirmação que o retor parece retroceder em seu processo de incitação à guerra. Há, nestes versos, um lapso no qual a violência é momentaneamente

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

esquecida e o sentimento de brasilidade aflora. Mas é apenas uma pausa, uma espécie de apresentação de contra-argumentos que, em seguida, são retomados novamente a serviço da retórica ainda neste texto:

Me lembra que somos brasileiros  
 Mais ideologia, menos conflitos  
 Não façam de nós mais um grupo de risco

Em síntese, mostra ter conhecimento do poder das ideologias sobre as massas e das transformações sociais que se operam sob influência delas. Para compreender a força das ideologias e como agem num país como o Brasil é preciso compreender que:

A ideologia é um dos meios usados pelas classes dominantes para exercer sua dominação sem que os dominados percebam que são realmente dominados. Esse é o papel da ideologia dominante (burguesa): fazer com que as pessoas não se apercebam de que estão divididas em classes (tornando muito mais fácil a dominação).

A ideologia trabalha febrilmente, no sentido de homogeneizar a sociedade. A todo momento, procura demonstrar que só existe um homem brasileiro (o homem cordial), que só existe uma família brasileira (NOVAES, 2008, p.181).

Embora, logo a seguir ele retome seu posto de guerreiro sanguinário, o retor, nessa pausa mostra que pode existir menos “ideologia”, apesar de que seu discurso (como qualquer outro) é também ideológico, pois:

(...) as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder. Em princípio, as relações de poder podem ser afetadas pelas práticas discursivas de qualquer tipo, mesmo as científicas e as teóricas. (...) As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Dessa maneira, compreendendo que toda prática discursiva é também uma prática ideológica e, portanto, uma manifestação política, percebe por que e como o retor apela para a História brasileira, que pode dar mostras, nos mais diferentes períodos, de uma sociedade dividida em castas que privilegiam, sempre, os donos do poder, desrespeitando até os direitos mais básicos dos pobres como o direito à educação e à saúde. Tal situação implica, invariável e fatalmente, no próprio desrespeito à dignidade e à vida.

Muitos negros estão ainda esquecidos em guetos, são eles a carne e o osso das dores sociais, filhos das favelas e das misérias brasileiras. Esses abandonados são os

chamados pela voz forte do retor. São os homens que habitam o deserto social e que ficam de fora, impedidos de conviver pacificamente com o mundo do Capital.

Podemos ver e reparar todos os dias, na relação profunda entre a violência (da guerra, do tráfico de drogas, do crime organizado, da criminalidade urbana violenta) e o poder econômico. Consta-se que a violência gera lucros; sustenta um grande número de atividades econômicas legais, gera empregos, como os da indústria da “segurança” (ou da insegurança e do medo), com suas câmeras, muros, segurança particular. A polícia clama por mais equipamentos para poder fazer frente ao poder letal dos bandidos. A indústria de armas parece mais potente do que nunca. O crime movimentava grandes quantidades de bancos. Há tentativas: leis que tentam cercar a “lavagem de dinheiro”, novas formas de investigação que tenta dar conta do perfil contemporâneo do crime (SCHILLING, 2004, p. 48).

O uso das contradições sociais como recurso persuasivo pode significar que a lei não vale nos espaços descritos pelo retor. A lei nesse lugar é outra: a violência, a força bruta. Dessa perspectiva que observa as condições materiais de vida, o retor faz seu discurso para mostrar que conhece o auditório, sabe os meios de movê-lo, de levá-lo ao lugar onde quer que esteja num determinado momento da argumentação. Perelman & Tyteca (2005, p. 26) dizem: “não se concebe o conhecimento do auditório independentemente do conhecimento dos meios suscetíveis de influenciá-lo. Isso porque o problema da natureza do auditório é ligado ao seu condicionamento (...)”.

No dizer desses autores, há um condicionamento através do próprio discurso de sorte que o auditório já não é, no final do discurso, exatamente o mesmo do início.

Vejamos, então, que o retor que se dirige a um auditório de elite, pode apelar para os bons, para os justos, para os que crêem nas forças e nas formas místicas, por isso, discursa como se fosse alguém que fizesse parte do mesmo mundo dos ouvintes.

Para o orador, o que importa é fazer a platéia acreditar que ele comunga com ela dos mesmos objetivos. Embora pareça, a princípio, que o orador usa a técnica retórica como sua escolha individual, pois “é de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 26).

Dentro do conjunto dos atos retóricos usados, percebemos que orador não é aquilo que quer ser, ele é o que precisa ser para conseguir a adesão de seu auditório e, para isso, não pode tratar tal auditório como um auditório universal visto que:

uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua vivência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais e históricas (PERELMA & TYTECA, 2005, p. 26).

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Cabe-nos destacar que, no caso dos textos de Bill, esse auditório não inclui os brancos, os opressores. Cabem nele os pretos e os marginais, de sorte que o traço que os une fica retoricamente definido a cada verso. O conceito de auditório revela mais sobre a argumentação, pois mostra que nem todos os homens podem fazer parte deste público: os ouvintes têm características específicas impostas pelo seu modo de viver. Nesse ponto da argumentação o auditório é um auditório particular. Se observarmos que:

O mais das vezes, utilizam-se fatos e verdades (teorias científicas, verdades religiosas, por exemplo) como objetos de acordo distintos, mas entre os quais existem vínculos que permitem a transferência do acordo: a certeza do fato A, combinado com a crença no sistema S, acarreta a certeza do fato B, o que significa que admitir o fato A, mais a teoria S, equivale a admitir B (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 78).

Novas afirmações mostram que é esse o único partido cuja plataforma política pode servir aos que estão nesta guerra.

O alemão não apita na favela  
Confira você mesmo, e olhe pela sua janela  
Fale seu partido preciso saber!  
Pmdb, pt,satã,ou tc?

Embora os versos do retor tenham procurado usar como estratégia argumentativa os fatos e verdades, ele se mostra, nesse trecho especialmente, conhecedor também das presunções do auditório. Até que provem o contrário, o povo acredita na presunção de que os partidos e seus políticos só cumprem a função de enganar o povo, fazendo-lhe promessas que jamais são cumpridas. O retor apóia-se na confiança que o auditório tem e que soa como paradoxal: o auditório tem confiança em desconfiar das promessas dos políticos, mostra que:

(...) a presunção varia segundo o auditório e as ideologias. Assim, para um conservador, o costume não precisa de mudança. Para um liberal, o que não compete justificar é a liberdade, mas sim a coerção. Para um socialista, a igualdade é de direito, cumprindo justificar a desigualdade. O orador, portanto, precisa conhecer as presunções do auditório (MEYER, 2004, p. 165).

Por conhecer seus ouvintes e o que pensam, o retor usa as presunções para argumentar e para estabelecer um novo partido político. Satã é (para o cristianismo) a figura que representa o mal, o crime, a guerra e, nos versos de Bill, é tratado como um partido político ao qual é possível se filiar.

A menção ao diabo colabora para que seja construído mais um cenário que se tingirá do sangue derramado na luta entre injustiçados e senhores do poder. O orador reforça, como mais uma prova patética o *ethos* dos marginalizados.

O retor estabelece o acordo com seu auditório por meio da presunção: é no universo do verossímil, do que é normal à vida de seus ouvintes, daquilo que não lhes soa diferente nem estranho. Seus argumentos se baseiam nos fatos presumidos por seu auditório. Nesse caso, fica claro que:

Os fatos presumidos são, num dado momento, tratados como equivalentes a fatos observados e podem servir, da mesma forma que eles, como premissa para a argumentações (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 83).

As palavras do retor parecem coibir qualquer contra-argumentação: ele mostra a segregação social, espacial, a miséria humana em sua forma mais crua. Seus ouvintes são chamados ao acordo porque fazem parte desse mundo sem regras nem leis que os amparem. Não há outra escolha: é nadar ou morrer. Valores concretos e abstratos se misturam nas palavras do retor e as circunstâncias fornecem material sólido para que este edifique sua argumentação.

A argumentação se baseia, conforme as circunstâncias, ora nos valores abstratos, ora nos valores concretos; às vezes é difícil perceber o papel representado por uns e outros. Quando dizemos que os homens são iguais porque são filhos de um mesmo Deus, parece-nos estear-nos num valor concreto para encontrar um valor abstrato, o da igualdade; mas poderíamos dizer também que se trata, neste caso, apenas do valor abstrato que se expressa recorrendo, por analogia, a uma relação concreta, apesar do emprego do *porque*, o ponto de partida estaria no valor abstrato (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 88).

Amor, ódio, desespero, tudo que desumaniza se junta numa mistura apaixonada que o retor serve ao seu auditório. O concreto e o abstrato se misturam como se misturam presente e passado de dores.

São os valores comuns ao retor e ao auditório que autorizam a argumentação do e possibilitam que a argumentação exerça sobre o auditório a influência necessária para chamá-lo a agir.

A existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à idéia de multiplicidade dos grupos (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 84).

Tanto os marginais quanto os marginalizados encontram nos versos de MV Bill um chamado para a luta, um ideal, uma causa a defender. Nessas palavras, o orador apela para os sofrimentos humanos, para as chagas escondidas e oferece a salvação por meio do fogo purificador da guerra. Segundo Soares (2007, p.01), há populações que agüentam a incompetência governamental e policial durante muito tempo antes de recorrer a soluções extralegais, ao passo que outras precisam de menos incentivo para seguir esse falso atalho. No Brasil, há setores substanciais da população dispostos a aceitar a “justiça” individual, a vingança pura e simples.

Nas cenas da batalha retórica, o sangue da luta e os gritos da dor se tornam reais no mundo irreal da ficção da arte literária, resultado retórico da criação humana. Vida e morte se oferecem através de um retor menestrel, messias negro e favelado, mensageiro de uma verdade questionável que declara a guerra santa e chama o povo para lutar.

O discurso de Bill rompe com todo e qualquer conservadorismo, contraria a ética estabelecida, as regras sociais. Seu discurso pauta-se mais no abstrato (o mundo das idéias) do que nos próprios fatos que são lembrados, estrategicamente, apenas em momentos em que suas palavras afiam mais a espada da argumentação.

Portanto, o apoio nos valores concretos seria muito mais fácil quando se trata de conservar do que quando se trata de renovar. E a razão pela qual os conservadores se julgam realistas é, talvez, porque põem em primeiro plano semelhantes valores. As noções de fidelidade, de lealdade e de solidariedade, vinculadas a valores concretos, costumam caracterizar, aliás, a argumentação conservadora (PERELMA & TYTECA 2005, p. 90).

Os valores abstratos são a fonte de seus acordos. O concreto fica diluído diante da apresentação das crenças, das lembranças, das mágoas, dos desejos do retor e do auditório. No texto de Bill, muitas vezes, as recentes e as ancestrais, reclamam seu quinhão de justiça, de esperança e de liberdade. Retórico, contundente, o discurso deste retor conta um pouco de nossa história e mostra muitas de nossas escondidas chagas.

É preciso nadar para não ser tragado pelas águas. As palavras cimentam a tese de que é preciso decidir entre lutar ou morrer como encontramos em *Uma declaração de guerra*: “De um lado humanos, do outro, humanos”, “Todos armados são desumanos”.

A posse de armas descaracteriza os seres humanos. Os homens são iguais na visão do poeta, mas quando armados e colocados em lados opostos perdem toda sua humanidade, viram bichos. Assumem aspectos de Exus sedentos de sangue, campeando oferendas nas encruzilhadas.

Sejam as condições de vida, sejam pontos de vida do retor, sejam traços da cultura da comunidade, o certo é que é tudo “costurado”, misturado neste caldeirão no qual fervem as palavras que procuram fomentar a guerra. Os versos buscam, na memória da escravidão, a sede de vingança pelos abusos cometidos contra os negros. A História é revisitada para servir de testemunha da dor dos pretos, de seu sangue explorado. A saga das dores nas senzalas serve como fatos que autorizam a vingança.

Os fatos que são admitidos podem ser, quer fatos de observação – e esta será, talvez, a fração mais importante das premissas –, quer fatos supostos convencionais, fatos possíveis ou prováveis. Há aí uma massa considerável de elementos que se impõe ou que o orador se esforça por impor ao ouvinte. Uns como os outros podem ser recusados e perder seu estatuto de fato. Mas, enquanto eles usufruírem esse estatuto, deverão amoldar-se às estruturas do real aceitas pelo auditório e deverão defender-se contra os outros fatos que vierem concorrer com eles num mesmo contexto argumentativo (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 77).

Os fatos transformados em premissas, no plano retórico, servem para fazer uma ameaça de vingança. O retor usa, metaforicamente, o vinho como prenúncio da morte. Nota-se o papel de destaque do retor como general que comanda a batalha. As palavras duras que profere asseguram seu poder diante do auditório, ele é a personificação do agente político autorizado. Embora diga que são todos iguais e todos oprimidos porta-se em seu discurso como aquele que está, hierarquicamente, acima dos demais.

A linguagem que, numa sociedade igualitária, pertence a todo mundo e evolui quase livremente, congela-se numa sociedade hierárquica. Nela as expressões, as fórmulas se tornam rituais, são escutadas dentro de um espírito de comunhão e de submissão total (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.186).

A paixão suscitada pela cólera impulsiona o ódio manifestado por um retor que insiste em afirmar que a luta trará o prazer da salvação. A racionalidade não mais importa, o passional está no comando.

Eu avisei que a guerra era inevitável  
Pra quem ta na condição desfavorável

O retor incorporara novamente o *ethos* do guerreiro, sua figura assume ares místicos dos cultos religiosos do candomblé, o retor parece agir como orixá :assemelha-se à figura mitológica de Oxaguiã – Ajagunã, discípulo de Ogum , general e mais valente entre todos os guerreiros, aquele que ganhou a lança das mãos de Ogum e pôde afugentar a morte e as sombras que rondavam sua cabeça quente. Investido desta “entidade”, o retor-general usa a

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

voz das paixões e continua a chamar a tropa e reafirma: “Eu avisei que a guerra era inevitável...”

As palavras de alguns versos são adjetivos de valor disfórico na constituição do poema: *inevitável*, *desfavorável* são usados na construção da retórica de “mão única”: Não há possibilidade de voltar, a guerra estava avisada, anunciada e agora é a vez dos menos favorecidos pela sorte mostrarem a força que possuem. Hierarquicamente, o retor está acima dos soldados e, por isso, alardeia os valores disfóricos.

As hierarquias de valores são, decerto, mais importantes do ponto de vista da estrutura de uma argumentação do que os próprios valores. Com efeito, a maior parte destes são comuns a um grande número de auditórios. O que caracteriza cada auditório é menos os valores que admite do que o modo como os hierarquiza (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 92).

A hierarquização dos valores da vingança, da força bruta e da violência, elevados aos patamares mais altos da argumentação, mostra como o retor vai conduzindo seu auditório. O discurso do retor procura atender ao desejo de vingança do seu auditório e suas palavras designam aos sofridos, aos condenados que se rebelaram em *Uma declaração de guerra* e que querem fazer justiça com as próprias mãos. Os versos anunciam a disputa, a hostilidade, que se espalhará pela cidade quando o “morro descer para o asfalto”.

## CONCLUSÃO

Como é construída a retórica da guerra nos textos de MVBill? Esta questão norteou nosso trabalho. Em busca de possíveis respostas, “mergulhamos” no corpus mesmo sabendo que não existem respostas simples e absolutas, nem verdades definitivas já que “o segredo da verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias”, como diz João Ubaldo Ribeiro (1984, p. 08).

Compreendemos que na impossibilidade de respostas irrefutáveis e definitivas, reside a humildade e a verdadeira essência da pesquisa que sempre almeja esclarecer um pouco mais, revelar algo novo sobre o objeto de estudo ou ainda ampliar, alargar, por pouco que seja, o olhar da ciência para o objeto estudado. Não chegamos, portanto, a conclusões “finais”, mas cremos ter realizado uma investigação teórica em nosso *corpus* a fim de relatarmos aquilo que pudemos ver sobre a retórica da guerra.

Optamos pelo rap (e por sua retórica) porque, em nossos dias, ela é, infelizmente, o grande destaque, a grande fera e a grande ferida que nos traz sofrimentos. Muitas são suas faces, muitos são seus impérios! A humanidade sempre a carregou consigo e, em várias partes do planeta, ela se alimenta fartamente da vida dos homens. Segundo Keegan:

a história escrita no mundo é, em larga medida, uma história de guerras porque os Estados em que vivemos nasceram de conquistas, guerras civis ou lutas pela independência. Ademais, os grandes estadistas da história escrita foram, em geral, homens de violência, pois, ainda que não fossem guerreiros – e muitos o foram – compreendiam o uso da violência e não hesitavam em colocá-la em prática para seus fins. (KEEGAN 1995, P.399)

As notícias que nos chegam diariamente e, a realidade que nos cerca, mostram que vivemos uma guerra, principalmente nas grandes cidades. A violência se propaga e é impossível negar tal fato diante das grades que nos cercam com o objetivo de nos proteger contra os malfeitores.

O Estado não consegue cumprir o dever de dar proteção aos cidadãos e cada um se protege como pode. “Quem pode mais, chora menos”...

O grande número de crianças abandonadas, fora das escolas e envolvidas, desde muito cedo, com as drogas denuncia a enorme possibilidade do surgimento de novas gerações de criminosos cada vez mais violentos.

A História brasileira nos mostra que esse estado de coisas é resultante de um processo de discriminação e de segregação que foi imposto sobre os mais pobres e os marginalizados por muitos anos. Os efeitos dessa prática desumana estão presentes nos horrores que vivenciamos hoje. Os homens dos “*guetos*” transformaram-se em soldados de um exército macabro, sem piedade e com uma ética própria, voltada para a vingança. São os peritos nas “artes da guerra”.

Tentamos captar nos discursos de Bill o modo como é engendrada a guerra retórica, na qual as palavras se aglutinam engenhosamente para construir as torres de onde um retor-sentinela vigia seus inimigos e como um *muesim* chama seus soldados para as preces da batalha.

A luta anunciada nos versos do poeta Bill é declarada por um retor que assusta e encanta ao mostrar a realidade cruel e fria dos barrancos e barracos. Esta ação comunicativa cria uma representação da realidade para que o auditório seja mergulhado nela e acorde para a hora do confronto: favela X asfalto.

Concluimos que a força do discurso é uma força política (e não poderia ser diferente); é o discurso do “PPPOMAR”, Partido Popular do Poder para a Maioria, é o eco da voz e da vez da massa, composta pelos pobres, pelos esquecidos.

Percebemos ainda que a força dos discursos de Bill reside no uso da crença religiosa como argumento: a fé inabalável transforma a “pregação” do retor em certeza, em verdades que apresentam a guerra como único caminho. Esse caminho estreito e perigoso que promete conduzir os guerreiros à salvação.

Mas há mais força nos discursos: constatamos que as paixões são, fundamentalmente, a alma dos poemas de Bill. A guerra que apregoa é, como toda guerra, apaixonada. Misturam-se nela desejos antigos e desejos futuros, crenças do passado e credos do presente, mentiras e verdades, política, ódio e amor, sonhos de conquista e medos de perdas. Sendo passional, o poeta fica mais humano, apresenta-se, literalmente, como líder e como irmão de um povo que se vê perdido no deserto à procura da Terra Prometida de onde emana leite e mel...

Aristóteles diz:

É evidente que o homem é um animal mais político do que as abelhas ou qualquer outro ser gregário. A natureza, como se afirma frequentemente, não faz nada em vão, e o homem é o único animal que tem o dom da palavra. (ARISTÓTELES, 2004, p. 146).

Esse “dom da palavra” é usado para construir, retoricamente, uma figura que é, ao mesmo tempo, um patriarca salvador e um poeta condoreiro capaz de prender o auditório à idéia de que a guerra quer pôr fim ao domínio estrangeiro nos territórios dos negros.

Compreendemos que esta manobra retórica possibilita que o retor resgate o sonho da libertação dos escravos: a quebra das cadeias, o fim dos suplícios e humilhações, o incêndio de todos os pelourinhos, o fim dos mercados “das almas”.

Notamos que todos os desajustes sociais são usados como argumentos e justificativa para guerrear. A paixão da coragem é largamente utilizada e, mesmo sabendo que seu nome pode “sair da lista”, porque a morte está a espreita, o guerreiro, “de coração disparado”, cheio de adrenalina, se vê estimulado para a luta porque almeja alcançar justiça. Observamos que o retor, por meio de um mecanismo de comparação, inocenta seu povo e o coloca nas mesmas condições jurídicas e políticas dos poderosos. Para ele, no país da corrupção, não há quem possa dizer quem é bandido ou mocinho neste Brasil sem lei, no qual se diz não haver mais escravos.

Enquanto existe, a escravidão tem em si todas as barbaridades possíveis. Ela só pode ser administrada com brandura relativa quando os escravos obedecem cegamente e sujeitam-se a tudo; a menor reflexão destes, porém, desperta em toda a sua ferocidade o monstro adormecido. É que a escravidão só existe pelo terror absoluto infundido na alma do homem (NABUCO, 1939, p. 130-131).

Grande parte da argumentação está voltada para a denúncia das maldades dos senhores e dos generais “escravocratas, que dominam o sistema e para a ”demarcação das terras”, dos territórios religiosos, morais e culturais, que os guerreiros consideram seus e que lhes teriam sido confiscados pelos “senhores de escravos”, os brancos.

A insólita associação entre o partido político e o partido satânico, o maldito e o religioso conferem um disfarce à dureza e crueldade dos discursos e criam, em torno deles, uma aura de rebeldia e de inovação porque revelam a espiritualidade latente e o sincretismo religioso tão característico do povo brasileiro.

Em verdade, o texto base desta análise, mostra um imenso paradoxo: o retor quer tirar os generais do poder, mas para seu povo as mesmas regalias que os “brancos” e os generais têm, ou seja: ele quer tomar para si e para os seus o lugar ocupado pela classe dominante, diz que quer justiça, mas quer, realmente, o poder. Diz que quer a paz, mas anuncia a guerra.

Percebemos que, embora seja inovador em essência, o discurso não pode fugir às nuances de conservadorismo porque deixa claro o desejo de preservar o desejo de luta por

aquilo que os guerreiros dos guetos não possuem, mas que desejam tomar e conservar para si, à força, pois a guerra retórica baseia-se no desejo de conquista, pauta-se, portanto, no amedrontamento, na batalha e na vitória, seguindo as etapas e os rituais de toda guerra.

Se, a princípio, tínhamos a suspeita de que a retórica se fazia pelo “tom” apaixonado do discurso, a pesquisa nos revelou que a retórica da guerra vai mais além: a soma de outro elemento, a memória é o segredo da receita retórica de Bill, na qual se misturam tempos, espaços, sonhos e vozes de homens feridos e preparados para ferir e que se apóiam, principalmente, nas lembranças de seus sofrimentos. Podemos afirmar que as paixões e os elementos da Nova Retórica, descritos na pesquisa, certamente colaboram para a construção da retórica da guerra, mas há também a grande contribuição da memória coletiva, de onde o poeta tira sua matéria prima, sua “inspiração”.

A receita retórica de Bill é perfeita: *Mnemosyne*, a recordadora, que preside a função poética e exige a intervenção do sobrenatural, se junta às paixões. *Mnemosyne*, irmã de *Cronos*, o tempo, e de *Okeanós*, o oceano, fala pelo poeta, seu eleito, e este assume uma forma de possessão uma onisciência do tipo divinatório que lhe permite transpor os liames da vida e da morte e viajar dos umbrais dos tempos antigos às portas do tempo presente e do vindouro. Sobrevivendo do tempo e pelo tempo, o retor argumenta sobre a vida e a morte, sobre o presente doloroso e um futuro que promete ser melhor aos que ganharem a guerra. O retor busca suas forças nas paixões guardadas nos relicários da memória. Kensky nos esclarece que:

a memória é algo (um movimento, um processo, uma energia) existente na interioridade dos indivíduos e dos grupos sociais, determinada pelas relações que esses indivíduos desenvolvem com a cultura e que vai orientar seus atos e suas escolhas no percurso de sua história de vida. (KENSKY, 1987, p.103)

Memórias e paixões, transpostas em palavras: eis a retórica da guerra. Concluimos que os poemas de Bill são uma espécie de grito social, visceralmente retóricos porque neles o verbo atua como arma que fere, conclama, reage: o verbo fala das desgraças, chora o bem perdido, denuncia as injustiças, prega a guerra e populariza o mal.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ALIGHIERI, Dante. **Monarquia**. São Paulo: Escala, s/d.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário Histórico das Religiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- BILL, MV. **Declaração de guerra**. (CD). BMG Brasil: Rio de Janeiro, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1999.
- DUBOIS, J. et alli. **Rhétorique générale**. Paris. Larousse, 1970.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília. UNB, 2001.
- FAUSTINO, Mário. **Poesia-Experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- HABERMAS, Jurgen: **Mudança estrutural na esfera pública: investigação quanto a má categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HAESBAERT, Rogério: **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALLIDAY, Tereza Lúcia (org). **Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas**. v. 27. São Paulo: Summus, 1988 (Coleção Novas Buscas em Comunicação).
- \_\_\_\_\_. **O que é Retórica**. São Paulo: Brasiliense, 1999 (Coleção Primeiros Passos).
- HOBSBAWN, Eric. **Sobre História: Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOUAISS, Antônio. (Org.) **Minidicionário da Língua Portuguesa** / organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 2. ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KENSKY, Vânia Moreira. Memória e prática docente. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As faces da memória**. Campinas: Seminarius, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

LAUSBERG, H. **Elementos da Retórica Literária**. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2004.

LOPES, Adriana Carvalho. **A transgressão do sujeito racializado no discurso Hip Hop**. Disponível em <http://lanic.utexas.edu/project/etext/ilassa/2007/lopes/pdf>

LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 2000.

M. Amir Ali, III&E. **Série Brochuras**, nº 18, publicado pelo Instituto de Informação e Educação Islâmica (III&E).

MARCONDES FILHO, Ciro. **A linguagem da sedução**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEYER, Michel. **Questões de retórica: Linguagem, razão e sedução**. Lisboa: Edições 70, 1993.

MOSCA, Lineide do Lado Salvador. (Org). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.

NABUCO, J. O **aboliconismo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NOVAES, Carlos Eduardo. **Capitalismo para iniciantes: a história dos privilégios econômicos**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso fundador**. (org). Campinas: Pontes, 1993

PERELMAN, Chain. Lucile Oldebrects-Tyteca. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

PONTES, Fernanda; SCHMIDT, Selma. **A invasão silenciosa das favelas**. Rio de Janeiro: O Globo, 28/01/01.

POUND, Erza. **ABC da Literatura**. Augusto de Campos. (Org). São Paulo: Cultriz, 1973.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**: 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963, p. 18.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Processos Retóricos na Obra de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978.

SANTOS, Rogério Dultra dos. **Algumas notas sobre o RDD e as políticas públicas de exceção no Brasil**. v. 1. p. 1-9, 2006. Cadernos CEDES (IUPERJ).

SCHILLING, FLÁVIA. **A sociedade da insegurança e da violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Correio Brasiliense**. Notícias da ADF, 08/01/2007. Disponível em: <http://conjunturacriminal.blogspot.com/2007/01/milicias-e-violencia-no-rio-de-janeiro.html>

SOUZA, Manina de Mello. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.

TZU, Sun. **A arte da guerra**. Tradução Pedro Manuel Soares. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

VANNIER, Guillaume. **Argumentation et droit**. Paris, PUF, 2001.

VOGT, C. A. A palavra envolvente”. In: **Linguagem Pragmática e Ideologia**. Ed.Hucitec/FUNCAMP, 1980.

## ANEXOS

### Soldado Morto

Aqui estou eu jogado no chão  
 A nova atração que atrai a multidão  
 O chão tá quente queimando meu peito  
 Alguém passa a mão na minha cabeça do lado direito  
 Enxuga a lágrima que corre no meu rosto  
 Cai de olho aberto, vendo tudo fosco  
 Alguém comenta que olho aberto é vingança  
 Aqui eu era um sábio na terra da ignorância  
 Ouço gritos, carros, buzina  
 Vieram ver o bucha deitado aqui na esquina  
 Decepção pro meu pivete  
 Ver seu pai morrer aos 17  
 Muita adrenalina em nome de nada  
 Meu sangue tá no chão por causa de prosa errada  
 A minha marra foi lavada de vermelho  
 O matador não percebe que atirou no próprio espelho  
 É só pra isso que a gente tem valor  
 Achar que matou o cara certo que é da sua cor  
 Guerrilha burra, ignorância cometida  
 Por causa de inveja, drogas ou intriga  
 Quando parecer que a comunidade vai ficar tranqüila  
 Alguém compra meu barulho e invade com outra quadrilha  
 Mais uma mãe que chora  
 Mais um filho que vai  
 Mais um g3 que canta  
 Mais um amigo que trai  
 Eu só queria viver  
 Eu só queria sonhar  
  
 Condicionado a trair e a decepcionar  
 Conheço essa mão alisando meu queixo  
 É da minha velha que não agüenta e me dá um beijo  
 Mexe a cabeça de forma negativa  
 Parece não acreditar que tiraram minha vida

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Segura minha mão e olha pro alto  
Enquanto o meu sangue se mistura com o asfalto  
Várias mulheres com o choro recolhido  
Minha mina descobre que não era a única a dormir comigo  
Pra alguns alívio  
Pra outros, tristeza  
Não é o fim da guerra, essa é a única certeza  
Ritmo febrozo  
A paz não existe  
Mais um doido cai, outra família triste  
É assim, guerra sem fim  
Se arrepender tarde demais como tá sendo pra mim  
Sem os amigos  
Sem a família  
Homem não chora, grande mentira  
Minha disposição no meu mundo surreal  
Não foi suficiente pra eu virar capa de jornal  
E nem destaque no jornal nacional  
Muito mau, marginal, coisa e tal, problema social  
Pra destruição o cenário perfeito  
Drogas, armas na mira de um jovem preto  
Sem respeito, sem dinheiro, sem ciclone  
Sem nike, sem vida, sem fé, sem nome  
Nota 10 pra falta de atitude  
Nota 0 pro futuro da juventude  
Não tava pronto pra morrer, mas pronto pra matar  
Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar  
Eu só queria viver  
Eu só queria sonhar  
Depois que o bonde acelera é difícil frear

Um sorriso entristeceu, um coração não bateu  
E o pior é saber que o culpado disso tudo sou eu  
Queria o certo no lugar do errado  
Observando a minha vida descer pelo ralo  
As coisas que eu via acontecendo com alguém  
Agora eu percebo que acontece comigo também  
A vida passa pela cabeça como se fosse um filme  
Nesse momento é notável que eu não era firme  
Cadê a sorte, na garagem um scort

Vagabundo dá o bote  
De chinelo, sem camisa e short  
Desamor, dinheiro, notório  
Mulher gostosa e um reinado ilusório  
762 na quadrilha daqui, m 16 na quadrilha de lá  
Moleque bom ambicioso que nem eu  
Coincidência é o desejo e a obrigação de matar  
Fato estarrecedor  
Os inimigos são pobres e da mesma cor (vai vendo)  
Enquanto a nossa carne é sublinhada por terra  
Alguém mais poderoso se diverte com a nossa guerra  
De cada dia, que assusta a tia  
Sem pó de antrax e investigação da cia.  
Quem é esse louco com essa arma na mão  
Que tem como inimigo um cara que parece seu irmão  
De olho grande, traidor atrás de fama  
Camuflado como amigo, me tratando na escama  
História conhecida, final sem graça  
Destaque na praça, carocada na carcaça  
Não, pra mim não tem mais solução  
Nunca senti o chão tão perto do meu coração  
Meu deus, quanta gente em volta do meu corpo  
Vieram ver o soldado que foi morto  
Um lençol azul vai tirando minha visão  
Sinto minha coroa ir largando minha mão  
Não sabia que eu era tão querido assim  
A ponto de fazer várias pessoas chorarem por mim  
O fim, já chegou e eu nem me liguei  
Se fazia diferença  
Mas agora eu sei  
Só não tenho condições de mudar  
Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar.

Eu só queria viver  
Eu só queria sonhar  
A sedução me levou e me fez naufragar

### **Só Deus Pode Me Julgar**

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Vai ser preciso muito mais pra me fazer recuar  
 Minha auto-estima não é fácil de abaixar  
 Olhos abertos fixados no céu  
 Perguntando a Deus qual será o meu papel.  
 Fechar a boca e não expor meus pensamentos  
 Com receio que eles possam causar constrangimentos  
 Será que é isso? Não cumprir compromisso  
 Abaixar a cabeça e se manter omissos.  
 A hipocrisia, a demagogia se entregue à orgia  
 Sem ideologia, a maioria fala de amor no singular  
 Se eu falo de amor é de uma forma inocular  
 Quem não tem amor pelo povo brasileiro  
 Não me representa aqui nem no estrangeiro  
 Uma das piores distribuições de renda  
 Antes de morrer, talvez você entenda

Confesso para ti que é difícil de entender  
 No país do carnaval o povo nem tem o que comer  
 Ser artista, Pop Star, pra mim é pouco  
 Não sou nada disso, sou apenas mais um louco  
 Clamando por justiça, igualdade racial  
 Preto, pobre é parecido mas não é igual  
 É natural o que fazem no senado  
 Quem engana o povo simplesmente renúncia o cargo  
 Não é caçado, abre mão do seu mandato  
 Nas próximas eleições bota a cara como candidato  
 Povo sem memória, caso esquecido  
 Não foi assim comigo, fiquei como bandido  
 Se quiser reclamar de mim, que reclame  
 Mas fale das novelas e dos filmes do Van Dame  
 Quem vive no Brasil, no programa do Gugu  
 Rebolou, vacilou, agachou e mostrou  
 Volta pra América e avisa pra Madona  
 Que aqui não tem censura meu país é uma zona  
 Não tem dono, não tem dona, nosso povo ta em coma  
 erga sua cabeça que a verdade vem à tona.

É! Mantenho minha cabeça em pé!  
 Fale o que quiser, pode vir que já é!  
 Junto com a ralé Sem dar marcha ré!

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Só Deus pode me julgar, por isso eu vou na fé !

Soldado da guerra a favor da justiça  
 Igualdade por aqui é coisa fictícia  
 Você ri da minha roupa, ri do meu cabelo  
 Mas tenta me imitar se olhando no espelho  
 Preconceito sem conceito que apodrece a nação  
 Filhos do descaso mesmo pós A- abolição  
 Mais de 500 anos de angustia e sofrimentos  
 Me acorrentaram, mas não meus pensamentos  
 Me fale quem... Quem!?  
 Tem o poder... Quem!?  
 Pra condenar... Quem!?  
 Pra censurar... Alguém!?  
 Então me diga o que causa mais estragos  
 100 gramas de maconha ou um maço de cigarros?  
 O povo rebelado ou polícia na favela?  
 A música do Bill ou a próxima novela?  
 Na tela, sequela, no poder corrupção  
 Entramos pela porta de serviço  
 Nossa grana não  
 Tapão ... só pra quem manda bater  
 Pisando nos humildes e fazendo nosso ódio crescer (CV)  
 MST, CUT, UNE, CUFA (PCC)  
 O mundo se organiza, cada um a sua maneira  
 Continuam ironizando  
 Vendo como brincadeira, besteira  
 Coisa de moleque revoltado  
 Ninguém mais quer ser boneco  
 Ninguém mais quer ser controlado  
 Vigiado, programado, calado, ameaçado  
 Se for filho de bacana o caso é abafado  
 A gente é que é caçado, tratados como Réu  
 As armas que eu uso é microfone, caneta e papel  
 A socialite assiste a tudo calada  
 Salve ! Salve ! Salve!  
 Oh ! pátria amada, mãe gentil  
 Poderosos do Brasil  
 Que distribuem para as crianças cocaína e fuzil  
 Me calar, me censurar porque não pode fala nada

É como se fosse o rabo sujo falando da bunda mal lavada  
 Sem investimento, no esquecimento, explode o pensamento  
 Mais um homem violento  
 Que pega no canhão e age inconseqüente  
 Eu pego o microfone com discurso contundente  
 Que te assusta uma atitude brusca  
 Dignificando e brigando por uma vida justa  
 Fui transformado no bandido do milênio  
 O sensacionalismo por aqui merece um prêmio  
 Eu tava armado mas não sou da sua laia  
 Quem é mais bandido? Beira mar ou Sérgio Naya?  
 Quem será que irá responder  
 Governador, Senador, Prefeito, Ministro ou você?  
 Que é caçado e sempre paga o pato  
 Erga sua cabeça pra não ser decepado

É! Mantenho minha cabeça em pé!  
 Fale o que quiser pode vir que já é!  
 Junto com a ralé sem dar marcha a ré !  
 Só Deus pode me julgar por isso eu vou na fé !

Como pode ser tragédia a morte de um artista  
 E a morte de milhões, apenas uma estatística?  
 Fato realista de dentro do Brasil  
 Você que chorava lá no gueto ninguém te viu  
 Sem fantasiar realidade dói  
 Segregação, menosprezo é o que destrói  
 A maioria é esquecida no barraco  
 Que ainda é algemado, extorquido e assassinado  
 Não é moda quem pensa incomoda  
 não morre pela droga, não vira massa de manobra  
 Não idolatra mauricinho de TV, não deixa se envolver  
 Porque tem proceder Pra quê? Por quê?  
 Só tem paqueta loira, aqui não tem preta como apresentadora  
 Novela de escravo a emissora gosta de mostrar os pretos  
 Chibatadas pelas costas  
 Faz confusão na cabeça de um moleque que não gosta de escola  
 E admira uma intra-tek Klik – clek Mão na cabeça  
 Quando for roubar dinheiro público  
 Vê se não se esqueça

que na sua conta tem a honra de um homem envergonhado  
 Ao ter que ver sua família passando fome  
 Ordem e progresso e perdão  
 Na terra onde quem rouba muito não tem punição

É! Mantenho minha cabeça em pé!  
 Fale o que quiser pode vir que já é!  
 Junto com a ralé Sem dar marcha ré!  
 Só Deus pode me julgar por isso eu vou na fé !

### **A noite**

O sol se põe a noite vem  
 Tem muita gente na pista eu sei quem tem  
 Céu estrelado o brilho da lua  
 Com a proteção de Oxalá eu vou pra rua  
 Pista, rua, pista, estrada

Saindo a noite varando a madrugada  
 Acompanhado ou sozinho  
 Oxalá iluminando, sempre meu caminho  
 Uma celebração esta noite merece  
 A noite é onde tudo acontece Gente nasce, gente morre

Gente feliz, gente sofre  
 Na noite você conhece alguém  
 Na noite se arruma inimigo também  
 Sexta feira destino Madureira  
 Ninguém fica em casa plantado de bobeira  
 Festeje a noite

Celebrando a cada momento  
 A noite, a noite é onde tudo acontece  
 Na saída da minha casa eu levo uma geral  
 Pra não perder o costume natural  
 Coisa normal no meu bolso tem nada  
 Aí negão tá liberado, rala!

Tô acostumado isso não me abala

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Vou encontrar com os amigos lá na praça  
 A noite é longa, ainda é cedo  
 A noite é negra, escura como preto  
 Com os amigos sentados a mesa

Refrigerante, salgado, cerveja  
 Comendo, bebendo, escutando um som  
 Um irmão chamando o outro de sangue bom  
 Basta ser malandro pra perceber  
 Que a noite tem muito pra te oferecer  
 Comemore esta noite ela merece  
 A noite é onde tudo acontece, festeje a noite  
 Celebrando a cada momento  
 A noite, a noite é onde tudo pode acontecer  
 Na noite mataram, prenderam demais  
 Na noite tem gente a caminho da paz

Mãe preocupada rezando fé em Deus  
 Eu gosto da noite ela é escura como eu  
 Já deu cinco horas o dia vai amanhecer  
 M.V.BILL voltando para CDD  
 Outro dia, outra noite vai chegar

(Vamo que vamo que o som não pode parar)  
 Festeje a noite  
 Celebrando a cada momento  
 A noite  
 A noite  
 É onde tudo pode acontecer.

### **Cidadão Comum Refém**

Não somos poucos e somos muito loucos  
 Guerreiro é guerreiro de noite e de dia  
 Mv Bill, Charlie Brown Jr. conexão Rio Santos

Mexeu com a família agora se vira, segura a seqüência segue a quadrilha

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Toda vez a mesma história, criança correndo mãe chorando chapa quente  
 tiro pra todo lado silêncio na praça o corpo de um inocente  
 chega a maldita polícia, chega a polícia o medo é geral  
 armado fardado carteira assinada com o ódio na cara pronto para o mal  
 mais um preto que morre ninguém nos socorre a comunidade na cena a arma dispara o cambio  
 comenta parece até cinema não é  
 é real, as armas não são de brinquedo  
 quando a polícia invade a favela espalha terror e medo  
 é gente da gente que não nos entende usam de violência  
 o corpo estendido no chão ao lado uma poça de sangue consequência do despreparo daqueles  
 que eram pra dar segurança  
 e ganham aumento com bravura quando tudo termina em matança  
 refém do medo, guerreiro do inferno guiado por Jesus  
 na escuridão, tentando buscando achar uma luz  
 e por falar, fazendo uma curva uma viatura  
 vou ter que dar uma parada porque, agora vou ter que levar uma dura como sempre acontece  
 tapa no saco me chamam de preto abusado  
 documento na mão, vinte minutos depois eu to liberado  
 é complicado ser revistado por um mulato fardado  
 que acha que o preto favelado é o retrato-falado  
 sempre foi assim (sim), covardia até o fim (fim)  
 a porrada que bate na cara não dói no playboy porque só dói em mim  
 programado pra matar pá pá, atire depois pra perguntar  
 se ele trabalhava ou se traficava só sei que deitado no chão ele tá e gera revolta na cabeça da  
 comunidade  
 que é marginalizada pela sociedade  
 que se cala escondida no seu condomínio  
 na favela ainda impera a lei do genocídio  
 90% da população não anda de arma na mão  
 não confiam na proteção  
 medo de camburão  
 vê cacete na mão  
 fica jogado no chão

REFRAÃO: Quando o ódio dominar, não vai sobrar ninguém  
 o mal que você faz reflete em mim também, respeito é pra quem tem, pra quem tem

Autoridade vem e invade sem critério nenhum  
 o som da sirene o cheiro de morte derrubaram mais um

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

na frente do filho eles quebraram o pai  
 o Zé povinho fardado vem entra mata e sai  
 sem ser julgado corrompido alienado revoltado fracassado  
 vai pintando esse quadro  
 o quadro do filme da sua vida (da sua vida)  
 o quadro de vidas e vidas da maioria esquecida  
 decorrente do descaso e da corrupção  
 moleque cresceu não tinha emprego então virou ladrão  
 menor bolado por aqui tem de montão  
 morre um nasce um monte com maior disposição

E o pensamento de todos aqueles que à lei das favelas são fiéis  
 a revolta te consome da cabeça aos pés  
 e o pensamento de todos aqueles que à lei das favelas são fiéis  
 a revolta te consome da cabeça aos pés

A falta de perspectiva  
 sem a possibilidade de escolher o que é melhor pra sua vida  
 o que gera revolta na cabeça da comunidade  
 que é marginalizada pela sociedade  
 que se cala escondida no seu condomínio  
 na lei da favela ainda impera o genocídio  
 sua dura vida lhe ensinou a caminhar com as próprias pernas  
 resta agora você se livrar do mal que te corrói, e te destrói  
 porque o crime não é o creme bota a cara mister M  
 qualé mané o que que há, vacilou virou munrá  
 porque o crime não é o creme bota a cara mister M  
 qualé mané o que que há vacilou virou munrá

Não é somente a favela  
 que é condenada a viver a luz de velas tática de guerra  
 tiro não me enterra  
 capitão do mato pra atirar e não erra  
 depois que descobre que o cara deitado no chão era inocente  
 revolta na mente favela que sente, ódio toma conta de muita gente  
 todo mundo pra rua querendo bota fogo no pneu  
 querem se manifestar por que alguém morreu  
 só a mãe que vai chorar sabe o que perdeu  
 tem rua fechada carro parado camisa na cara piloto assustado

relógio roubado busão ta quebrado neguinho bolado caminhão saqueado  
batalhão de choque de porrete na mão  
tiro para o alto pra assustar multidão  
tira o pino da granada de efeito moral  
nessa hora todo mundo apanha igual marginal  
e xinga o pobre de preto botando geral pra correr  
saia voado se não quer morrer  
se pegar te esculacha  
bomba de gás bala de borracha  
a manifestação que era pra ser contra violência  
deixa mais feridos como consequência  
manda a molecada pra casa  
tira a barricada a pista liberada não acontece nada multidão se cala  
hoje eu vo falar tudo que acontece na favela não abala ninguém  
pedir ajuda a quem veja o que tem o povo ta sem somos do bem  
falta ou não alguém  
só resta o choro e o lamento da família dos amigos  
que perderam muitos queridos  
procure Deus e diga amém  
de boca fechada para o seu próprio bem  
teve um menor de camisa na cara  
que deu uma pedrada no guarda que tava  
baixando a porrada e que não aceitava  
que aquilo rolava  
o morro chorava  
peço proteção de quem não teme nada  
só mais confusão e mais gente machucada  
favela ocupada o medo dominando  
quem é trabalhador fica em segundo plano  
o sangue marcando  
o povo enterrando  
imposto pagando  
desacreditando  
justiça clamando  
por Deus implorando  
por almas orando  
com a vida jogando

Favela ocupada por uma semana vivendo em clima de tensão  
quem tenta esquecer não consegue se lembra quando vê o sangue no chão

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

a comunidade ainda assustada aos poucos retorna ao seu dia-a-dia  
lágrima seca mente prepara o corpo pra próxima covardia.

### **Camisa de Força**

Direto do hospício que chamam de favela  
Aqui mas um maluco que não acredita em novela  
Se a vida é bela na tela tudo bem,  
Quem é louco como eu veste camisa de força também.  
Minha loucura é simples de ser compreendida.  
Me transformaram em canibal em preto suicida  
Inconformado mensageiro da verdade  
Vendo o povo agonizado às margens da sociedade  
Que massacra, destrói, humilha,  
Transforma seu filho em ladrão  
E prostitui sua filha.  
Te escraviza, te humilha, te mata  
Enquanto o verdadeiro ladrão usa terno e gravata,  
Não manuseia fuzil, nem escopeta  
Mata milhões de brasileiros só com a caneta  
Fica impune, não vai preso,  
Ele não é pobre, não é preto  
Se for condenado fica em cela separada  
Com televisão, frigobar e água gelada  
Criminoso com nível superior, financia a guerra, ódio, o rancor  
A burguesia faz questão de não entender,  
Disca 190 e manda os homens me prender  
O sociólogo me ouve e fica puto,  
Diz que esse bagulho de rap é coisa de maluco  
Analfabeto, ignorante sem cultura  
Diz que quem é sábio com favelado nunca se mistura  
Quem diria, que sabedoria,  
Estudou em outro país e agora tem pavor da maioria  
MV Bill um maluco chapa quente  
Que não aceita as covardia assim tão facilmente,  
Eu to ligado que a elite me odeia,  
Me chama de bandido e diz que mulher preta é feia  
Eu na cadeia sentiriam até pena,  
Menos um problema MV está fora de cena

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

O pesadelo que elite não que ter,  
Bater de frente com alguém da CDD

Trema na base quando vê o Bill,  
Chama a polícia quando vê o Bill,  
Aquele preto com o corpo tatuado  
Denunciando a pobreza e a miséria no Brasil  
Tem muita coisa na TV que eu não curto  
Só mais um maluco  
Só mais um maluco  
Na hora de falar eu nunca fico mudo  
Só mais maluco  
Só mais um maluco  
Manda os homens me prender me deixa puto  
Só mais maluco  
Só mais um maluco  
Eu nasci assim por isso eu nunca mudo  
Só mais um maluco  
Só mais um maluco

A madame se assustou, a favela me deu dez  
Quando eu entrei sem camisa de pistola no Free Jazz  
Pra quem duvida ainda tem muito mais,  
Eu faço apologia não do crime e sim da paz  
Mais roupa branca sem pensar na maioria,  
Pedir paz sem justiça é utopia  
A guerra me parece inevitável  
Pra quem vive na posição desfavorável  
Sufocado, amontoado aqui no morro  
Se a população se revoltar  
Não grite por socorro  
E o armamento povo que se formar  
Veja seu descaso e arrogância no que vai parar  
Pode esnoabar quem vive de baixa renda,  
Quando o sangue bater em sua porta espero que você entenda  
E descubra que ser preto e pobre é foda  
Sociedade hipócrita só lembra de ser brasileiro na copa  
Fora de moda em cima do toque africano, desobediente,  
Troque o pente enquanto vou falando,  
Militando, declamando, rimando, versando, brigando,

**pdfMachine**

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Gritando, morrendo e a mesmo tempo matando  
 Meu país cadê sua raiz, aqui o povo que não luta è chamado de feliz  
 E segue a risca os padrões da burguesia.  
 A mesma que as influencia minha e sua tia,  
 Na frente do espelho imitando a coreografia,  
 Incentivando a brutal pedofilia,  
 Eu creio em Deus pai todo poderoso só o único que me guia,  
 Se for pra ser feliz assim serei maluco até o fim  
 E se uma guerra amanhã estourar, sei qual o lado eu vou estar.  
 É muito confuso, é muito sinistro quem casa a miséria aqui  
 Jura ter amor ao cristo e com seu ar superior  
 Não tem respeito pelo gay, pelo idoso, pelo pobre e pelo preto.

Trema na base quando ver o Bill  
 Chama a polícia quando ver o Bill  
 Aquele preto com o corpo tatuado  
 Denunciando a pobreza e a miséria do Brasil  
 Só mais um maluco  
 Só mais um maluco  
 Tem muita coisa no rádio que eu nem escuto,  
 Só mais um maluco  
 Só mais um maluco  
 E com vidinha de artista eu não me iludo,  
 Só mais um maluco  
 Só mais um maluco  
 Lá na favela dona Maria tá de luto,  
 Só mais um maluco  
 Só mais um maluco

### **De Homem Pra Homem**

São onze da noite eu vejo televisão  
 Daqui a pouco eu vou sair pra quebrar  
 aquele vacilão  
 Que já deu várias mancadas com a rapaziada  
 Sua própria

pdfMachine

**A pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

família não quer saber de nada  
Já foi carro, relógio, varal Estuprou uma  
mina de quinze lá no matagal Deu cascudo no meu moleque à toa  
Agrediu minha mulher, xingou minha coroa  
Burlei a lei, minha cabeça já não sei  
Como posso esquecer se eu não perdoei  
No júri da favela já tá condenado  
Ao sono eterno, lá no sítio, queimado  
O mundo tá pequeno pra nós dois  
Ele riu várias vezes, quero ver rir depois  
Eu fico bolado de cabeça quente  
Quando eu penso que ele usou, massacrou muita gente inocente  
Na televisão  
um filme de ação  
Me dá empolgação, pra sair pra minha missão  
Quando eu  
vejo uma coroa triste  
Eu me lembro que no morro, segunda chance não existe  
Uma palavra vale mais do que contrato  
Se vacilar pá, pá vai pro saco  
Um cigarro agora pode me acalmar  
Mas somente um de nós dessa noite irá  
passar  
Seu maior erro foi me subestimar  
Segura agora a onda que o bicho vai pegar  
Mexer com a coroa dele jamais  
Eu vou subir seu gás, essa noite não vai ter paz  
Não se brinca com a honra de ninguém  
Ele me esculachou e  
zuou morador também  
Bateu na mina dele de barriga  
Feriu uma mulher,  
tirou uma vida  
Fiz por menos até onde deu  
Por judiaria dele um parceiro meu morreu  
Conspiração, papo de cuzão  
Deixou o amigo ir de pedra sem explicação  
Outra vida, foi tudo o que  
sonhei  
Mas tenho que honrá a cadeia que eu já puxei

Talvez um crime a  
mais para assinar  
Um a mais, um a menos, quem é que vai ligar?  
Já saí, já voltei, sou reincidente  
Mas nunca coloquei terror na minha gente  
Depois que agente entra não tem saída  
121,157 ta na minha vida  
Perspectiva de vida aqui é foda  
AK 47 com o pente de noventa é moda  
Mais uma história, mais um querendo uma vitória  
Não vou dar mole, porque não  
quero virar memória  
A paz e a guerra não andam de mãos dadas  
Se a guerra imperou, um de nós vai ficar na vala  
PT40 na cinta, vou pra pista  
Apagar mais um cuzão da lista  
Tá chovendo, eu vou sair de casa  
Nervoso pra chegar onde ele para  
O bicho vai pegar, quando agente se encontrar  
Um vai ficar em pé, o outro vai deitar  
Essa hora ele deve tá no fliperama  
Eu vou chegar e acabar de vez com sua fama  
Quem deixa falha é cobrado lá  
na frente  
Eu sou o cobrador, o terror em forma de gente  
Não tem criança,  
não tem ninguém na rua  
Eu tô que nem louco, andando pela chuva  
Jaqueta de couro, calça jeans velha  
Touca preta na cabeça, minha farda de guerra  
Meu filho só Jesus pode te salvar  
Eu lembro que ouvi essa frase em algum lugar  
Deixa pra lá, meu destino tá chegando  
Parece um filme antigo na TV  
reprisando  
Não tenho mais certeza nem segurança  
Se vai valer a pena minha  
vingança  
Que se foda, que ele morra, não vou voltar

Já vim até aqui  
agora não posso falhar

Quando lembro o que ele fez com meu filho  
Não sei se é motivo, o dedo coça no gatilho  
Sinto frio, o batimento acelera  
Eu sou mais um soldado, armado, escravo da guerra  
Boca seca, mão tremendo Minha coroa foi dormir, com mau pressentimento  
Eu vejo de longe o fliperama, tá cheio  
Olhando com  
atenção o pilantra não está no meio  
Com receio, mas vou até o fim  
Tô ligado que ela tá bolado vindo atrás de mim  
Desistir não da retroceder jamais, a covarde vem com dois malucos de fuzil atrás  
Todo mundo me olhando de forma esquisita  
Que sensação, meu nome vai sair da lista  
Ouço uma voz por trás  
(filho da puta)  
Me lembro que eu falei que essa noite não ia ter paz.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)